

A TERRA DAS CATARATAS

UMA DISSERTAÇÃO SOBRE O TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU, PARANÁ - BRASIL

GABRIEL DE SIQUEIRA GIL

Foz do Iguaçu

2020

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS
LATINO-AMERICANOS (PPG IELA)**

A TERRA DAS CATARATAS

UMA DISSERTAÇÃO SOBRE O TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU, PARANÁ - BRASIL

GABRIEL DE SIQUEIRA GIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Latino-Americanos. Área de concentração: Cultura e Sociedade na América Latina.

Linha de pesquisa: “Práticas e Saberes”

**Orientador: Prof. Dr. Hernán Venegas
Marcelo**

Foz do Iguaçu

2020

GABRIEL DE SIQUEIRA GIL

A 'TERRA DAS CATARATAS'

UMA DISSERTAÇÃO SOBRE O TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Latino-Americanos. Área de concentração: Cultura e Sociedade na América Latina.

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Prof. Dr. Hernán Venegas Marcelo - UNILA

Profa. Dra. Ana Rita Uhle - UNILA

Prof. Dr. Andrea Ciacchi - UNILA

Prof. Dr. Mauro José Ferreira Cury - UNIOESTE

Suplentes

**Prof. Dra. Andressa Szekut
UNIOESTE**

Suplentes

**Prof. Dr. Roberto França Silva Júnior
UNILA**

Foz do Iguaçu, 18 de dezembro de 2020

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

G463t

Gil, Gabriel de Siqueira.

A Terra das Cataratas : uma dissertação sobre o turismo em Foz do Iguaçu, Paraná - Brasil / Gabriel de Siqueira Gil. - Foz do Iguaçu, 2020.

170 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Programa Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos.

Orientador: Hernán Venegas Marcelo.

1. Turismo - história - Foz do Iguaçu (PR). 2. Tríplice Fronteira. 3. Sociologia. I. Marcelo, Hernán Venegas, Orient. II. Título.

CDU: 338.48(816.2)

Para minha companheira “Maria Maria” Noel,
meus pais Mauro e Márcia,
a meu orientador Hernán,
aos familiares e amigos,
a Newton Camargo,
aos mestres e professores,
a “República Zapatista”,
aos moradores da Vila C,
a comunidade acadêmica da UNILA,
aos professores da rede estadual de ensino,
a comunidade escolar de Foz do Iguaçu e
aos estudantes com os quais compartilhei angústias,
risadas e horas em sala de aula.

Meu profundo agradecimento,
sem vocês nada aconteceria!

CO IVI OGUERECO YARA

“ALEGORIA À SOMBRA DA MARAVILHA E O TURISMO CONTRALUZ”
(Acrílico sobre MDF 40 x 53)



Autor: Gabriel Gil “DieI” - Projeto Apoenarte Latino-americana (2020)

RESUMO

A presente dissertação de mestrado faz um estudo histórico-sociológico sobre o turismo na “Terra das Cataratas”, denominação mercadológica e cotidiana para se referir à cidade de Foz do Iguaçu e às Cataratas do rio Iguaçu, Paraná - Brasil. Para tal propósito foram estruturados dois capítulos: “A FRONTEIRA, O TURISMO E AS CATARATAS” e “A TERRA DAS CATARATAS”. Eles sistematizam os marcos teóricos para um estudo relacional entre a fronteira e turismo e também revisitam as narrativas mais frequentes sobre a conformação do turismo em Foz do Iguaçu. Este trabalho ainda revela as sombras do turismo e o coloca contraluz visando uma compreensão abrangente e crítica da sua natureza sociológica e cultural. Tais elementos são estudados a partir de uma bibliografia atualizada e oriunda de geografias múltiplas cuja análise vai ao encontro do olhar histórico e sociológico em relação ao turismo em Foz do Iguaçu. Espera-se que esta dissertação sobre o turismo venha oxigenar os debates acadêmicos sobre a Terra das Cataratas e, por extensão, na região da Fronteira Trinacional - Foz do Iguaçu/Brasil, Puerto Iguazú/Argentina e Ciudad del Este/Paraguai.

Palavras-chave: Turismo, Fronteira Trinacional, Foz do Iguaçu, História, Sociologia.

RESUMEN

La presente tesis de maestría hace un estudio histórico-sociológico del turismo en la Tierra de las Cataratas, denominación de mercado y cotidiana para referirse a la ciudad de Foz do Iguaçu y las Cataratas del río Iguaçu, Paraná - Brasil. Para tal propósito se estructuraron dos capítulos: "LA FRONTERA, EL TURISMO Y LAS CATARATAS" y "LA TIERRA DE LAS CATARATAS". Ellos sistematizan los marcos teóricos para un estudio relacional entre la frontera y el turismo y también revisan las narrativas más frecuentes sobre la conformación del turismo en Foz do Iguaçu. Este trabajo también revela las sombras del turismo y lo pone en contraluz para una comprensión integral y crítica de su naturaleza sociológica y cultural. Estos elementos son estudiados desde una bibliografía actualizada y originada de múltiples geografías cuya análisis se encuentra con la perspectiva histórica y sociológica en relación al turismo en Foz do Iguaçu. Se espera que esta disertación sobre turismo pueda oxigenar los debates académicos sobre la Tierra de las Cataratas, y, por extensión en la región de la Frontera Trinacional - Foz do Iguaçu/Brasil, Puerto Iguazú/Argentina y Ciudad del Este/Paraguay.

Palabras-clave: Turismo, Frontera Trinacional, Foz do Iguaçu, Historia, Sociología.

ABSTRACT

The present dissertation makes a historic and sociological study on tourism in the “Land of the Falls”, a marketly and everyday denomination to refer to the city of Foz do Iguacu and the Iguacu River Falls, Paraná - Brazil. For this purpose, two chapters were structured: "THE FRONTIER, TOURISM AND WATERFALLS" and "THE LAND OF WATERFALLS". They systematize the theoretical frameworks for a relational study between frontier and tourism and also revisit the most frequent narratives about the conformation of tourism in Foz do Iguacu. This work also reveals the shadows of tourism and illuminates it for a comprehensive and critical understanding of its sociological and cultural nature. Such elements are studied based on an updated bibliography from multiple geographies, whose analysis meets the historical and sociological perspective in relation to tourism in Foz do Iguacu. It is hoped that this dissertation on tourism will oxygenate academic debates on the Land of the Falls and, by extension, in the Trinational Border region - Foz do Iguacu / Brazil, Puerto Iguazú / Argentina and Ciudad del Este / Paraguay.

Key words: Tourism. Border Trinational. Foz do Iguacu. History. Sociology.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – “American Progress” - GAST, John: Oil painting, v. 12, n. 3, p. 4, 1872.....	31
IMAGEM 2 – O Fragmentação na América espanhola no final do século XVIII - ATLAS, Histórico da América Latina e Caribe 2017, p. 338.....	35
IMAGEM 3 – América Latina pós-independências (1835 e dias atuais) - ATLAS, Histórico da América Latina e Caribe 2017, p. 338.....	36
IMAGEM 4 – Latin America Major International Boundary Disputes (1750-1990) - DOMINGUEZ e MARES (2003).	37
IMAGEM 5 - Burlando (pulando) muro localizado na fronteira entre EUA e MEX.	39
IMAGEM 6 - “Os frescos do Largo do Palácio” - DEBRET, Jean Baptiste: Viagem Pitoresca ao Brasil”.....	42
IMAGEM 7 - “Soldados índios da província de Curitiba escoltando selvagens” - DEBRET, Jean Baptiste: (1834).....	42
IMAGEM 8 - Painel ¿Qué piensan los niños sobre el muro? (Fronteira entre México e Estados Unidos).....	60
IMAGEM 9 – Turistas na fronteira entre as cidades de Tijuana (Mx.) e San Diego (EUA).....	61
IMAGEM 10 – Prática de rapel - Ecoturismo nas Cataratas do Iguaçu.....	64
IMAGEM 11 – Discovery of the Yosemite: And the Indian War of 1851.....	71
IMAGEM 12 – Cataratas do Niágara na fronteira entre Estados Unidos e Canadá...	75
IMAGEM 13 - Espetáculo de Luzes - Cataratas Niágara	75
IMAGEM 14 - Elefante sobre as Cataratas Vitória - Parque Nacional Serengeti	76
IMAGEM 15 - Cataratas do Iguaçu - Lange de Morretes (1920).....	95

IMAGEM 16 - Alegoria mítica das Cataratas - Antônio Parreiras (1920).....	95
IMAGEM 17 - Mapa Estado do Paraná - “Mapa das Utopias” (1919).....	102
IMAGEM 18 - Fragmento do Mappa do Estado do Paraná 1919 - Romário Martins	104
IMAGEM 19 - Ponte da Amizade - década de 1990.....	108
IMAGEM 20 - Registro o recorde de Turistas nas Cataratas do Iguaçu	110
IMAGEM 21 - Iluminação da Barragem de Itaipu.....	111
IMAGEM 22 - Mapa Turístico Itaipu Binacional.....	112
IMAGEM 23 - Sete Quedas de Guaíra antes e após Itaipu.....	118
IMAGEM 24 - Foz do Iguaçu e seus limites fronteiriços.....	121
IMAGEM 25 - Ciclo de Vida dos Destinos Turísticos.....	123
IMAGEM 26 - Mapa New7Wonders.....	124
IMAGEM 27 - Dirigível Fundação New7Wonders em sobrevoo nas Cataratas do rio Iguaçu.....	125
IMAGEM 28 - Reportagem - O Estado do Paraná, 1982.....	129
IMAGEM 29 - Marco das Três Fronteiras (Marco das Américas 2013 e dias atuais).....	136

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
I - A FRONTEIRA, O TURISMO E AS CATARATAS.....	23
1.1. AS FRONTEIRAS.....	23
1.2. O TURISMO E AS FRONTEIRAS	46
1.3. AS CATARATAS E O TURISMO.....	62
II - O TURISMO NA “TERRA DAS CATARATAS”.....	77
2.1. FOZ DO IGUAÇU COMO FRONTEIRA	77
2.2. O TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU.....	87
2.3. A SOMBRA DA MARAVILHA E O TURISMO CONTRALUZ.....	113
CONSIDERAÇÕES	138
REFERÊNCIAS.....	150

INTRODUÇÃO

A cidade de Foz do Iguaçu, Paraná - Brasil está localizada na Fronteira Trinacional com Argentina e Paraguai. Sua realidade e identidade urbana têm sido ao longo dos anos mistificada por sua peculiaridade geopolítica e paisagem cultural ligada à fronteira e o turismo. Tal mistificação é por sua vez interpretada pela própria maneira como a cidade - em suas múltiplas funções e aparências - vêm sendo absorvida pela literatura e campo acadêmico e também, incorporada ao mercado internacional das viagens turísticas na globalização. A fronteira é aqui representada pelo encontro de três institucionalidades ou três países em seu limite territorial, mas também pelas múltiplas narrativas históricas, geopolíticas, antropológicas e sociológicas que acompanham a cidade brasileira localizada neste local de encontros fronteiriços. Por sua vez o turismo, revela-se pela forte relação existente entre as cataratas do rio Iguaçu e o espetáculo cênico/estético proporcionado pela paisagem natural.

Uma denominação mercadológica que se incorpora ao cotidiano da cidade e dos turistas é “Terras das Cataratas” que engloba esta realidade transnacional e transfronteiriça conformada pela Argentina, Brasil e Paraguai. Uma rápida pesquisa na rede de computadores através do termo: “Terra das Cataratas” obteve mais de 53.000 resultados em 0,75 segundos, todos ligados à cidade de Foz do Iguaçu. A denominação “Terra das Cataratas” surge portanto da relação objetiva entre paisagem, patrimônio, fronteira, cidade e o olhar turista. Nela se identificam algumas das marcas que constituem a “vocação” e “concretude” do turismo na cidade e fronteira. A “Terra das Cataratas” é tratada como uma marca absoluta que confere um signo identificador para Foz do Iguaçu. De seu significado emergem os outros slogans que acompanham a caracterização e identificação do uso mercadológico do patrimônio cultural imaterial e étnico. Além disso, revela na paisagem cultural/natural das cataratas o marco de entrada do turismo internacional na cidade e região da Fronteira Trinacional. Assim, Foz do Iguaçu se constitui de maneira simbólica por meio de sua imagem internacional e turística pelos rótulos e slogans que lhes é atribuído, como o próprio “Terra das Cataratas” e outros como: “Terra de Todas as Gentes” e “Foz do Iguaçu - Destino do Mundo”. É por meio destes slogans ligados ao marketing turístico que enxergamos as balizas para identificar a realidade social iguaçuense e suas contradições. Essa denominação incorporada ao imaginário, veiculada exaustivamente pela mídia e corporações

empresariais é assumida por diferentes agentes em relação à cidade de Foz do Iguaçu e as Cataratas do rio Iguaçu e serve aqui como elementos vitais para uma reflexão consistente sobre o turismo.

As cataratas do rio Iguaçu, localizadas na fronteira entre Brasil e Argentina, têm sido um objeto marcante das políticas de conservação, preservação e valorização da paisagem cultural/natural no século XX. A instituição do “Parque Nacional do Iguaçu” no ano de 1939 e alguns anos antes do Parque Nacional do Iguazú (1936) na margem Argentina, alçou uma dimensão mundial e global quando a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) classificou as Cataratas do Iguaçu como "Patrimônio Natural da Humanidade" no ano de 1983 e 1986. O longo processo de transformação do significado simbólico da paisagem e sua adaptação para receber turistas, dá forma característica na valorização desses títulos pela recente catalogação das Cataratas do Iguaçu como uma das “Sete Novas Maravilha da Natureza” (2011) reconhecido pela “Foundation Seven New Wonder World”. Todos estes dispositivos políticos e simbólicos, além de outros que serão destacados na dissertação, facilitam a identificação das Cataratas do Iguaçu como o principal artefato cultural ligado à cidade de Foz do Iguaçu. Para se ter uma ideia, no ano de 2018 mais de um milhão e oitocentos mil turistas visitaram a margem brasileira das Cataratas do Iguaçu e, mais de um milhão e quinhentos mil estiveram no Parque Nacional no lado argentino das Cataratas. Em 2019 novos recordes registraram mais dois milhões de turistas nas Cataratas do Iguaçu no Brasil. Este crescimento contínuo de turistas registrado ano após ano, só foi quebrado por consequência da pandemia do Covid-19 e paralisação da circulação de pessoas e mercadorias após o fechamento das fronteiras internacionais no ano de 2020.

Observado o “Mapa do Turismo Brasileiro” de 2019 (instrumento de catalogação dos destinos turísticos elaborado pelo Ministério do Turismo do Brasil), o município de Foz do Iguaçu possui classificação “A” e integra a região turística “Cataratas do Iguaçu e Caminhos para o Lago de Itaipu”. Esta classificação é uma baliza para análise do turismo, seu processo dinâmico e complexo, como convite para a academia pelas problemáticas e geografias contidas na sua definição. Por sua vez, a região da Fronteira Trinacional tem sido enxergada como um importante centro para as relações comerciais e turísticas entre os países do Mercosul, ganhando evidência a prática do turismo de compras como um centro comercial da América do Sul. Entretanto, esta realidade que salta aos olhos do mundo pelo espetáculo proporcionado pelas quedas d’água e relações comerciais

fronteiriças, têm sido trabalhada de maneira acanhada pelo campo acadêmico, com certa insuficiência diante da complexidade e dinamismo do desenvolvimento do turismo local.

Identificamos que mesmo após dez anos de fundação da UNILA que inaugurou um “novo ciclo” na produção sociológica e das ciências sociais na Tríplice Fronteira, poucos trabalhos são encontrados nos cursos de pós-graduação da instituição em relação a cidade e região turística que integra os três países sul americanos. Nos referindo a região oeste do Paraná, podemos dizer (parafrazeando Silvio Colognese [2005]) que não apenas a sociologia foi uma “ilustre desconhecida” da região oeste do Paraná, mas também os estudos das ciências sociais e humanas sobre o turismo em termos mais reflexivos na proposição de análise. Obviamente existem exceções que estão mais pendentes para uma história econômico-social de Foz e seu turismo, como a tese de doutorado de Aparecida Darc de Souza (2009) e a dissertação de mestrado de Lavínia Raquel Martins de Martins (2010), orientada por Doris Von Ruschmann.

Outra marca nos estudos sobre o turismo vem do campo da Geografia, especificamente, da Geopolítica do Território e Transterritorialidade, do qual destacamos Mauro José Ferreira Cury (2003 e 2010). Ainda neste campo encontramos estudos ligados à Geografia da Paisagem, representados pelas dissertações de mestrado de Maurício Ragagnin Pimentel (2010) e Cláudia Heloiza Conte (2012). Podemos considerar que os estudos em relação ao turismo na região ainda estão muito distantes da importância que o mesmo exerce na cidade em contexto da fronteira trinacional. Pode-se dizer que existe uma carência quanto à propostas de investigações que tenham em seu objetivo principal realizar um aprofundamento sobre os fundamentos epistemológicos e metodológicos sobre o turismo na região desde um enfoque histórico-sociológico narrativo como esforço para integrá-lo em uma estrutura comum relacionando-o com os demais saberes e práticas advindos dos estudos sobre a fronteira, cultura trinacional e seu vínculo com o turismo. Portanto, a sistematização, classificação e organização do conjunto dos trabalhos ou fontes existentes ainda é uma tarefa a ser realizada pelo campo acadêmico.

Podemos afirmar que os estudos turísticos sobre Foz de Iguaçu realizados nos últimos vinte anos tem uma natureza transdisciplinar e interdisciplinar. Exemplos de tais estudos sobre o turismo pertencem a: Ivanete Teresinha Schumann (2012), Lara Lucia Leal Seixas (2012), Viviane da Silva Welter (2018), Daiane Glaucia de Oliveira (2018). No campo

da Antropologia temos o trabalho de Linda Osiris González Cárdenas (2018) abordando as representações turísticas sobre os guaranis da fronteira. Outros trabalhos são pertencentes à área da Engenharia da Produção, são da autoria de Liliana Marilene Wespinski Cwikla (2001), de Joelma Cristine Souza Scherer (2002) e de Carlos Antonio Moro (2003) e problematizam questões relativas à qualidade e produção do turismo local. No campo da educação, o trabalho de Eliana Cristina Bär (2009) problematiza a gestão de conflitos em relação ao turismo local pela ausência de instrumentos para participação pública nas tomadas de decisões. Nas Ciências Sociais Aplicadas, Gilson Honorato de Oliveira (2001) reconhece o turismo local através do campo da administração e mercado. Além disso, não menos surpreendente, análises desenvolvidas no campo do Turismo e Hotelaria, assumem uma problemática próxima à consultoria técnica, pouco reflexiva em termos de produção do conhecimento, ao constituir suas abordagens tendo em vista a produção de um saber aplicável na realidade do turismo local. Se enquadram nesta linha autoras como Poliana Fabíula Cardozo (2004), Anna M^a Felipin Rigobello (2006), Silvia Christiane Goya (2007) e Thays Cristina Domareski (2011).

O esforço de pesquisa buscou conciliar o instrumental de análise fornecido pelas fontes levantadas, com minha trajetória acadêmica e ser paranaense nascido na “beira do rio Iguaçu”, mais precisamente, na cidade de Curitiba - Paraná. Por este caminho foi possível reconhecer o rio Iguaçu como um elemento central da vida cultural e política paranaense. A propósito, o rio Iguaçu que em língua nativa (guarani) significa “I = água ou rio, e guaçu = grande”; - foi tratado nos primeiros séculos da conquista como o “Rio Grande de Curitiba” e assim está registrado nos documentos antigos. O rio que nasce junto à costa litorânea na Serra do Mar e atravessa o estado quase por inteiro até chegar em sua foz, localizada na Fronteira Trinacional entre Argentina, Brasil e Paraguai dá nome ao palácio do governo e “Praça Iguaçu” na cidade de Curitiba. Na ocasião da inauguração da praça e “Mural Iguaçu” do artista plástico Rogério Dias em 1994, o então prefeito da capital paranaense, Rafael Greca de Macedo, proferiu discurso com as seguintes palavras: “o rio Iguaçu ou, Rio Grande de Curitiba (...) é o cordão umbilical da cultura paranaense” (Rafael Greca de Macedo 1994). Exemplo emblemático dessa ligação romântica, porém real, com a genealogia da cultura do estado, revela-se na própria sede do governo ser no “Palácio Iguaçu”.

Digo isso pois, é provável que não tivesse tomado tal consciência sem que à

sorte ou ao acaso, após concluir a Licenciatura em Sociologia e fazer uma especialização em História e Geografia do Paraná, tivesse encontrado à cidade de Foz do Iguaçu, mais precisamente, a Universidade Federal da Integração Latino-americana - UNILA e sua “identidade institucional”. As três disciplinas (Sociologia, História e Geografia) se constituíram como um tripé para minhas análises e problemáticas teóricas e/ou acadêmicas de maneira interdisciplinar. Foi por este caminho que longe de um olhar romântico, vi na “missão” ou “vocação” da universidade uma oportunidade em preencher uma lacuna em minha formação. O debate e pensamento latino-americano ou estudos latino-americanistas não é novidade, é problematizado de forma modesta nas universidades tradicionais do Brasil. Ingressar na UNILA através do bacharelado em “Ciência Política e Sociologia: Estado, Sociedade e Política na América Latina”; - me pareceu uma ‘ponte’ para encurtar a distância com este imaginário.

Já na instituição, foram as disciplinas que me levaram ao problema ligado ao uso do patrimônio histórico e cultural através do turismo. Este encontro definitivo ocorreu por conta de interesses comuns de pesquisa entre eu e meu orientador e também, questionamentos advindos da minha prática docente no Ensino Médio (público). Estes são alguns fatores decisivos para que o objeto de estudo do turismo fosse apresentado de maneira definitiva e irrevogável na minha atividade intelectual.

O habitar e o viver na fronteira, mais precisamente na “cidade brasileira na Fronteira Trinacional”, é algo muito diferente daquilo que a imagem turística de Foz do Iguaçu proporciona ao visitante turista. Por outro lado, mesmo considerando minha experiência como morador da cidade, bastante efêmera diante de sua complexidade e amplitude da realidade. Foi no contato com o cotidiano social e espaço da fronteira que pude confrontar minha experiência com a imagem turística da Terra das Cataratas. Por este contato despertei o interesse pelos diferentes olhares (teóricos, literários, culturais, políticos, econômicos e sociológicos projetados nesta realidade) através dos usos e reprodução da paisagem das Cataratas do Iguaçu enquanto um patrimônio e recurso turístico. O deslocar do meu imaginário fabril formado próximo a nascente do rio mais importante do Paraná, até sua foz, ou melhor, para à cidade de Foz do Iguaçu. Tive de identificar e viver com uma cidade para além de sua imagem turística. Para identificar esta cidade precisei caminhar a pé e de transporte público, viver o cotidiano da cidade e estar envolvido com a dimensão do trabalho,

mas também do não-trabalho que produz valor, como é o ócio, o lazer e atualmente as redes sociais ligadas às plataformas digitais.

Desse modo a cidade foi experimentada ao longo de anos e por diferentes formas de estar no espaço e cidade. Passa pela experiência de haver utilizado o transporte clandestino utilizado por compradores vindos de Curitiba, trabalhar em restaurantes e hostels da cidade, conhecer os condomínios de luxo existentes na região da fronteira, as fábricas e lojas de Ciudad Del Este, entrar e conviver nas comunidade empobrecida da cidade e ainda que todos estes passos não tenham sido realizados por um objetivo de pesquisa. Deles emergem a cidade que é apresentada ou representada por sua face maravilhosa ligada às Cataratas do Iguaçu e Barragem da Usina Itaipu Binacional. Nesta caminhada outras faces desta mesma cidade que estão ocultas ou invisibilizadas na cidade de Foz do Iguaçu como o “Destino do Mundo”, foram reveladas à sombra da luz que o turismo “projeta”. A cidade turística revela apenas as partes interessadas ou convenientes desta “outra-mesma” cidade não-turística. Ela está “para além” das Maravilhas da Engenharia e Natureza, mas caminha junto e de mãos atadas com as Cataratas do Iguaçu e seu simbolismo internacional para a mundialização da cultura.

Não podemos deixar de mencionar a infraestrutura urbana fornecida pela Itaipu Binacional. Assim a cidade que favorece a desmistificação de sua imagem turística é a mesma que é apresentada de maneira “encantada” ao mundo. Talvez por isso minha breve, real e intensa estadia na cidade foi representada num primeiro passo por este olhar encantado, por um olhar de tipo turístico, no sentido em que John Urry o define. O desencanto posterior foi impulsionado pela curiosidade acadêmica e aquilo que posso considerar parte do “artesanato intelectual” e esforço para produção de uma “imaginação sociológica” ligada ao cotidiano da cidade como destacaria Wright Mills (1965). Num segundo momento, esta ‘estadia’ ficou representada pelo próprio “desencanto” com a realidade de morador e residente local. Por suposto, advém em muito da atividade docente e vida acadêmica que me acompanhou na cidade. Por tanto, a experiência vivida como pesquisador que assume a construção estratégica do cotidiano e o turismo local, aflora no objeto de estudo e análise histórica-sociológica da realidade, simboliza mais este passo de aproximação com o objeto de estudo do turismo, mas também de afastamento do senso comum e senso prático. Ele envolve uma pesquisa crítica de carácter reflexivo que visa identificar os principais processos

estruturais, estruturantes e relacionais entre a fronteira e o turismo na constituição da Terra das Cataratas como destino turístico do mundo.

Identifico nesta triangulação entre o “olhar turista”, o “olhar nativo” e “olhar reflexivo” ao mesmo tempo “objetivo e objetivante” que emerge junto ao campo acadêmico, o local no qual pode-se dar evidência a este trabalho de dissertação. Pela confrontação deles Foz do Iguaçu foi interpretada em suas múltiplas dimensões - simbólica, cultural, política e econômica - como uma realidade objetiva e objetivada. Posso afirmar que a entrada do turismo em minha trajetória acadêmica, deve-se muito mais por força da própria realidade turística da cidade de Foz do Iguaçu. Dito de outro modo, ela tem sido apreendida e se tornado inteligível não apenas de forma assimétrica e distante, quer dizer, como resultado da consulta dos estudos mencionados, mas também pelo viver e habitar a região da Fronteira Trinacional.

Nesta altura é possível dizer que identificamos a ausência de estudos sobre o turismo de tipo histórico-sociológico relacional incluindo a fronteira e cidade de Foz do Iguaçu provenientes da História e da Sociologia. Partindo desta constatação elaboramos o objetivo principal desta dissertação de mestrado: realizar um estudo histórico-sociológico sobre o turismo na “Terra das Cataratas”. Isto é, sobre a fronteira, as cataratas e a cidade de Foz do Iguaçu, sobretudo, nas suas relações com o turismo. Um estudo desta natureza aponta para uma sistematização (tamanho pretensão) dos estudos em matéria de turismo em Foz do Iguaçu.

Ainda relacionado ao objetivo principal acima, definimos outros dois aos quais respondem os dois capítulos que conformam esta dissertação de mestrado. O primeiro deles, é identificar os marcos teóricos para um estudo relacional entre as fronteiras e o turismo, bem como quanto ao uso das diferentes cachoeiras e cataratas como recurso cênico para o mercado turístico em tempos de globalização. O segundo objetivo específico é desenvolver um estudo reduzido ao contexto local da cidade e em relação ao turismo, suas narrativas, luzes e sombras presentes na “Terra das Cataratas”. Eles dois junto ao objetivo principal permitiram-me, modestamente, dissertar sobre o turismo na Terra das Cataratas.

Aliás, na Introdução é necessário uma precisão mais do que semântica e diz, precisamente, sobre o verbo “dissertar”. Uma melhor explicação encontra-se no Dicionário

Aurélio da Língua Portuguesa e no qual a ação de “dissertar” faz referência ao ato de fazer uma dissertação ou discorrer sobre uma temática”. Por sua vez, o substantivo “dissertação” possui os seguintes significados: “1. Exposição desenvolvida de matéria doutrinária, científica ou artística. 2. Exposição de matéria estudada”. Nestes termos encontrados sustento que o objetivo principal visado não é o desenvolver uma “matéria doutrinária”, ao contrário, ela possui vínculos ou ligações com quatro fatores relacionais: um primeiro - relativo ao fato de haver nascido e me formado inicialmente na “Terra da Araucárias” ou, “dos Pinheirais” (i.e., a cidade de Curitiba - capital do estado do Paraná); por segundo - minha experiência com a imagem da cidade de Foz do Iguaçu proporcionada pelo “olhar turista”; depois - por minha experiência como morador e vivente do cotidiano da cidade de Foz do Iguaçu; e por fim - a experiência ligada ao objeto de estudo da cidade como pesquisador no campo acadêmico e postulante o título de mestre em estudos latino-americanos.

Além desses quatro fatores relacionais, a dissertação sobre o turismo deste trabalho, que não escapa de um olhar sociológico e histórico, inclui três elementos concatenados: a fronteira, as Cataratas do rio Iguaçu e a cidade de Foz do Iguaçu. Por isso está estruturada em dois capítulos, cujos títulos são: “A FRONTEIRA, O TURISMO E AS CATARATAS” e “O TURISMO NA TERRA DAS CATARATAS” - O primeiro capítulo está dividido em três itens: no primeiro “A FRONTEIRA” apresento um quadro histórico e teórico das principais abordagens historiográfica, geográfica, econômica e antropológica sobre as fronteiras no Ocidente. Chamo atenção para os aportes fornecidos pelos autores latino-americanos que formularam noções (concepções ou ideias) próprias para os estudos das fronteiras. Neste lugar simbólico do “novo continente” as fronteiras da América Latina, são constituídas e interpretadas pelos múltiplos olhares e matrizes teóricas que se cruzam. Inclui-se neste *rol* latino-americano o Brasil e a cidade de Foz do Iguaçu.

No segundo item está intitulado: “O TURISMO E AS FRONTEIRAS”; através dele faço uma imersão nas principais transformações simbólicas ocorridas junto às fronteiras e limites internacionais no século XXI. Nele também identificamos o momento em que as mesmas (i.e., a[s] fronteira[s]) passaram a conviver com o turismo. Desde um olhar crítico e analítico, destacam-se algumas evidências do modo como ocorre a inserção do turismo nas regiões de fronteiras internacionais. Os exemplos, emergem dos blocos econômicos como o NAFTA e MERCOSUL. Por fim, no terceiro item “AS CATARATAS E

O TURISMO” são identificados os critérios e instrumentos teóricos para caracterizar a planificação, produção e adaptação dos lugares e paisagens para o consumo no turismo contemporâneo. Neste quesito é que identificamos e inserimos o debate teórico sobre o uso das diferentes cataratas, cachoeiras e quedas d’água enquanto atrativo cênico e/ou recurso para o turismo internacional.

A estrutura do segundo capítulo tem um formato similar ao primeiro e divide-se em três itens; a saber: “FOZ DO IGUAÇU COMO FRONTEIRA”; “O TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU” e “A SOMBRA DA MARAVILHA E O TURISMO CONTRALUZ”. No primeiro item colocamos em perspectiva histórica e crítica, à constituição da cidade de Foz do Iguaçu como uma região de fronteira. Ela vai desde as primeiras etapas da colonização ibérica, ocupação indígena, espanhola e platina, para chegar na cidade moderna ligada à fronteira, Itaipu e Cataratas. No segundo dos itens apresentamos o desenvolvimento das viagens modernas para Foz do Iguaçu e também, processos históricos, culturais e políticos, que denotam ou evidenciam uma concretude no turismo da cidade da fronteira. Por fim, na terceira e última parte do segundo capítulo destrinchamos os elementos caracterizados como "sombras do turismo" na cidade. Nele problematiza-se os slogans turístico: “Terra das Cataratas”, “Terra de Todas as Gentes” e “Destino do Mundo” visando com isso colocar o turismo local, “contraluz” do conhecimento sociológico, histórico e interdisciplinar que emerge da múltipla natureza das viagens turísticas à Foz do Iguaçu.

Obviamente, a presente dissertação de mestrado se apoia num conjunto de fontes bibliográficas, hemerográficas, documentais e iconográficas identificadas em arquivos públicos (física e digital), instituições culturais, bibliotecas (físicas e online) repositórios institucionais de pós-graduação em universidades públicas e filantrópicas (dos estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo) e em base de dados nacionais e internacionais.

No caso do capítulo primeiro, as fontes são, fundamentalmente, de tipo bibliográficas. Elas foram levantadas junto às disciplinas obrigatórias e optativas do PPG-IELA, além de pesquisa no buscador do Google Acadêmico e Biblioteca Paulo Freire - PTI, de Foz do Iguaçu. Ainda no capítulo primeiro podemos afirmar que seus marcos teóricos correspondem ao pensamento geopolítico, historiográfico, econômico, cultural e sociológico relacionado às fronteiras e aos limites internacionais no Ocidente. Também os marcos teóricos

correspondem às Ciências Sociais e à Sociologia nos estudos sobre o turismo, sobretudo após a segunda metade do século XX. O trabalho com outras fontes bibliográficas me permitiram relatar o processo de transformação do signo e significado das fronteiras internacionais após a formação dos megablocos econômicos nas décadas de 1990 e 2000; a conversão do recurso natural em recurso turístico, por seus efeitos quanto a incorporação das cachoeiras e cataratas no debate ecológico, ambiental e mercadológico do turismo.

No capítulo segundo trabalhamos com o instrumental teórico fornecido pelas fontes elencadas no capítulo primeiro, desta forma conseguimos realizar um estudo mais aprofundado sobre o turismo em Foz do Iguaçu. Esta redução sociológica, tal como aquela identificada com a sociologia do brasileiro Alberto Guerreiro Ramos (1965), ao contexto local, é auxiliada por estudos advindos da história regional e transnacional dos países da Fronteira Trinacional. Emergem de sua natureza pré-colonial, colonial ibérica e pós nacional, estudos de diferentes matices que se relacionam entre si e transitam entre os campos da arqueologia, geografia cultural, antropologia social e sociologia da cultura. Por conta da natureza interdisciplinar do estudo realizado, fontes literárias e jornalísticas se cruzam e contribuem com os argumentos quanto a definição da “vocação” e “concretude” do turismo na cidade de Foz do Iguaçu.

Sustentamos que o uso do termo “vocação” - tal como é caracterizado como sendo de *uma missão dada por Deus* - é aquele enfatizamos em um caso concreto, tal como sustentou o sociólogo Max Weber em relação a ética protestante no desenvolvimento do capitalismo. Em nosso caso uma espécie de “ética turística” que confere sentido e significado para “Terra das Cataratas”. Nesse olhar sobre a concretude do turismo, a pesquisa de tipo documental veio a favorecer uma melhor compreensão das políticas territoriais e culturais empenhadas no contexto do Oeste paranaense. Ela se concentrou no Arquivo Público do Paraná, Biblioteca Pública do Paraná, Secretaria da Comunicação e Cultura - Coordenadoria do Patrimônio Cultural do Estado do Paraná. Mas também constatamos documentos valiosos que estão no Museu Paranaense, Instituto de Terras Cartografias e Geologia do Paraná localizados em Curitiba. Também serviu de apoio a acervos artísticos e fotográficos da Fundação Cultural de Curitiba e acervos particulares, como da Fundação Clube Curitibano e Itaú Cultural. Além da web-pesquisa realizada junto aos buscadores do Google que veio a qualificar e contribuir com a estruturação das problemáticas de pesquisa através de uma

imersão narrativa sobre a história e realidade social de Foz do Iguaçu.

Vista desde um olhar ampliado, digamos panorâmico, o trabalho pode ser visualizado por um enfoque que envolve os estudos da(s) fronteira(s) e fronteiras turísticas, sociologia da cultura e sociologia do turismo, estudos culturais, história regional, geografia cultural e geografia do turismo. Isso tudo, desde um locus ou “lupa” latino-americana que se atribui a própria ‘vocação’ do trabalho desenvolvido junto ao mestrado no PPG-IELA da UNILA. Outra marca desta dissertação é a interdisciplinaridade que se desenvolve por conta da força e natureza do objeto de estudo do turismo. Em termos sociológicos a análise aqui desenhada se aproxima da Sociologia do Conhecimento e, em especial, do método “estrutural construtivista” desenvolvido por Pierre Bourdieu. Pois ele sinaliza, sobretudo, para um tipo de estudo localizado na “fronteira entre as ciências sociais”, pelo qual interpreta-se ser o caminho mais curto para serem construídas “pontes” para *conciliação epistemológica entre as disciplinas*. Portanto, o estudo interdisciplinar é constituído e estruturado como de um “diálogo-ponte” entre as fronteiras das disciplinas acadêmicas. Nesses termos identificamos como Rafael Santos (2005) que só existe diálogo - i.e., uma relação dialógica - diante de condições em que os interlocutores conhecem e se reconhecem uns aos outros em uma relação de alteridade. Para tanto, necessitamos reconhecer a ‘singularidade’ de cada disciplina e suas formas distintas de lidar e/ou se apropriar do objeto científico do turismo.

É por esta operação dialógica que busca-se caracterizar as estruturas e os mecanismos que dão forma, conteúdo e significado ao conhecimento produzido através da realidade turística da cidade. Um conhecimento que por razões múltiplas escapa tanto do *olhar nativo* quanto do *olhar estrangeiro*, i.e., o “olhar turista”.

Em nossa pesquisa ela possui também relação com os estudos das fronteiras que também foram constituídos desde sua gênese por olhares disciplinares concorrentes, quando não, pela interdisciplinaridade e disputa teórica entre as disciplinas do campo acadêmico. Também é possível afirmar que outros campos disciplinares e transdisciplinares estão presentes ao longo dos capítulos. Eles são: os estudos da economia, da fronteira, da economia da cultura e da economia do turismo. Também há uma presença menor de outros campos como a ecologia e conservação, as relações internacionais, as políticas públicas, o urbanismo e a literatura/arte. Esta última por sinal ganha expressão pela forma peculiar como a mesma entra no imaginário cultural, prendendo-se ao turismo, muitas vezes se confundindo

uns com o outro, em casos que ingressam por contrabando nas fronteiras do pensamento científico.

Na intenção de (re)construir uma narrativa teórica através de uma dissertação de mestrado, chamamos atenção para os rumos tomados na região turística das Cataratas do Iguaçu e Caminhos do Lago de Itaipu, por sua evidência na cidade de Foz do Iguaçu. Reconhecer os caminhos trilhados por pesquisadores anteriores foi o instrumento utilizado para dar conta da natureza interdisciplinar da pesquisa de mestrado. Entretanto, buscamos constituir uma ‘trilha própria’ por uma pesquisa que visa detectar aquilo que é *invariante* (i.e., a estrutura historicamente datada e situada) para construir a realidade como caso particular. É deste entendimento que reconhecemos que uma melhor visualização da imagem mítica ou comercial da cidade de Foz do Iguaçu, é aquela que define e condensa as múltiplas narrativas da qual se ocupa a cidade. E ganha expressão identificada nesta dissertação, precisamente em seu título: “A TERRA DAS CATARATAS”.

Por fim, ressaltamos que o trabalho de pesquisa que é aqui apresentado por uma dissertação sobre o turismo na cidade de Foz do Iguaçu, resulta de um processo de análise que esteve ao nosso alcance e dentro de um contexto cenário contingencial ao período no qual a pesquisa foi desenvolvida, entre 2017 e o primeiro semestre de 2020. As transformações na realidade ocorridas junto a pandemia do COVID-19, tal como o fechamento das fronteiras e suspensão das atividades não essenciais, a qual inclui-se o turismo, ainda é um processo em curso. Ao certo terá implicações significativas quanto a planificação, integração e organização das relações turísticas de recorte transnacional como nos acostumamos a ver e acompanhar nesta pesquisa. Porém por conta dos limites impostos por uma pesquisa de mestrado e também os objetivos e finalidade de um trabalho de dissertação, nossa análise ganhou força por conta da realidade da cidade brasileira na fronteira com destaque da produção teórica e empírica sobre a mesma. Acreditamos que uma análise relacional entre o turismo nas cidades de Puerto Iguazu - AR e intermediações de Ciudad Del Este - PY, alimentará o campo acadêmico de subsídios para estudos comparados sobre o turismo na região trinacional. Por esta esperança, apresentamos a primeira contribuição neste sentido. Esperamos que a presente dissertação venha a oxigenar os debates acadêmicos quanto à complexidade, dinamismo e concretude do turismo na Fronteira Trinacional.

1 A FRONTEIRA, O TURISMO E AS CATARATAS

Este capítulo está dividido em três itens: “A FRONTEIRA”; “O TURISMO E A FRONTEIRA”; “AS CATARATAS E O TURISMO”. No primeiro deles desenvolvemos uma investigação teórica em relação à gênese interdisciplinar dos estudos sobre as fronteiras internacionais e seu significado para o Ocidente. A abordagem feita atravessa o percurso histórico e científico dos estudos da “Geopolítica”, “História Econômica e Social” e “Estudos Culturais” e pensamento social latino-americano e brasileiro. No marco histórico da mundialização e globalização das viagens, destacamos os principais estudos e conceitos ligados às ciências sociais e sociologia do turismo, para inserir o debate do turismo no contexto internacional do século XX e XXI. A análise busca caracterizar as principais transformações na “vocação” das fronteiras internacionais, quando ocorre à entrada ou permeabilização do turismo nas regiões e cidades fronteiriças. Por fim, assumimos critérios teóricos e empíricos para realizar análise das cachoeiras e cataratas através de seu uso e valorização enquanto recurso para o turismo no sistema-mundo global.

1.1 AS FRONTEIRAS

O interesse pelo tema da fronteira está expresso no campo acadêmico europeu desde a transição do século XIX para o XX, época que publicações como: *Politische Geographie* (1897), *Der Lebensraum* (1901) de Friedrich Ratzel (1844 - 1904) e *O Estado como forma de vida* (1916) de Rudolf Kjellén (1864 -1922); deram vazão ao debate teórico sobre as fronteiras e limites geopolíticos tendo em conta as transformações no campo político e burocrático na Europa, especialmente após a Revolução Francesa e as unificações nacionais do século XIX. Identificados pelo “determinismo geográfico”, os trabalhos analisados, tiveram um papel fundador em caracterizar o território como um fator decisivo na configuração das *identidades sociológicas* (HALL 2006). Em termos que o território nacional e por consequência, as fronteiras e limites territoriais, eram interpretadas como o espaço que delimita à *comunidade imaginada* das nações modernas (ANDERSON 1993).

Neste sentido, antes de aprofundar nos estudos das fronteiras, é necessário caracterizar o Estado como uma comunidade humana que reivindica com sucesso o monopólio legítimo do uso da violência em um território determinado (senso WEBER 1968) e que em uma definição sociológica mais precisa, o Estado é um ente *x* (a ser determinado)

que reivindica com sucesso, não apenas o monopólio da violência física, mas também da *violência simbólica* em um território determinado e sobre uma população correspondente (BOURDIEU 1996[2011], p. 97).

Com base nestes termos de análise, reconhecemos ser uma fronteira e/ou limite territorial entre dois Estados (associados ou concorrentes), um espaço ou lugar, cartografado pela dualidade entre a disposição física e material do espaço geográfico e sua representação simbólica com contornos no imaginário social. Tal perspectiva torna possível definir a noção de espaço geográfico e território em base a critérios de análise que estão relacionados à técnica política que reproduz a territorialidade do poder institucional e disciplinar do Estado. Neste marco há que se reconhecer a evidente intersecção entre a dimensão física e simbólica na constituição do espaço da soberania e burocracia estatal (SANTOS 2008).

Deste modo, o conceito de região é aqui analisado e encampado, através de autor contemporâneo na geografia brasileira, Rogério Haesbaert (2019), que define a noção de região e geografia como sendo marcada por mortes e ressurreições ao longo da história da geografia como disciplina. Ela, a região, se manifesta por sua grande polissemia e a qual nos apoiamos no especialista para sustentar:

a região diz respeito em primeiro lugar às questões elementares que envolvem a diferenciação do espaço geográfico, permitindo identificar suas partes ou singularidades através de diferenças de natureza ou tipo e diferenças de grau (...) tratada como sinônimo de porção do espaço delimitada por algum critério ou dotada de alguma característica própria, distintiva. Concepção é retomada no âmbito acadêmico, ao serem discutidos os critérios e/ou as características mais marcantes na diferenciação do espaço geográfico ou, se quisermos, na definição de uma região (HAESBAERT 2019).

Com base nesses supostos caracterizamos que a fronteira e por outro lado, contribui para delimitar a identidade cultural e pertença geopolítica dos “sujeitos” ou, “corpos” do estado. Dimensão simbólica esta, que se abre para caracterizar e definir as regiões (culturais) com base nos processos históricos e sociológicos que fundam e/ou constituem o espaço geográfico enquanto um objeto de estudo e análise acadêmica.

Faço um breve parêntese para destacar que o entendimento da região na geografia, remete a diversos domínios teóricos e epistemológicos (GOMES, 1995). Neles podemos identificar os lugares turísticos como uma dimensão da realidade (material e

simbólica) que localiza-se no âmbito da ação pública e liga-se ao território da cultura pela região onde está localizado. É dizer, o espaço turístico ganha notoriedade e evidência por sua localização em uma região geográfica que tal como caracteriza Haesbaert pode se assumir uma região como arte-fato (com hífen), no meio de um continuum que se estende desde o recorte analítico, o instrumento metodológico proposto pelo investigador que para efeito na pesquisa, corresponde ao espaço de ações concretas de sujeitos sociais que efetivamente constroem articulações regionais, sejam eles hegemônicos (como as empresas e o Estado), sejam subalternos (como os povos tradicionais).

Nesses termos, a ação social como elemento que produz articulações entre as categorias geográficas do território, fronteira e região, vai ao encontro da teoria da ação e campos sociais na constituição dos capitais simbólico e acadêmico de Pierre Bourdieu. O sociólogo reconhece as categorias ligadas ao Estado como resultado do processo de concentração de diferentes tipos de capital - capital de força física ou de instrumentos de coerção (exército, polícia), capital econômico, capital cultural ou de informação, capital simbólico. Para ele:

(...) a concentração destes capitais, leva de fato, à *emergência* de um capital específico, propriamente estatal, que permite ao Estado exercer poder sobre os diversos campos e sobre os diversos tipos de capital (...) que lhe assegura poder sobre todos os tipos de capital e sobre sua reprodução” (BOURDIEU 2011, p. 99).

Esse argumento remete ao fato de que na gênese do Estado moderno, um processo gradativo instituiu grupos de profissionais especializados para o uso da violência física ou coercitiva (ELIAS 1993), e.g., exércitos profissionais e polícia. Tal necessidade impele instaurar um fisco e diferentes impostos, pela própria necessidade de manutenção dos Aparelhos Ideológicos e Repressivos do Estado (ALTHUSSER 1985). Ao realizar a manutenção dos grupos especializados no uso legítimo da força física e simbólica, produz-se o processo de concentração de capital econômico (dinheiro) pelo Estado. Com isso observamos que é na formação de um corpo especializado no uso da violência, e outro, especializado na cobrança de taxas de impostos. São alguns dos elementos para análise da dimensão simbólica e material que garante a unificação do mercado nacional enquanto espaço econômico e político do Estado (ELIAS 1993).

Desde esta posição teórica estruturalista, observamos que a constituição e construção do Estado em um determinado território, está em pé de igualdade com a

construção do *campo do poder*, revelado pelo processo civilizatório característico da análise do Estado Moderno em Norbert Elias. O campo do poder assim como reconhece Bourdieu, é o espaço, o local ou, arena, no qual agentes detentores de diferentes tipos de capital (e.g., econômico, cultural, religioso, político e informacional para citar alguns) travam uma luta para obter o controle do poder estatal, isto é do Estado (BOURDIEU 1996[2011]). Nestes termos podemos reconhecer o capital estatal, como um ‘metacapital’ que controla os demais e que se faz evidente pela concentração também de *capital de informação* ou, comunicacional no Estado¹.

Para Bourdieu, no interior do capital informacional e comunicacional, encontramos ou identificamos o próprio capital cultural em seus três estados: institucionalizado, objetivado e incorporado (BOURDIEU 1987). Nas palavras de Bourdieu:

(...) a cultura é unificadora: o Estado contribui para unificação do mercado cultural ao unificar todos os códigos – jurídico, linguístico e métrico. Por meio dos sistemas de classificação inscritos no direito, dos procedimentos burocráticos, das estruturas escolares e dos rituais sociais. O Estado molda as *estruturas mentais* e impõem princípios de visão e divisão comum. Contribuindo para construção do que designamos comumente como identidade nacional – ou em linguagem mais tradicional, o carácter nacional (BOURDIEU, 2006, p. 104).

Tomando tais supostos, reconhecemos como efeito da concentração e distribuição dos diferentes tipos de capitais no Estado, pode ser evidenciado na própria elaboração de diferentes propostas de análise científica sobre as fronteiras e limites internacionais. Processo que refere-se tal como reconheceu Marx, a “migração das ideias” dada a capacidade do Estado impor a ideologia da classe dominante estabelecendo hegemonia, o *poder simbólico* nos termos de Bourdieu, sobre o campo científico.

Este processo é melhor sinalizado pela elaboração da geografia científica e análises iniciais no campo da geopolítica. Nela as categorias fronteiras, território e região foram problematizadas através do geógrafo brasileiro Milton Santos (1978) que reconhece a constituição de estudo da “Geografia Política” ou Geopolítica, como parte da emergência por doutrinas geopolíticas no início do século XX (SANTOS 1978; FERRARI 2010, p.39). Este período pode ser caracterizado pelo tensionamento bélico entre as nações da Europa e sua grande influência no pensamento social nos primeiros anos do século XX.

¹ A concentração de força física e instrumentos de coerção (exército e polícia), capital econômico, capital cultural ou de informação e capital simbólico definem a unificação nesse metacapital, segundo Pierre Bourdieu.

1.1.1 Emergências Geopolíticas e Destino Manifesto

A geografia científica acompanhou os princípios da formação das identidades nacionais ou sociológicas, quando Friedrich Ratzel, mentor e fundador do campo de análise da geopolítica, passou a considerar as relações econômicas, as práticas culturais e os conhecimentos ligados a um território geográfico e território geopolítico, como o “espaço vital da cidadania”. O território era portanto, uma parte significativa do patrimônio de uma nação². Assim, geógrafos alemães influenciados pelo pensamento de Ratzel, encontraram na cultura nacionalista e tradição, os fundamentos para dar respostas sobre o desenvolvimento material e cultural da nação moderna (SANTOS, 1978 p.32). Sobre o signo e paradigma da modernidade europeia, os trabalhos do geógrafo ganham relevância pelo momento no qual são produzidos as análises da geografia política alemã³. Desde um ponto de vista histórico podemos ligar este período à ascensão dos ideais fascistas nos anos de 1920 e 1930.

Nestes termos, identificamos no geógrafo alemão e general Karl Enerst Haushofer, autor que com base nos conceitos desenvolvidos por Ratzel, sustentou e reivindicou o discurso nacionalista alemão. Outro nome identificado com os estudos da geopolítica Rudolf Kjellen, também deu ênfase na geografia do poder ou ainda, na geografia do Estado totalitário (Raffestin apud. SANTOS 1982 p.16; FERRARI 2010 p. 39). A retórica da fronteira ganha evidência quanto o general Karl Haushofer publicou textos na série de escritos dedicados aos “Estudos sobre Geopolítica de Guerra”. O mais emblemático intitula-se “Os limites em sua importância geográfica e política” (FERRARI, 2010 p. 42). Nele o autor instrumentaliza a noção de espaço vital desenvolvida por Ratzel conferindo um sentido expansionista ao seu pensamento. O feito científico alcançado, foi o de haver cunhado o termo região de fronteira que reconheceu que as fronteiras atuam como uma zona de influência política exercida por um Estado⁴.

² Com efeito a ideia de “espírito” como dimensão da cultura nacional, advém do idealismo hegeliano que exerceu influência na escola geográfica alemã. Em termos objetivos é disputa política sobre o processo civilizatório nacionalista consolidado na Europa. Dele emergem conflitos na disputa entre os agentes dos campos sociais para obter o controle do Estado e mais especificamente, do poder estatal.

³ Sua base filosófica e também busca de constituir um objeto próprio do estudo da geografia científica, o afastam pelo menos do ponto de vista epistemológico das retóricas associadas a defesa de uma ou outra doutrina geopolítica (ainda que tal aproximação não possa ser desconsiderada).

⁴ Por este fato é que reconhecemos que o movimento teórico realizado por Haushofer, caracterizou a fronteira como um espaço em movimento e suscetível a sofrer mudanças, argumentos que serviram de acordo com Ferrari (2010) como panfleto de roupagem científica, para o discurso de reconstrução da Alemanha após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), um reflexo do expansionismo nazista no Terceiro Reich. Deste modo, está óbvio

Para tanto, consideramos que toda fronteira está para além de uma simples linha que define e divide os limites entre dois territórios. A fronteira pode ser interpretada sobretudo enquanto local onde as representações sobre as diferenças culturais e distinções técnicas-civilizacionais tendem a ser minimizadas (BHABHA 1997). Com isso o limite fronteiriço ou, região limítrofe como preferiria o geógrafo Haushofer, sinalizaria dentro de suas pretensões políticas expansionistas, para regiões desocupadas na qual o limite não está tão bem definido. Enquanto as zonas fronteiriças seriam melhor interpretadas por este lugar de encontros, desencontros, choques e aproximações proporcionado pela fronteira. As teses de Haushofer e sua defesa do conceito de fronteira natural, carregadas de contradições, produziu um efeito rebote no campo da geografia científica quando embates teóricos realizados com o geógrafo francês, Jacques Ancel (1879 - 1942) alavancaram os estudos das fronteiras no Ocidente.

A disputa sobre a narrativa da crítica teórica sobre a análise geopolítica da fronteira na Europa, aflorou quanto os supostos da escola geográfica alemã foram problematizados através dos valores desenvolvidos na Revolução Francesa, como: democracia política, liberdade econômica e orientadas pelo valor comum ou universal do patrimônio histórico (ANCEL 1936 e 1938). Os textos de Jacques Ancel são emblemáticos: *Géopolitique* (1936) e *Géographie des Frontières* (1938) (FERRARI, 2010, p. 43). Neles o geógrafo francês sustentou que as fronteiras devem estar assentadas em um princípio de visão comum e universalista ligado ao Iluminismo. Direcionou seu olhar acadêmico para as fronteiras territoriais através do viés institucionalista expressando o caráter legal de delimitação territorial e legitimação do espaço político de um Estado. Em base a este critério as fronteiras internacionais estariam assentadas segundo Ancel, na inviolabilidade do limite fronteiriço⁵.

Por isso, fazer referência ao contexto social e político que influenciou Jacques Ancel em suas formulações teóricas, denota os motivos pelo qual via nas fronteiras um elemento central para manutenção da paz, após o Tratado de Versalhes (1919). Nos termos apresentado pelo geógrafo, a fronteira como o limite da atuação da soberania e poder estatal,

que Haushofer tornou-se um geógrafo do pensamento totalitário e colaborador intelectual do fascismo alemão (como outros de seu tempo).

⁵ Nestes termos podemos caracterizar que o autor expressou pela primeira vez que a noção de fronteira econômica e política emerge como lugar ou espaço para as relações internacionais.

reflete as ações legitimadas e institucionalizadas pelo poder estatal (i.e., a burocracia e política).

Para finalizar o debate da geopolítica destacamos que o trabalho geográfico de Jaques Ancel, ficou inconcluso por conta da ocupação nazista na França. Sua morte precoce num campo de concentração por conta da II Guerra, pode ter interrompido aquela que seria uma das maiores contribuições para os estudos das fronteiras na Europa da primeira metade do século XX. Podemos caracterizar em seus estudos dimensões históricas de análise que passa pelo processo de colonização africana no século XIX. Além disso, em outros trabalhos incorporou a dimensão étnica e religiosa para tentar refutar os modelos teóricos eugenistas e supremacistas ligados a produção teórica alemã (sobre influência do partido nazista)⁶. Por fim destacamos que a característica da “geografia da fronteira” desenvolvida por Jacques Ancel, têm em seu problema teórico uma luta travada por respostas científicas que não escaparam de reproduzir o espírito científico da época e também, o etnocentrismo eurocêntrico que assenta os estudos das fronteiras através do paradigma da modernidade política. Portanto seu trabalho emerge do debate franco-alemão sobre tensões que envolvem as noções de cultura e civilização nos XIX e XX (CUCHE, 2002. p.23) e também da “emergência geopolítica” na Europa do pré-II Guerra Mundial.

O suposto universalista de Ancel, difere em relação aos fundamentos nacionalistas-regionalistas dos geógrafos suíço-alemães. Porém ambos refletem portanto, o espírito nacionalista em ebulição nas primeiras décadas do século XX (ANDERSON & MIRA, 2005). São representantes de lados opostos de uma mesma moeda de aposta na constituição da geopolítica como instrumento de interpretação do sentido das fronteiras modernas. Ambas posições analisam as marcas de atuação política em reconhecer a tendência dos estados modernos de instalar-se progressivamente em um espaço que não é ainda esse espaço nacional, mas que se tornará em seguida (BOURDIEU, 1996, p.104). Estes argumentos são relevantes para transladar-nos para o outro lado do Atlântico, especificamente nos Estados Unidos.

⁶ De maneira irônica foi justamente a ausência de política (a guerra tal como caracterizada pela Ciência Política) o fator que interrompeu a construção mais significativa para os estudos geopolíticos sobre as fronteiras na primeira metade do século XX. Também vale destacar que seus estudos sobre populações do Balcans (1926), foram capazes de antecipar conflitos e tensões que só estariam mais evidentes com o declínio da União das Repúblicas Soviéticas e fragmentação das fronteiras territoriais no leste europeu.

Ainda no século XIX, foi desenvolvida uma das principais contribuições para os estudos sobre as fronteiras em termos fundacionais de estudos: *The significance of the frontier in American history*", (1893). De autoria do historiador Frederick Jackson Turner (1861 - 1932), o livro expressa a relação existente entre recursos naturais e expansão territorial, um modelo de análise orientado pela conquista colonial na América. Para este historiador, a formação das fronteiras estaria orientada pela liberdade econômica durante a constituição dos Estados Unidos da América. Para Turner a fronteira seria uma expressão concreta do 'legado' gerado pelo desenvolvimento econômico/civilizacional livre do poder do Estado. Desde uma ótica materialista e utilitarista, o autor produz em base ao pensamento econômico inglês que era a ideia de liberdade individual, trabalho e valores ligados ao protestantismo calvinista - supostamente orientados pela inexistência de um poder político regulador -, os fatores a serem considerados na constituição da fronteira civilizacional e agrícola na América na "*pioneer colonization of the Great West*" (TURNER, 1920, p. 187).

Seus textos foram seguidos por discípulos como: Frederic L. Paxson "*The Last American Frontier*" New York, The Macmillan Company (1910), Everett Dick "*The Story of the Frontier*" (1941), Walter Prescott Webb em "*The Great Frontier*" (1952) e Ray Allen Billington "*The Frontier in American Thought and Carácter*" (1958) *Westward to the Pacific: An Overview of America's Westward Expansion*; Jefferson National Expansion historical, 1979 que ficaram marcados como a geração de historiadores da escola turneriana (apud. TAYLOR, 1997)⁷.

Vale ressaltar que para Turner e seus discípulos, os limites fronteirios seriam a expressão do avanço técnico-civilizacional e racionalidade técnica da modernidade experienciada pela agricultura e máquina a vapor. Em uma interpretação simplista os autores defenderam ser a fronteira entre o "moderno" e o "não-moderno" que produziria o individualismo estadunidense e por sua vez a democracia. Para este grupo, a democracia norte-americana não havia brotado dos sonhos de teóricos, nascera da *free land*, das florestas e ganhava força quando tocava na fronteira (PRADO, 2004, p. 201). Assim destacamos que ainda que seja duvidosa e contraditória, a contribuição destes autores para o debate acadêmico

⁷ Sua teoria também repercutiu no outro lado do Atlântico Norte em países como a Inglaterra e demais países ligados ao Reino Unido da Grã Bretanha ou, pelo menos, sua colonização como: África do Sul, Austrália e Nova Zelândia. Também exerceu seu impacto no pensamento europeu localizado no interior do continente de forma a dar sustentação aos supostos centrais na teoria do capitalismo protestante nos Estados Unidos cuja máxima expressão é o trabalho pioneiro do sociólogo Max Weber.

sobre as fronteiras é o de fornecer uma alternativa a análise desenvolvida na Europa, mesmo quando notamos as marcas do eurocentrismo.

As fronteiras seriam interpretadas desde uma análise historiográfica, como o resultado do avanço pioneiro e parte do destino manifesto que reivindicou o papel heróico para os colonos puritanos e calvinistas. Estes supostos são amplamente refutáveis, entretanto não cabe entrar neste debate em uma dissertação. Por outro ponto de vista, podemos sim identificar uma linha teórica que se bem escapa em certos aspectos da história oficial militar estadunidense, estes autores, não puderam escapar do determinismo geográfico e com mais evidência das sequelas do colonialismo (SANTOS, 1978, p. 16)⁸. Em outras palavras expressam o eurocentrismo transcrito pela colonialidade do saber e poder colonialista.

Chamamos atenção para uma caracterização mitificada da ideologia que orienta as interpretações históricas desses autores. A imigração das ideias se faz evidente pela noção de modernidade e devir civilizacional, representado pela colonização do grande oeste estadunidense. Acreditamos que o artista John Gast (1842 - 1896) faz explícito o paradigma historiográfico de Turner. Talvez seja a mais icônica dentre muitas obras que analisamos em uma relação objetiva e de reflexão sobre o pensamento historiográfico estadunidense e os estudos teóricos sobre as fronteiras no Ocidente (IMAGEM 1).

IMAGEM 1 - American Progress



Fonte: GAST, John. (1872).

Além desta em outras sobre a colonização do oeste estadunidense podemos

⁸ Ao assumir os pressupostos econômicos, técnicos e civilizacionais da modernidade como critério para identificar o lugar teórico da fronteira. Suas análises passaram a refletir muito mais sobre quais são as premissas que constituem uma geografia colonial, ao mesmo tempo colonialista, ao assumir a ‘conquista colonial’ por conveniência na legitimação do território estadunidense.

associar ao paradigma turnerniano em reedições do trabalho do historiador ou, de seus discípulos, ilustradas com obras de arte do século XX. Aliás, reforçam a ideologia dominante do destino manifesto como paradigma da modernidade e processo civilizatório na América saxã. Ao interpretar o limite do território pelo espaço dito como ‘não domesticado’, dotada de uma natureza selvagem, estes historiadores colocam em dúvida sua contribuição dada às lacunas no discurso histórico sobre as fronteiras.

1.1.2 O Pensamento latino-americano

No marco dos estudos latino-americanos ambas as correntes saxônicas (i.e., a estadunidense e suíça-alemã) tiveram influência quanto aos estudos sobre as fronteiras na América Latina. É possível realizar aproximações com os supostos que hierarquizam às culturas/civilizações e sociedades em trabalhos como do peruano Víctor Andrés Belaúnde (1883 - 1966) e do mexicano Silvio Zavala (1909 - 2014). Em *La frontera en Hispano-américa* (1923), *La realidad Nacional* (1931) e *La Peruanidad* (1942) - do peruano - e “*El mundo americano en la época colonial* (1968)” - do mexicano - estes autores sustentaram que a noção de fronteira deveria escapar da retórica e discurso do vazio demográfico na constituição histórica da América. Seus argumentos davam conta que os processos civilizatórios e as lógicas fronteiriças também foram determinantes para as sociedades pré-colombianas. Assim como foram durante os períodos de dominação ibérica na América.

Para o peruano a ‘civilização’ em questão seria o império incaico e para o mexicano, as civilizações mais desenvolvidas tecnicamente em Mesoamérica tais como Astecas e Maias. Em ambos ocorre uma reprodução de modelos eurocêntricos ligados à hierarquização e classificação dos grupos culturais e étnicos através de etapas civilizatórias e evolutivas. Para Zavala e Belaúnde, assim como no pensamento Ocidental, as fronteiras seriam um elemento central na organização política e ideológica em diferentes sociedades e/ou civilizações. Um importante argumento que os diferenciam da escola geográfica alemã, pois tratavam a fronteira apenas desde distinto da modernidade industrial.

Existe entretanto outro elemento singular nestes dois pioneiros no debate latino-americano sobre as fronteiras: uma outra leitura do processo colonial; - nela a conquista/colonização passaria a ser tratada e reconhecida em base aos conflitos existentes

entre 'nações' ou populações indígenas. Porém estes autores por sua vez, não escaparam das formas característica de classificação e hierarquização das sociedades e culturas ao enfatizar as tidas como "civilizações pré-colombianas".

Destacamos portanto outra contribuição desenvolvida nos Estados Unidos, através de Jack Douglas Forbes (1934 - 2011) que demonstrou ser necessário e possível, desenvolver um outro sentido para análise das fronteiras. Em seus textos: "*The American Discovery of Europe*" (2010), "*Columbus and other Cannibals*" e "*Africans and Native Americans: The Language of Race and the Evolution of Red- Black Peoples* (1993)". Este autor desenvolveu um novo conceito de fronteira ao incorporar a análise interdisciplinar ao assumir uma posição indígena, mestiça e neolatina, ao sustentar que estudos sobre as fronteiras americanas devem estar orientados também pela territorialidade ameríndia. Para ele os indígenas também tinham uma fronteira, uma área onde sua cultura entrou em contato com a do europeu (FORBES 1959 apud TAYLOR, 2007. p. 252). Por meio de estudos históricos e geográficos, Forbes introduziu no debate teórico as fronteiras indígenas e também as fronteiras hispano-mexicanas nas análises das fronteiras estadunidenses. Também sustentou que as fronteiras 'euro indígenas' eram uma marca substancial do produto fronteiro dos países americanos.

Ao desvincular a noção de fronteira da ideia de limite territorial técnico/civilizacional e também do paradigma da modernidade, podemos reconhecer que as fronteiras não se restringem aos termos estritos de uma abstração simbólica sobre o espaço geográfico e assim questionar se seria possível considerar, a própria ideia de fronteira, como um produto cultural - como um arte-fato, tal como definido por Haesbaert, quanto às regiões - associado às populações autóctones da América.

Os avanços teóricos nesse sentido, são relevantes para os estudos da fronteira na segunda metade do século XX, realizados por "Hulbert Eugene Bolton (1870 - 1953) e seus alunos John Francis Bannon (1905 -1986), Donald C. Cutter, France Scholes (1897 - 1979) y Donald Worcester (1915 - 2003)" (apud TAYLOR, 1997). O denominador comum entre eles, o de haverem expressado definitivamente que sempre uma fronteira é constituída por dois lados e portanto, muito mais que meras abstrações por delimitações dos limites existentes entre nacionalidades ou estados vizinhos e/ou antagônicos.

Agora à luz da história política da América Latina interessa ser destacado os relatos sobre as fronteiras que encontramos durante o processo de liberação política na América colonial como marcas da entrada das fronteiras no imaginário geopolítico do continente. Podemos destacar inicialmente alguns dos próceres fundadores nações americanas, dentre eles: Toussaint Louverture (1743- 1803), Simón Bolívar (1783 - 1830), José Gaspar R. de Francia (1776 - 1840), José de San Martín (1778 - 1850), José G. Artigas (1764 - 1850) e José Bonifácio A. e Silva (1763 - 1838). Encontramos neles elementos que podem ser levados para uma interpretação das fronteiras junto ao contexto pós-independente, principalmente ao que tange o pensamento constitucionalista do Barão de Montesquieu e seu livro “O espírito das Leis”⁹.

As transformações impulsionadas em diversas partes do mundo, por consequência, nas áreas coloniais da América ibérica, contribuíram para o processo de independência (VICENTINO 2011). Nesse momento as fronteiras foram tratadas por disputas ligadas à colonização ibérica e formação das elites criollas. Em síntese a própria diversidade política e cultural serviria como fundamento para legitimação dos domínios territoriais na gênese dos estados na América. Ao passo que no processo de institucionalização dos países da América do Sul, as fronteiras foram vistas como um objeto de disputa geopolítica e cultural, vinculadas às concepções universalistas herdadas da própria Revolução Francesa (GRIMSON 2003). O Congresso do Panamá é emblemático nesse sentido, quando em 1816 gerou-se uma expectativa e posterior fracasso na unificação do território pertencente à América espanhola.

De outro modo, não podemos excluir as concepções advindas do naturalismo e romantismo europeu com olhar direcionado para as fronteiras institucionais, concebendo-as como fronteiras naturais, representado sobretudo pelos obstáculos naturais e geologia. Reconhecemos que ao idealizar e reivindicar os limites e fronteiras no pós-independência (1808 - 1828), as elites e oligarquias criollas, militares e terratenientes, exerceram um papel decisivo neste processo caracterização do imaginário, digamos mais latino-americano, na constituição das cartografia geopolítica e Moderna na América Latina.

⁹ Como variante poderíamos destacar José Artigas que não teve formação acadêmica e por isso recebeu influências múltiplas incluindo do pensamento federalista estadunidense. Outro seria José Bonifácio, que por sua formação em Coimbra em Portugal, esteve ligado mais ao pensamento contratualista-utilitarista inglês e com o romantismo italo-germânico.

Chamamos atenção para tanto, aos Mapas elaborados pelo projeto “Atlas Histórico de América Latina y el Caribe : Aportes para la descolonización pedagógica y cultural” (2017) da Universidade de Lanús - Argentina

IMAGEM 2 - A Fragmentação na América espanhola no final do século XVIII.

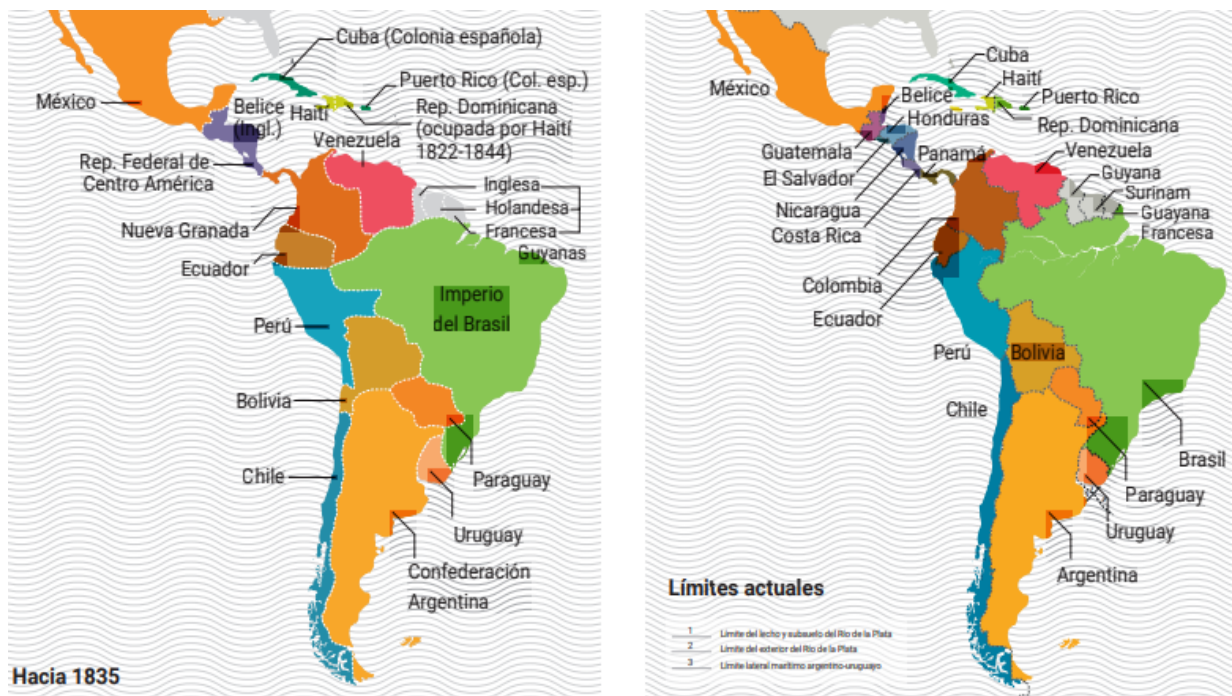


Fonte: ATLAS, Histórico da América Latina e Caribe (2017, p. 338)

Junto ao mapa podemos comparar o fracionamento do território colonial da coroa espanhola sem ter pretensão de dimensionar ou aprofundar no contexto e processos políticos, diplomáticos e bélicos que vieram anexar à cultura nacional como promoção da identidade e ética universal ou, nacionalista-regionalista. Estas disputas ideológicas - assim como em contextos distintos ao do continente - fizeram parte de um princípio da visão integradora na tradição republicana, mas também formas perversas de *imperialismo universalista* e *nacionalismo internacionalista* (BOURDIEU, 1996, p. 106). Tal dimensão dialética e contraditória, permite estabelecer que desde o princípio existiam relações assimétricas na constituição das fronteiras internacionais no continente. As estruturas e hierarquias sociais pouco foram alteradas após a emancipação das principais nações da América espanhola. Podemos afirmar que as fronteiras instituídas desde um “prisma outro”, servem para interpretar as fronteiras internacionais na América Latina, como localidades ou

lugares onde estão plasmados os diversos conflitos e choques culturais, geopolíticos e étnicos. Chamamos atenção para realizar uma breve comparação através da ilustração abaixo (IMAGEM 3).

IMAGEM 3 - América Latina pós-independências (1835 e dias atuais)



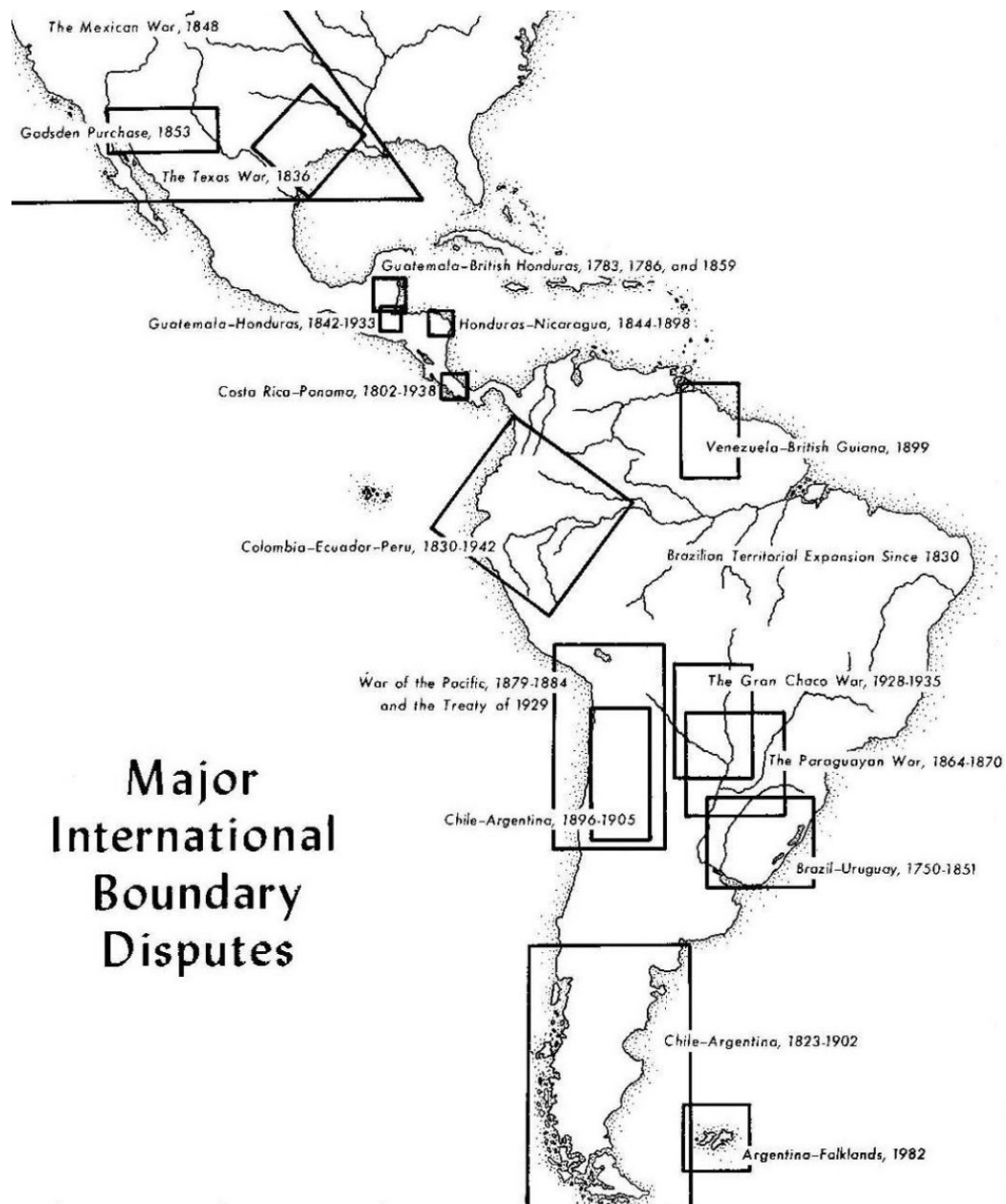
Fonte: ATLAS, Histórico da América Latina e Caribe (2017, p. 338).

Podemos reconhecer através destes mapas que alguns dos principais pontos de tensão geopolítica durante os oitocentos, emergem da própria fragmentação do território ameríndio e prosseguem no contexto pós-independência por disputa pelas fronteiras modernas e geopolíticas tal como comprovam as imagens 2 e 3. Uma comparação entre os três mapas, ainda revela as nuances que alteraram a configuração geopolítica no continente e vai ao encontro de outra imagem que encontramos em nossa pesquisa que serve para localizar alguns conflitos territoriais e disputas fronteiriças. O mapa “Major International Boundary Disputes” (IMAGEM 4) - na próxima página. Nele pode-se observar os principais pontos de conflitos territoriais nas fronteiras da América Latina, entre 1750 e 1990.

O antropólogo Alejandro Grimson (2003) reconhece desde as fronteiras no Cone Sul um objeto de disputa política, mas também de disputa no campo acadêmico (GRIMSON 2003). Por este suposto, reconhece que nos anos de 1980 e 1990, um giro epistêmico direcionado para as fronteiras internacionais, demarca o momento em que as

ciências sociais passaram a questionar os estudos dos territórios nacionais formados a partir dos imaginários estatais. Nas palavras do autor, este período ficou marcado como o *momento en lo cual comenzaron a considerar estos imaginarios como objeto de sus trabajos* (GRIMSON, 2003, p. 15). Neste contexto, a circulação de pessoas e relações interculturais em contextos de fronteira, tornaram-se o foco das principais abordagens desenvolvidas nos estudos da fronteira entre o México-Estados Unidos.

IMAGEM 4 - Latin America Major International Boundary Disputes (1750-1990)



Fonte: DOMINGUEZ e MARES (2003).

Por um viés culturalista múltiplas disciplinas buscaram evidências da

cultura nacional e seus afastamentos nas fronteiras, e foram quatro livros que trouxeram um novo sentido de fronteira e no qual identifica-se categorias de análise como: *cultura de fronteira*, *cultura fronteiriça* e *fronteira cultural*. Gloria Anzaldúa por exemplo, em seu livro “*Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*” (1987), demonstrou diferentes padrões de mestiçagem vividos na fronteira sul estadunidense. Outro livro, de Renato Rosaldo, intitulado: “*Culture & truth: the remaking of social analysis: with a new introduction*” (1989 : 1993) traduzido para o espanhol como “*Cultura y verdad: la reconfiguración del análisis social*” (PEÑALOSA, 2000). Nele identifica-se o questionamento quanto a capacidade do Estado de reivindicar e sustentar a cultura oficial em contextos de encontros fronteiriços.

Outro aspecto interessante na análise desenvolvida por estes autores, foi terem assumido um papel determinante para o pensamento antropológico no continente ao transformar a aplicação do conceito de cultura. Os trabalhos de D. Emily Hicks, “*Border Writings*” (1991) e a compilação de Héctor Calderón e José David Saldívar; “*Criticism in the Borderlands*” (1991); - por exemplo, colocaram definitivamente o conceito de fronteira no centro da crítica cultural latino-americana e por assim, do Ocidente. Em suma, esses trabalhos reconheceram que existe nos limites territoriais, uma lógica própria e uma “fronteira cultural” ou “cultura de fronteira” que deveria ser estabelecida no centro do debate acadêmico. Neles estão evidentes uma crítica aos discursos científicos que assumiam o carácter essencialista, folclórico e por dizer, romântico e mítico em seus estudos. Também identificamos um etnocentrismo direcionado para a fronteira sul estadunidense que foi generalizada para todas as demais fronteiras da América Latina.

A partir da publicação do livro “*Culturas Híbridas*” (1989), do antropólogo Néstor García Canclini, pode-se caracterizar uma ruptura definitiva com os estudos de natureza culturalista-essencialista para as fronteiras na América Latina. García Canclini foi sem dúvidas o primeiro pesquisador a demonstrar muitas das relações ambíguas ou “obliquas” que atravessam as comunidades locais e populações que vivem em regiões fronteiriças. Ao confrontar a noção de cultura e identidade nacional, Canclini reconheceu o papel determinante da “interculturalidade” e “hibridez” no cotidiano social de comunidades localizadas entre duas institucionalidades e soberanias. Neste sentido, outro autor próximo a Canclini, o antropólogo argentino Alejandro Grimson, demonstrou que a chave explicativa das fronteiras na América do Sul - assim como reconheceu Canclini na fronteira entre EUA e MEX - é a “hibridação

cultural”. Para ambos autores a hibridação está evidente nas fronteiras americanas, seria interpretada como: *un proceso al cual se puede acceder y que se puede abandonar, del cual se puede ser excluido o al que se pueden estar subordinados* (Canclini 1989 apud GRIMSON 2003, p. 16). Nestes termos identificamos que a análise das fronteiras na América Latina, revela-se por quatro prismas ou dimensões de análise, são elas: “ideacional, normativa, materialista y agencial” (CANCLINI 1989).

Podemos considerar que o esforço de pesquisa ao demonstrar a necessidade de todas as fronteiras serem sempre problematizadas através do sentido relacional que é exercido pelos dois lados da mesma. Para uma melhor identificação deste contexto os estudos da “fronteira” ou melhor da “fronteira cultural” e “cultura de fronteira”, - caracterizamos que a produção dos estudos fronteiriços atravessou três etapas: i) o reconhecimento nacionalista da cultura e identidade sociológica na fronteira; ii) fatores relativos aos estudos de gênero, a raça e orientação sexual; e, iii) reconhecimento do hibridismo e/ou “visões de uma utopia híbrida” (YÚDICE 2006). Entretanto destacamos que as narrativas literárias e teóricas têm um valor específico localizado nos circuitos do campo acadêmico e artístico, quando não, estão ligados aos setores mais poderosos do mercado cultural, como reconhece George Yúdice (2006).

Por esse argumento, chamo atenção para o reconhecer que : “as noções de hibridização e cruzamento do limite territorial - material e simbólico - não fazem justiça à especificidade do lugar da fronteira, nem mesmo, ao modo como as pessoas em determinadas situações enfrentam os diferentes desafios impostos pela migração, condições trabalhistas flexíveis, a televisão, rádio e redes sociais nas comunicações transnacionais (YÚDICE, 2006, p. 341). Para ilustrar o sentido da indagação chamamos atenção para a Imagem 5 que mostra três indivíduos burlando o controle fronteiriço ao “pular-escalar” o muro construído na fronteira entre os Estados Unidos e México (IMAGEM 5). Ela é uma singela demonstração dos obstáculos que estão postos diante desta suposta possibilidade de “entrar” e “sair” da modernidade através do trânsito pela fronteira.

IMAGEM 5 - Burlando (pulando e escalando) muro localizado na fronteira entre EUA e MEX.



Fonte: catacralivre.com

Relatos com imagens como esta são encontrados aos montes na rede de informática. A partir dela problematiza-se o debate sobre a hibridação cultural na fronteira latino-americana, considerando a fronteira como um lugar de encontro entre diferentes relatos geopolíticos, literários, historiográficos e antropológicos evidenciados pelos trabalhos acadêmicos (GRIMSON 2003) e como já foi dito acima.

A fronteira como objeto de disputa nas ciências sociais, ganha exemplos pelo olhar projetado sobre este espaço que é objetivado pelo olhar do poder estatal, mas também pelo olhar acadêmico. Uma expressão sintomática desta disputa é o livro *Antropologia de las fronteras. Alteridad, historia e identidad más allá de la línea* (2007), organizado por Miguel Olmos Aguilera. Em outro livro, “*El concepto de frontera en la geografía humana*”; encontramos o argumento que revela as fronteiras ao mesmo tempo como um espaço absoluto e um espaço socialmente construído. Vale dizer neste exercício de caracterização dos estudos sobre as fronteiras no Ocidente e América Latina, que em 2004, no livro “*Fronteras y la construcción del Estado en América Latina*”, Michael Baud, reivindicou que a noção de fronteira deva ser encarada por seu caráter polissêmico e multidimensional, dado que sempre foram marcadas por ambiguidades materiais e simbólicas que devem ser observadas e refletidas pela pesquisa acadêmica.

Nestes termos de análise, a fronteira vista como salientou Homi Bhabha

como o “local da crítica literária e estudos culturais” (BHABHA, 2010). Por outro lado, segundo outro antropólogo é preciso reconhecer que a maior peculiaridade do Estado-nação moderno foi a noção de que suas fronteiras territoriais poderiam manter indefinidamente as fábulas da singularidade étnica (APPADURAI 1997 - tradução nossa). Esta crítica também serve para revelar que a fronteira é um lugar propício para florescer o debate cultural na atualidade que circunda uma esfera do além, mas que não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado (BHABHA 2010). Nesse sentido, vemos a hibridação mais como esta relação dialética e abigarrada entre tradição e modernidade como fator para as disputas ideológicas sobre as fronteiras.

Para encerrar o debate no pensamento latino-americano, destaco que é por meio da lógica institucional das fronteiras o caminho pelo qual reconhecemos sua valorização e reconhecimento da cultura neste local de choques e conflitos, como sendo o resultado de uma nova ordem do discurso - para usar um termo foucaultiano - produzido pelas narrativas sobre as fronteiras. Nestes termos podemos considerar que apenas aqueles discursos considerados “competentes” - i.e., aqueles que fazem incidir a ideologia com a realidade (CHAUÍ 1983), são capazes de se perpetuar neste lugar de disputa. Nesta realidade complexa e multifocal, a população correspondente ao Estado e/ou os estrangeiros que cruzam os limites, convertem-se num objeto destacável da própria disputa teórica, acadêmica como reflexo da disputa política ligada ao Estado.

1.1.3 O Pensamento Brasileiro e as Fronteiras

No Brasil, as fronteiras podem ser encaradas como o lugar que acompanhou a construção narrativa da nação. Encontramos nas fronteiras expressões similares como “sertão” e que serviu à época, para demarcar a porção do território estaria o encontro com a genuína identidade nacional. Ela era representada pelo encontro entre o colono português e as populações nativas como elemento de conexão com a terra, em um afastamento das populações litorâneas e/ou metropolitanas sob influência europeia.

Os retratos produzidos sobre o Brasil, revelam esta oposição entre cidade e fronteiras, ou melhor, sertão que se tornam evidentes os encontros e afastamentos com o litoral e cidade. Chamamos atenção para ilustrar, o pintor Jean Baptiste Debret (1768 - 1848) que no início do século XIX, retratou junto a comitiva imperial, a paisagem cultural no Brasil,

forneendo um contraste entre estes lugares relacionais na construção da identidade nacional do Brasil (IMAGEM 6 e 7).

IMAGEM 6 - “Os refrescos do Largo do Palácio”



Fonte: DEBRET, Jean Baptiste : “Viagens Pitorescas ao Brasil” (1989).

IMAGEM 7 - “Soldados índios da província de Curitiba escoltando selvagens”



Fonte: DEBRET (1834), acervo - Casa da Memória de Curitiba.

Pelas imagens podemos identificar uma estrutura social escravista em que o sertão, encarado em determinado momento como o lugar e espaço desabitado, inóspito, ou mesmo da natureza selvagem, sinalizaria um “território ponte” marcado pelos perigos vividos neste espaço que gradativamente passaria a ser visto como o nacional. Ainda que pareça paradoxal, foi este local que acompanhou algumas das narrativas que traziam ao olhar

europeu a versão da “*terra paradisiaca*” muito bem representada pelo livro “Visão do Paraíso” de Sérgio Buarque (HOLANDA 2010). Outra versão pode ser reconhecida nos “*Tristes trópicos*” de Lévi-Strauss (1953) que somados as representações míticas do imaginário sobre o Brasil, revelam como antecipou Debret, em seu livro: “Os retratos pitorescos do Brasil”; as formas como as imagens acompanharam o nascimento da realidade e identidade brasileira (DIEGUES 2000; PRADO 2006).

A formação da “marca” ou “identidade nacional” brasileira, estaria assentada na miscigenação entre nativos, portugueses e africanos. A cultura popular e o patrimônio nacional como marca constitutiva da cultura brasileira (ORTIZ 2006[1985]), encontraria sua imagem e reflexo, no pensamento científico ao tentar refutar os modelos racial e eugenista do final do século XIX. O maior expoente nesta pulsão “anti-racista” ou pelo menos, “anti-eugenista”, foi Gilberto Freyre (FREYRE, 1938). Ainda que tenha dado forma ao “mito da democracia racial brasileira”, Gilberto Freyre em seus livros “Casa Grande e Senzala” (1938) e “Sobrados e Mucambos” (1968), buscou atribuir análise da cultura sobre a influência da presença indígena e africana no Brasil.

Autor mais contemporâneo, Darcy Ribeiro, também assentou seu discurso sobre a brasilidade no tripé constitutivo da matriz cultural: Tupi, Africana e Portuguesa (RIBEIRO, 1996). Seu trabalho final, “O Povo Brasileiro”, pode ser interpretado desde uma posição crítica como uma análise que apenas substituiu a primazia da raça e impureza cultural, pela constituição de uma matriz culturalista da brasilidade. Não escapou portanto das formas de hierarquização, classificação, catalogação, bem como de invisibilização de outras narrativas étnicas e culturais que aqui também existem ao favorecer a visão comum de um processo civilizatório linear e homogêneo (ORTIZ 1985; SOUZA 2018), algo que certamente não observamos na realidade.

A interpretação das fronteiras brasileiras, refletiu as distinções e oposições existentes entre o litoral e interior do território. Nestes termos, entre a cultura brasileira e outras formas identificadas pela oposição entre “cidade” e “sertão” dando forma às narrativas que demarcam as diferenças na vida social, cultural e cotidiano dos brasileiros. Uma obra fundadora da literatura sertanista, foi escrita por Euclides da Cunha, o qual retratou os universos separados entre o imaginário sertanejo e o metropolitano. Para o jornalista este encontro conflituoso e descobrimento do ser brasileiro, seria representado pelo conflito bélico

de Canudos na Bahia cujo tensionamento forjaria a cultura e identidade nacional dos brasileiros.

Neste sentido José Albuquerque (1978) comenta que em Sérgio Buarque de Holanda (1957) pode-se reconhecer quatro sentidos pelo quais a fronteiras estiveram associadas ao processo de colonização ibérica no Cone Sul da América: i) primeira - marcada pelo caráter de ligação associado a zona híbrida ou um território ponte; ii) segunda - a fronteira torna-se marco da separação entre a colonização portuguesa e espanhola; iii) terceira - na qual a fronteira é interpretada como sendo frentes de expansão em um sentido bélico e por isso, o caráter de uma fronteira em movimento; e iv) quarta - encarada como elemento da transição e passagem singular da colonização ibérica para a modernidade nacional após o Império e República” (ALBUQUERQUE 1978 apud. FERRARI 2003).

De acordo com a literatura acadêmica especializada, os estudos da fronteira no Brasil foram assumidos de maneira reducionista durante parte do século XX, encarados sob três eixos: a) diplomático - como produto de tratados e negociações internacionais, b) militar - como resultado das disputas bélicas e vocação guerreira e, c) geográfico - com base na noção de fronteiras naturais (Osório 1995 apud COSTA, L. 2014)¹⁰. Por outro caminho teórico, o geográfico, coube ao general Golbery do Couto e Silva ainda na primeira metade do século XX, discutir a doutrina de segurança nacional e definir as fronteiras brasileiras em “duas zonas” que estariam formadas pelas bacias do Amazonas e Prata (DORFMAN 2013). Para geógrafo/militar, ambas bacias estavam articuladas pelo centro-oeste brasileiro cujo modelo traçado pelo general, reflete em menor grau o momento atual da teoria sobre as fronteiras do Brasil.

Já no início do presente século, duas propostas distintas foram desenvolvidas desde a geografia humana: uma primeira caracterizada como a condição fronteira gaúcha e outra, como a condição fronteira na Amazônia Setentrional. Com base

¹⁰ Podemos identificar resíduos materialistas em autores como o marxista Caio Prado Júnior (1957) em seu livro “A Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia” e “História econômica do Brasil” (1978), e no pensamento Liberal de Celso Furtado, especificamente, no livro “A Formação Econômica do Brasil” (1972)[2020]. Outra vertente interpretou a superação da natureza de maneira similar ao que foi formulado pelo pensamento histórico de F. J. Turner. Em termos próximos, Sérgio Buarque de Holanda (1936)[1995] é representante que reconheceu a fronteira brasileira como resultado de uma ‘ética fundacional’. Esta ética estaria assentada na cordialidade e aculturação como explicação para o avanço sobre as fronteiras naturais. A expressão máxima deste personagem seria representado pelas entradas das “bandeiras portuguesas” e o discurso pioneiro ligado ao bandeirante paulista.

nestas duas delimitações foi organizada uma terceira frente de estudo marcada pela “condição fronteira no Mato Grosso”. Assim é este o tripé conformado por duas bacias hidrográficas e um bioma ecológico que podemos reconhecer que a bibliografia produzida sobre as fronteiras no Brasil, refletem um corpus que reúne a produção de geógrafos, historiadores e antropólogos sobre as relações construídas pelos habitantes de cidades de fronteira (DORFMAN 2013).

Destacamos para tanto que as principais pesquisas foram desenvolvidas sobre a denominada fronteira platina ou, “sul brasileira”, são: Fernando Rabossi (2004), Brígida Renoldi (2007), Alejandro Grimson (2003), Sérgio da Costa Franco (2001), Ronaldo Colvero (2004), Lidia Schiavone (1993) e Maristella Ferrari (2003). Outros trabalhos importantes também destacam a cartografia dos estudos e debates entre mídias e fronteiras no Brasil (MULLER, RADDATZ & STRASSBURGER, 2015). Além disso Dorfman, França e Assumpção (2016) são referências em estudos de natureza histórica e buscam apresentar as formas e os processos contemporâneos ligados às fronteiras Sul-americanas, neles se inclui o Brasil. Chamamos atenção, por fim, para o trabalho realizado em conjunto por Rocha, Dorfman e França (2016). Nele os autores elaboram uma base de dados de teses e dissertações e monografias sobre estudos fronteiriços. Os diferentes casos estudados por estes buscavam caracterizar as relações sociais e saberes articulados através do tradicionalismo e artesanato (ROCHA et al 2016).

Podemos concluir segundo Dorfman que a variação no conceito e ideia de fronteira no Brasil, reflete a combinação entre espaço e tempo que demarca a produção teórica com sua situação sócio-espacial contingente. Argumento que refere-se ao fato do emissor da análise e formulação teórica, estar situado em um lugar de pesquisa e do qual, a cultura em circulação, condiciona-o e às representações já existentes no mundo social (DORFMAN 2013). É dizer, o contexto histórico da produção, a leitura teórica da fronteira e principalmente o lugar da enunciação do(a) pesquisador(a), influi na representação que se obtém deste espaço de disputas de narrativas.

Observamos com isso que região do Brasil Meridional expressa o interesse em nossa pesquisa, pois demarcada a confluência de diferentes narrativas literárias desde a segunda metade do século XVIII. Sobre isso Luciana Costa afirma:

o processo de constituição e demarcação de fronteiras, levou à dupla

condição: de separação e estabelecimento de limites nas constantes disputas entre as Coroas Lusa e Espanhola, e de troca e integração, estabelecidas concomitantemente a esse processo. Historicamente, a rede urbana em torno das fronteiras rio-grandenses formou-se sob a conjugação de um trinômio baseado na questão militar, na atividade pecuária e no comércio, legal e ilegal, ou seja, por meio do contrabando. (COSTA, L. 2014 p. 58).

Estes supostos podem ser utilizados em relação aos atuais estados do Paraná e Santa Catarina, pois tais regiões estiveram também ligadas à expansão econômica por meio da agricultura e extrativismo da madeira e erva-mate. Entretanto, uma variante importante a ser considerada em relação ao contexto rio-grandense para evitar as generalizações que conformam uma espécie de etnocentrismo representado pelo ideal do gaúcho como ser que atua na vanguarda da fronteira.

Reconhecemos para os fins da nossa investigação que os estudos ligados à fronteira do Oeste do estado do Paraná, estão amplamente associados a presença das Cataratas do Rio Iguaçu e Parque Nacional do Iguaçu, bem como a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu no final do século XX. Estes elementos revelam uma fronteira que confunde-se com o maravilhamento do mundo moderno através da “Maravilha da Engenharia Moderna”, representado pela Usina de Itaipu Binacional, e também, ao maravilhamento proporcionado pela natureza que faz-se referência à “Maravilha da Natureza”, simbolizada pelas Cataratas do Iguaçu. Nesta realidade fronteiriça o turismo torna-se uma marca e signo para a cidade de Foz do Iguaçu e Fronteira Trinacional.

1.2 O TURISMO E AS FRONTEIRAS

1.2.1 Pós-Guerra e o Mercado Global

Após caracterizar o percurso dos debates e estudos relativos às fronteiras no Ocidente, nas próximas páginas, realizamos uma aproximação e encontro entre as narrativas teóricas e acadêmicas do turismo com os usos das fronteiras internacionais enquanto um recurso turístico. Para tanto, destacamos que o turismo é uma atividade que se desenvolveu e evoluiu ao longo das mudanças e transformações nos séculos XVIII e XIX. O berço do turismo foi a Inglaterra, posição que defende e demonstra Marc Boyer (1999), com a qual concordamos. Destacamos que sua prática foi inicialmente de tipo elitista e antes de se tornar, digamos, moderno, o turismo foi encarado como um elemento de distinção social e formação dos julgamentos e gostos entre as classes sociais (BOURDIEU 2007). O turismo foi portanto associado ao ócio conspícuo e consumo exibicionista ligados a classe ociosa (VEBLÉN

1898), algo que denota o caráter ostentatório dessa atividade, tal como reconhece M. Boyer (1999).

Destacamos dois marcos deste momento de transição entre o turismo de tipo elitista para um de tipo turismo moderno ou, pré-fordista, são eles: a fundação da empresa “Thomas Cook” na Inglaterra (1841) e as iniciativas de empresários em desenvolver junto as Cataratas do Niágara, na fronteira entre os Estados Unidos e Canadá, atividades de visitação turística¹¹. Neste sentido, a constituição de lugares cujo apelo é o uso para contemplação dos recursos naturais, revela um primeiro passo para a constituição do capital turístico e sua mercantilização internacional. Entretanto, ressaltamos que este modelo de planificação esteve associado à planificação estadunidense, junto da fronteira com o Canadá, sendo que a proliferação do turismo deu-se após iniciativas de constituição de parques para uso turístico. Eles são observados em países da América Latina, Europa e Oceania no início do século XX. Portanto, ao longo do século XIX, o turismo sofreu diversas alterações até tornar-se capaz de promover o deslocamento massivo de pessoas nos países desenvolvidos ou industrializados.

Essa realidade ganha escala mundial no contexto do pós II Guerra Mundial, quando a constituição da sociedade de massa, tal como caracterizada pela literatura sociológica dos autores da “Escola de Frankfurt” como Theodor Adorno (1903 - 1969) Max Horkheimer (1895 - 1973) e Walter Benjamin (1892 - 1940) (ADORNO e HORKHEIMER 1985 e 2013) produziu uma maior circulação das informação através da imprensa, rádio e cinema e que nos permitiu reconhecer na promoção e divulgação da imagem dos destinos turísticos, como um elemento central na constituição do turismo de massa¹².

Nesta esteira, as lutas sociais e a conquista de direitos trabalhistas em diversos países da Europa e América, dentre eles o Brasil, fizeram aparecer um tipo de

¹¹ As antecipações do turismo são detectadas em países como a Inglaterra e os Estados Unidos, que mobilizaram desde o início do século XIX, o setor privado de agenciamento de viagens (para o caso inglês) e o poder público pelas políticas de conservação e preservação da paisagem natural estadunidense no final do século XIX. Ocorreram também antecipações turísticas na América Latina. Países como Argentina, Brasil e México criaram empreendimentos turísticos ainda na segunda metade do século XIX e início do XX. Por sinal, é junto a estes marcos históricos que podemos encontrar a aproximação definitiva entre a planificação econômica e territorial moderna, com a produção social (tal como em uma invenção) do turismo enquanto atividade econômica.

¹² A televisão ampliou a divulgação destas imagens quando foi popularizada entre a classe média europeia e estadunidense. A facilitação no acesso aos veículos automotores como ônibus e carros, junto da ampliação da infraestrutura aeroportuária, organização de linhas aéreas transcontinentais, transoceânicas e internacionais, produziram uma nova fase de tipo fordista no turismo. Ela é interpretada pelo aumento massivo das viagens ligadas a lugares ou paisagens distantes do habitual e sobretudo do cotidiano de trabalho representado pelas férias.

consumidor que é melhor identificado como consumidor-turista (URRY 2001; MARUJO 2005; FERNANDEZ 2018). O direito de férias, os feriados cívicos ligados ao calendário da cultura nacional e ampliação das redes de infraestrutura material, transformou o trabalhador médio num viajante incansável à procura de semelhanças e diferenças culturais (BENI, M. 2003, apud. PAIXÃO, R. O, 2005, p. 14). Países da América do Sul, como Brasil e Argentina, viram o aumento da demanda turística ocorrer durante a década de 1940, especialmente nos governos populistas de Juan Domingos Perón e Getúlio Vargas, cujos efeitos puderam ser sentidos até mesmo em países como o Uruguai (FALERO 2010; FALERO e CAMPODÓNICO 2014)¹³.

Desde um ponto de vista sociológico, o turismo de massa ou, o turismo fordista, tornou-se a manifestação concreta do aumento do consumo em escala planetária. Autores como H. Schattenhofen (1911), R. Glucksmann (1939), A. J. Norwall (1936), M. Troisi (1942), W. Hunziker e K. Krapf (1942) entre outros (BARRETO, M. 1995), buscaram definir o turismo em base ao modelo de consumo da época. Considerado pioneiro nos estudos turísticos, H. J. Kenebel (1960) apresentou seu entusiasmo pela defesa do desenvolvimento do turismo projetando-o em trabalhos com elaborações e análises sofisticadas por critérios e metodologia científica. Outros especialistas, buscaram revelar uma outra face do turismo ao demonstrar seu lado perverso e/ou sombrio. Entre alguns nomes Jeremy Boissevain (1979) e Emanuel De Kadt (1979), foram aqueles que deram ênfase nos impactos e consequências negativas do turismo nas comunidades receptoras do Mediterrâneo¹⁴.

Nos estudos sobre as consequências do turismo de massa ou fordista, Francisco Jurdao Arrones reconheceu a promoção turística na Espanha de maneira semelhante ao de colocar a “Espanha à venda” (ARRONES 1988 p. 73-86) simbolizando esta crítica sobre o turismo que visava desmistificar a fase fordista do turismo e fundamentalmente, seus “mitos” - reproduzidos e propagados pelo Banco Mundial e OCDE¹⁵. Assim, Jordao Arrones

¹³ Contudo, consideramos inapropriado falar em turismo de massa para os países citados, pois esta análise é complexa e diferenciada em cada um dos casos. Ainda sim, reconhecemos que tal como analisou Mauro José Ferreira Cury (2003) foi neste período que a planificação territorial das fronteiras no Cone Sul, passaram a estar associadas à constituição de parques naturais como um sinônimo de modernidade em uma clara sinalização para um futuro turístico e como observamos adiante.

¹⁴ Os textos mais destacados são *The impact of tourism on a dependent island: Gozo, Malta e Towards a social anthropology of the Mediterranean*; *Tourism: Passport to Development*. e *Social planning for tourism in the developing countries*..

¹⁵ Segundo Arrones existiram cinco mitos propagados pelo Banco Mundial e OCDE; são eles: do desenvolvimento econômico por meio do turismo, que o turismo é orientado pelas belezas naturais, o turismo

questionou a realidade do turismo para demonstrar que, ao contrário do esperado, o turismo de massa não mostrou-se capaz de promover o dito encurtamento das distâncias econômicas e sociais, tão pouco seria capaz de levar a contração do tempo e espaço em escala planetária.

Acreditou-se que o mercado global seria capaz de homogeneizar as realidades locais, noção que reivindicou o turismo um instrumento para o desenvolvimento econômico nas comunidades locais, mas que acarretaria em perdas culturais ligadas às tradições. Esperava-se que a reconstrução do pós-guerra iria rapidamente romper com a perspectiva do turismo como atividade de lazer e prática espontânea, fato que alterou as viagens marcadas pela imagem exibicionista ou ostentatória associada às elites. Este elemento é elemento central da sociedade de massa e indústria cultural no pós-guerra, ao passo que foi nesse momento que o turismo transformou-se num fenômeno para além de uma simples atividade de fuga momentânea da realidade e cotidiano social, passando a ser ele próprio uma dimensão do consumo mundializado.

A ampliação das redes de fluxo global são determinantes para compreender a entrada do turismo em algumas localidades periféricas como nos países da América Latina. Neste contexto, proliferaram os locais do turismo que imprimiu novas formas e funções aos territórios e espaços políticos. O turismo converteu-se num elemento que define, modela e consome os territórios e as paisagens culturais (FERNANDES, J. L. J, 2018, p. 563) e seus impactos foram abordados no campo acadêmico através de análises como de Boorstin (1961), que revelou o turismo como uma forma de mercadorização da cultura e que este resultaria na homogeneização da experiência turística. O turismo era representado como uma prática inautêntica de consumo estetizado da cultura (BOORSTIN 1961). Nesta linha, Dean MacCannell (1973) é levado por este olhar crítico em relação ao turismo de massa, atribuindo ao mesmo, uma realidade revelada pelo existencialismo e perversidade da modernidade. Outros autores, tal como Turner e Ash (1975), também realizaram contundente denúncia ao turismo de tipo fordista, concentrando-se na configuração inautêntica ou encenada da realidade sócio-cultural que envolve o turismo (TURNER e ASH 1975).

Neste sentido podemos caracterizar os estudos turísticos, Graham Dann e

teria um efeito multiplicador na economia e circulação do capital, o mesmo seria capaz de desenvolver a infraestrutura necessária para visitação turística, e por fim, que é possível realizar o desenvolvimento do turismo em base a planificação econômica evitando os “efeitos negativos do turismo”. (JURDAO ARRONES, Francisco. *Los mitos del turismo*. Madrid: Endymion, 1992).

Erick Cohen (1991) sustentaram que o turismo só poderia ser definido pela disposição relacional entre aquilo que é conhecido (os saberes e as práticas do cotidiano - do turista e das comunidades receptoras) e aquilo que é desconhecido ou, pelo menos aquilo que sabe-se pouco (aquilo que está fora do cotidiano do turista e/ou sobre as localidades de destino). Por esta relação dialética entre conhecido e desconhecido, foi que a Sociologia do Turismo se constituiu na segunda metade do século XX, como ramo das ciências sociais, concentrado na crítica social do fenômeno do turismo.

Por isso foi caracterizada na década de 1970, como a “ciência do movimento forasteiro” ou ainda, a ciência social que estuda o comportamento que se transforma durante as férias (MARUJO 2005 e 2013). Foi assim que este ramo do conhecimento se constituiu segundo a pesquisadora Noemi Marujo como uma “especialidade emergente” que estava interessada nas *motivações, papéis sociais e relações turísticas*. Em outros termos concentrada no impacto da presença dos turistas nas sociedades que os recebem (MARUJO 2005). Por este caráter foi que Fuster (1974) sustentou existir duas massas (populações) objetivas na sociologia científica do turismo: “os viajantes e a comunidade receptora”.

Nesta linha de interpretação, Erik Cohen (1971) sustentou que o turismo é um fenômeno social organizado pelas subjetividades que se cruzam e se encontram pelo deslocamento espacial temporário. Além disso, Erik Cohen reconheceu conjuntamente com Graham Dann (COHEN e DANN 1991) que os estudos do turismo obedecem a quatro áreas temáticas centrais: o comportamento dos turistas; as relações entre população local e turistas; sobre a estrutura e funcionamento do turismo e; em relação às consequências do turismo (BERNARDO 2013). Além destes autores, Smith (1977) reconheceu a multiplicidade de turismos existentes e por consequência a heterogeneidade de turistas a serem destacados pela pesquisa científica¹⁶. Podemos concluir dentro de um quadro geral de análise que a autenticidade e não-autenticidade do turismo prevaleceu nos estudos sociais e culturais sobre o turismo de massa ou, de tipo fordista. Suposto que levou os antropólogos Dennison Nash e Nelson Graburn a caracterizar que o turista moderno converteu-se num ser exótico definido

¹⁶ Para Cohen existem quatro modos pelo qual é organizada a atividade turística, uma primeira marcada pelo carácter de consumo massificado, o turismo massificado individualizado, o turismo exploratório e o turismo vagante. Destes quatro modelos de visitação, os dois últimos (i.e., o exploratório e vagante) estão inseridos em lógicas ou modelos de visitação que não estão necessariamente institucionalizadas enquanto atividades turísticas.

pela extravagância e por estar em uma oposição clara com a realidade do espaço visitado e o cotidiano social dos destinos turísticos (NASH & GRABURN, 1989). Por esta lógica os turistas foram encarados como indivíduos ou grupo de indivíduos, orientados pelo consumo alienado (massificado) dos lugares e paisagens inautênticas.

Em outros termos, a apropriação do espaço econômico e cultural realizada pelo turismo em diversas latitudes, sua teatralização, consumo e crítica (JAFARI 1994), permitiu a Jafar Jafari (1994), interpretar que grande parte dos estudos turísticos se enquadram na plataforma de advertência em relação ao seu desenvolvimento e crítica quanto ao seu efeito nas comunidades afetadas pelo turismo internacional. Destacamos que Jafar Jafari foi responsável por definir aquelas que são as cinco plataformas dos estudos turísticos: i) plataforma de defesa, ii) plataforma de advertência, iii) plataforma da adaptação, iv) plataforma do conhecimento, e v) plataforma pública”¹⁷.

Podemos com isso, interpretar que a ideia ou noção de autenticidade cultural ou da paisagem tornaram-se conceitos chave no estudo do turismo. Através deste critério para identificação do turismo temos um demarcador da dualidade que fez o mesmo ser visto por um olhar ambliópe entre aquilo que é ou não autêntico. Outros termos, também são utilizados para catalogar as paisagens São eles a ideia de valor único, excepcional ou ainda, original como defendeu Dean MacCannell, que revelam muitos dos ecos ou ruídos nos estudos geográficos relativos à classificação e análise do espaço, território e patrimônio turístico.

Identificamos também interpretações de um corte mais psicológicas, elas ganharam expressão na década de 1980, através do existencialismo. Neste contexto, as investigações científicas em relação ao turismo, assumiram problematizações que questionavam a ideia de autenticidade predominante nos estudos. Tal crítica partia de dois *locus* ou eixos de análise, sendo eles: a “autenticidade como sentimento” e, “autenticidade como conhecimento”. Para tanto, precisou-se afirmar que o turismo é uma atividade que tem como princípio um “*object-related*” e “*activity-related*” que cria múltiplas possibilidades para interpretação da noção de autenticidade¹⁸. A noção de autenticidade representa dois aspectos

¹⁷ Os trabalhos deste turismólogo, lançavam luz sobre o que ele denominou “a cientifização do turismo”. Além de problematizar o turismo como disciplina científica e com isso, seu significado sociocultural e educacional (JAFARI, J. 1994: 2005: 2015).

¹⁸ O espaço turístico é definido por “consequência da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos, revela-se na distribuição técnica de obtenção de recursos ou, a matéria-prima do turismo”. As tipologias criadas para definir os espaços turísticos são: Zona Turística, Área Turística, Complexo Turístico, Centro Turístico,

diferenciais e relacionais nesses estudos através da relação existente entre o observador e a experiência turística proporcionada pelo destino (WANG 1999).

Já na América do Sul, a Sociologia do Turismo e demais ramos interessados nos estudos do turismo, acompanharam a tradição do pensamento social do continente, concentrando-se em três aspectos de análise: “las repercusiones económicas” - o mais abundante e pioneiros - “las repercusiones socioculturales” y “los nuevos estudios que versan sobre las repercusiones territoriales del desarrollo del turismo” (CAPANEGRA 2010). Em livro recente “O Turismo na América Latina” (2016) os turismólogos Panosso Netto e Luis Trigo, reconheceram que o imaginário turístico sobre a América Latina começou a ser construído de forma dúbia, baseado nas confrontações humanas ante o desconhecido dos olhares dos viajantes europeus na época das descobertas e como fundamento da internacionalização das viagens para o continente. Podemos notar que a América ganha notoriedade nas viagens internacionais, por meio de conceitos bastante debatidos como colonialismo e imperialismo (IANNI 1979) e que refere-se a noção que reconhece na globalização, um modelo produtivo organizado a partir de uma estratégia de distribuição e consumo no mercado mundial.

Podemos assim definir que o turismo expressa uma forma avançada e complexa da internacionalização das viagens modernas que prevê um certo grau de integração entre atividades econômicas dispersas (ORTIZ, 1994, p. 16). Para o sociólogo brasileiro Octavio Ianni, para compreender como a cultura capitalista se insere nas relações imperialistas e de dependência, torna-se indispensável que comecemos por reconhecer que essa cultura é um elemento essencial à reprodução das relações econômicas de acumulação em escala nacional e internacional (IANNI 1979, p. 13). Segundo o sociólogo, desde um ponto de vista da produção intelectual, temos de reconhecer a economia e política sobre princípios de construção e funcionamento, refere-se a uma racionalidade assentada em princípios científicos e políticos que governam o sistema de comunicações internacionais. Assim o turismo opera na potenciação da força de trabalho e aceleração dos fluxos de capital em escala mundial.

O turismo pode ser identificado como técnica de controle ligada à indústria

Unidade Turística, Núcleo Turístico, Conjunto turístico, Corredor Turístico, Corredor de Translado e Corredor de Estrada (BOULLÓN, C. R. 2002).

cultural norte-americana nas décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial (IANNI, 1979, p. 18) na globalização e mundialização da cultura (ORTIZ 1994). O turismo se destaca nesse contexto, por sua capacidade de converter os lugares e paisagens históricas e culturais, ou ainda naturais. Em recurso cênico para satisfação e consumo ligado ao “olhar turista” nas viagens no mercado dito globalizado (URBAIN 1989; URRY 1990[2001]). Constatamos com isso, que o turismo internacional ingressa na América Latina em virtude dos recursos naturais e socioculturais disponíveis (PAIVA 1995 p. 46) e se estabelece nas comunidades locais, em uma etapa avançada da globalização revelando-se não apenas um fenômeno contemporâneo que torna-se gradativamente capaz de alterar as relações de trabalho e lazer.

Outra dimensão importante é que o turismo ao ingressar nas localidades periféricas, foi capaz de alterar os estilos de vida e o cotidiano, afetando e impactando uma infinidade de agentes e campos sociais. A economia turística invadiu os espaços oficiais da cultura nacional e revelou o modo como a globalização ligou o turismo aos usos dos recursos naturais, num processo evidente de privatização e depredação do patrimônio e cultura popular na América Latina (HERNÁNDEZ 2009). Assim a desterritorialização do patrimônio nacional, decorre do momento que o mesmo é convertido em patrimônio mundial como tipificado pela convenção da UNESCO (CONVENÇÃO 1972). Tal processo fez o turismo refletir no Brasil e outros países latino-americanos às especificidades em sua formação sócio-econômica ao enquadrar também formas de inserção marginal como a exploração sexual e os recursos naturais. Nesse sentido, García Canclini (1989) caracteriza que apenas o turismo e o tráfico de drogas permite localizar as comunidades locais do continente no interior do mercado internacional dos bens simbólicos¹⁹. Por este e outros motivos, a atividade do turismo foi visualizada ainda na década de 1970 (principalmente por pesquisadores latino-americanos) enquanto expressão do colonialismo ou neocolonialismo (BOULLÓN 1985; MOLINA e RODRÍGUEZ 1991; PAIVA 1995; BARRETTO 1999) e questionado enquanto uma atividade econômica ligada à exploração indiscriminada da paisagem cultural por empresários e governos.

Assim o processo que buscou capitalizar recursos através de empreendimentos turísticos, pode ser caracterizado pelo sociólogo George Yúdice (2006) que

¹⁹ Garcia Canclini em “Culturas Híbridas” (1989) que estas atividades permitem estabelecer relações precisas e concretas entre a construção do cotidiano social das comunidades locais na América Latina e a distribuição do consumo no mercado mundial.

reconhece na cultura convertida em recurso econômico - seja ela relativa ao patrimônio em suas diferentes categorias ou, ao cotidiano e prática das comunidades locais-, passa a figurar como um *commodities* para o turismo internacional. Em outras palavras, a cultura passa a ser interpretada como uma mera conveniência para o mercado mundializado. Algo que altera drasticamente seu sentido e significado no século XXI.

É importante ressaltar que a crítica em relação a mercantilização da cultura e seu uso conveniente para o turismo, tomou em conta problemas gerados pela mercadorização da realidade e paisagem, folclorização e estandardização das práticas culturais, sobre a segregação, gentrificação e desigualdade ocasionada pelas exigências do mercado turístico, a apropriação cultural, exploração sexual do turismo e a dependência econômica, além do colonialismo associado ao turismo internacional e interno²⁰. Neste cenário, a América Latina viu a oferta do turismo se expandir através do produto cultural ligado à cultura nacional e latino-americana quando ganhou evidência na década de 1970 e 1980.

A região viu com isso, o seu patrimônio cultural e humano ser convertido em um produto para o mercado mundial que além de reproduzir as “lógicas perversas” ou, inautênticas do turismo fordista nos países caribenhos e países da América do Sul, especialmente aqueles que dispunham de longas faixas litorâneas, este turismo de sol e praia, característico nas regiões tropicais do continente, passaram a simbolizar muito mais a entrada do turismo internacional que propriamente seus atrativos culturais e naturais. Por isso viu-se alguns países das Antilhas e Centro América, tornarem-se verdadeiros laboratórios para os estudos das dinâmicas de apropriação do espaço e ressignificação pelo turismo internacional.

Neste sentido Daniel Boorstin definiu que o turismo seria um dos diferentes pseudo-eventos existentes na América, uma atividade desenvolvida em base aos estímulos recebidos pelos consumidores e orientado unicamente para satisfação pessoal e prazer (BOORSTIN, 2012 apud. BERNARDO, E. 2006). O caráter hedonista do turismo, revelou o processo identificado pelo pesquisador português Fernandes (2018) que mostrou o modo como o turismo expandiu-se alargando suas fronteiras e seus territórios, quando ultrapassou obstáculos e entrou em espaços antes não equacionados enquanto lugares destinados para o

²⁰ Neste ensejo de refletir o turismo e seu impacto na América Latina, interpretamos que este contexto ocorreu em paralelo a ampliação da oferta turística em diferentes países da região do continente. Um processo de transformação que acompanhou a ampliação da oferta e modelo de turismo orientado pela produção e consumo toyotista.

lazer, fruição e consumo turístico (FERNANDES 2018). Podemos destacar que foram as transformações na indústria de transporte e tecnologia no final do século XX, o elemento que alterou definitivamente a realidade turística na América Latina ao surgir diferentes modalidades de oferta e consumo de viagens. Este processo revelou que tudo no atual contexto pode tornar-se turístico e que as cartografias - isto é os cartogramas que condicionam a percepção e os comportamentos no espaço turístico - alargaram-se, tornaram-se flexíveis, difíceis de serem registradas e acompanhadas (FERNANDES, J. 2018). Assim podemos considerar que na atual fase do turismo, torna-se cada vez mais difícil e complexa a atividade de mapear o turismo e tipificar os turistas. Esta tarefa exige primeiramente reconhecer que estes podem estar em tudo, ou em todas as coisas, como um “novo deus” das crenças e mitos globais.

1.2.2 Nas Fronteiras Globais: uma nova vocação

A dita fase do pós-turismo, ou, o turismo pós-moderno, acompanhou o surgimento da sociedade pós-industrial da informação, junto dela os usos e os sentidos que envolvem as fronteiras territoriais que ultrapassaram sua conceitualização mais restrita enquanto limite político e soberania entre Estados. Precisamente passaram a ser encaradas em seu um sentido *lato senso* de demarcação ou, numa relação múltipla entre este aspecto do poder institucional e confluência como espaços turísticos. Para compreender esta transformação é necessário reconhecer que as fronteiras constituem, elas próprias, um património de atração de turistas por múltiplas motivações (FERNANDES 2018; TRIGO 1998; MOLINA 2003) quando assumiu um modelo de produção orientado pela lógica toyotista e que dinamizou a vocação simbólica e material das fronteiras internacionais através da flexibilização da burocracia nos países de ordem capitalista neoliberal. Podemos considerar que a crescente sofisticação do mercado do turismo incorporou sua dimensão simbólica e concreta, tanto ligada ao trabalho, como também ao não-trabalho, tornando-se capaz de criar pacotes exclusivos e personalizados variantes de acordo com o público alvo ou, o ‘alvo’ do público.

Neste mesmo contexto, na virada do terceiro milênio observa-se uma mudança na forma como os países e os blocos econômicos interpretaram suas fronteiras que passaram a estarem caracterizadas por sua vocação cultural para integração, refletindo de outros modos sua vocação turística (YÚDICE 2006 p. 121). Esta nova vocação das fronteiras,

fazem referência sobretudo a modernização (como racionalidade técnica e disciplinar) para fruição das relações econômicas após o surgimento dos megablocos econômicos. Sobre esta égide de racionalização sobre os usos das fronteiras, também podemos considerar a inovação tecnológica e ampliação do debate e discurso ambientalista como fatores para a reorganização dos blocos geoeconômicos na globalização de modo que o turismo tornou-se capaz de se distender para lugares que antes seria impensável (PAIXÃO, 2005, p. 41).

A nova vocação das fronteiras internacionais foi observada na União Europeia (UE) e blocos econômicos americanos como TCLAN ou NAFTA - na América do Norte- e Mercosul - na América do Sul. Tal reconhecimento advém dos empreendimentos econômicos transfronteiriços e pelo qual ocorreu a criação das zonas de livre comércio nas regiões de fronteiras e limites internacionais. Vimos no subitem anterior que a fronteira Moderna ou, Ocidental ganhou destaque por sua “vocação guerreira” ou ainda, pela “vocação econômica-aduaneira”. Por esta característica elas se tornaram um espaço característico da era da globalização, e local no qual foi operado e difundido o triunfo do capitalismo financeiro.

Mais precisamente é nas fronteiras vivas da globalização que estão plasmados os modos como se reproduz o utilitarismo da cultura de forma hegemônica como reconhece George Yúdice (YÚDICE 2006). Também como já dissemos através do antropólogo Anjur Appadurai (1997) que: *la mayor peculiaridad del Estado-nación moderno, fue la noción de que las fronteras territoriales podían mantener indefinidamente las fábulas de singularidad étnica*. Aqui a aplicação desta frase fica melhor colocada quando reconhecemos que os agentes do Estado (i.e., o campo burocrático dotado do poder estatal) acreditam que o turismo realizado nas fronteiras internacionais teria condições de manter ou preservar a cultura oficial reproduzida como recurso e mercadoria. Concordando com o antropólogo indiano, é notável que no atual contexto apenas ao Estados interessam a ideia de territorialidade pois como define Appadurai:

Todos los demás tipos de competidores por la lealtad popular (artistas y escritores, refugiados y mano de obra inmigrante, científicos y académicos, trabajadores de la salud y especialistas en desarrollo, feministas y fundamentalistas, corporaciones trasnacionales y burocracias de las Naciones Unidas) - ya están desarrollando formas de organización macropolítica: grupos de interés, movimientos sociales y lealtades trasnacionales ya existentes (APPADURAI 1997).

Chamamos, portanto, atenção para o sentido como as palavras fronteira e turismo - tal como definiu Foucault em “As Palavras e as Coisas” (2007) - possuem um

encantamento e um valor representativo associado ao Estado e o biopoder. Nesse sentido, destacamos também, que mais que palavras portadoras de uma ordem e disciplina, tanto a fronteira quanto o turismo, fazem parte uma magia orientada pelo mercado e forma característica da violência na globalização (ORTIZ, 2006, p. 161). Isso significa afirmar que como palavras, a fronteira e turismo no atual contexto do capitalismo, fazem parte de um ordenamento territorial e político cujo organizador e gestor é o mercado e seus agentes, mas que ao associar-se ao espaço da soberania pela flexibilização da burocracia nas fronteiras territoriais, passam a ter de responder também e de acordo com Appadurai (1997) - aos Aparelhos do Estado, seja eles os ideológicos ou de repressão como definiu Louis Althusser (1990) - que passam a ter de se relacionar cada vez mais com uma realidade de populações móveis, fluxos legais e ilegais de produtos e um grande movimento de armas e drogas que fragilizam a noção de controle e soberania territorial sobre as fronteiras. Portanto, diante da atual realidade de reprodução da acumulação capitalista é pouco aquilo que o Estado consegue monopolizar, à exceção da noção de território e soberania (APPADURAI, 1997).

A luz deste argumento, podemos caracterizar através do sociólogo brasileiro Octavio Ianni que o turismo nas fronteiras fazem parte da dialética da história, num novo ciclo e processo de concentração e centralização (1992 apud. PAIVA, 1995, p. 25). A capitalização e conversão da vida sobre e na fronteira, bem como noções como cultura fronteira, fronteira cultural, multiculturalidade e diversidade, reforça o argumento que a fronteira deve ser colocada no centro da atenção e embate na crítica cultural contemporânea (BHABHA 2010, p. 20). A planificação ideológica, tal como foi revelada pela burocracia estatal é assim como definiu o sociólogo Maurício Tragtenberg (2006), central para pensarmos as implicações do neoliberalismo, pois o planejamento ou, *planning*, continua a atuar como baliza para as ações que visam o reordenamento das práticas e relações econômicas. O plano ou planificação, é aqui interpretado em base aos poderes e seu impacto na literatura e ciência, tal como a define Ángel Rama, como: “*la razón ordenadora del conocimiento y del espacio social*” (RAMA, A. 1983, p. 20).

Nestes termos o Estado e a política cultural segue sendo um elemento modelador e norteador das coincidências culturais, configurando-se assim, como uma baliza para identificar o quão evidentes tornam-se as fronteiras na atual fase da acumulação de capital. Nelas são reproduzidos os diferentes afastamentos gerados pelas identidades

nacionais que chocam-se nos contextos fronteiriços. Trazem também evidências que as fronteiras turísticas fazem parte da nova roupagem e grito de guerra assumido pelo Estado que visa impulsionar o desenvolvimento econômico nas regiões de fronteiras, antes consideradas como localidades escuras e nebulosas pelo limite da atuação cívica.

Observamos, portanto, evidências do modo como ocorre a expansão do capital internacional e nacional nas regiões de fronteiras favorecido pelo estiramento do sentido semântico e simbólico associado a burocracia no limite do território. Por este caminho, identificamos a valorização da cultura transnacional pela patrimonialização do mundo sensível como um processo que demonstra que o campo burocrático e os agentes públicos, seguem atuando como articuladores dos conflitos e choques que estão evidentes neste lugar de encontros. Com isso, é uma pura aparência caracterizar que os antagonismos e oposições dualistas, anteriormente pontuadas com critério para identificação das fronteiras e os estudos relativos à identificação com a cultura nacional, desapareceram. Ao contrário, a ética turística nos limites dos territórios e poder estatal revelam uma problemática ainda mais profunda entre as pressões globalizantes e os usos das fronteiras internacionais para o turismo.

Neste contexto de turistificação da realidade revelam o modo como atualmente são valorizados os locais e os modos de vida, de ser e estar-no-mundo, de modo que a fronteira foi convertida no “local da cultura” no século XXI (BHABHA 2004). Reconhecemos também algumas evidências do modo como as identidades locais são negociadas, modeladas e remodeladas sobre o pretexto do desenvolvimento no Neoliberalismo. Neste contexto as identidades culturais passam necessariamente a fazer parte daquilo que Zygmunt Bauman (2017) define como dinâmica não localizada dos fluxos econômicos globais que vinculam-se à concepção estática do território e da cultura' (BAUMANN 2017). Assim a fronteira é precisamente este local onde ocorre diferentes formas de associação e afiliações produzidas pelo fluxo e encontro de narrativas literárias, historiográficas, antropológicas, sociológicas e geopolíticas como já dissemos.

Neste enredo as fronteiras configuradas através daquilo que Yúdice definiu como recurso para conveniência do mercado através da negociação e gestão da cultura, podem ser encaradas em determinados contextos como o local onde o mercado dos bens simbólicos na globalização encontra facilidade para se estabelecer dado o caráter polissêmico,

polifônico, simbólico e material das fronteiras (YÚDICE, 2006, p. 340). A flexibilização burocrática, como ideologia no Neoliberalismo levou a gradativa expansão do mercado para os limites do território (DE PAULA, 2002). Assim a apropriação simbólica da cultura fronteiriça como um recurso conveniente para literatura e arte transnacional, bem como para os estudos culturais, podem ser interpretadas como evidências do processo de mudança na vocação guerreira, controle e manutenção da violência legítima? Certamente não, pois ainda que incorpore novas vocações ou função para recorrer ao funcionalismo estruturalista, as fronteiras ainda estão distantes de serem destituídas da vocação militar aduaneira. (YÚDICE, 2006, p. 343).

As últimas duas décadas trouxeram evidências do (re)ajuste e/ou mudança no significado na vocação comercial das fronteiras pelo seu uso no turismo. Processo este no qual seu signo enquanto limite entre institucionalidade concorrentes, é apenas ressignificado ao afastar-se da mera representação fiscal e aduaneira constitutiva na gênese das fronteiras internacionais. Além do mais, as fronteiras ainda simbolizam um produto ou, bem simbólico como em um “arte-fato” que foi apenas reificado em determinados contextos pela oferta e consumo turístico.

O turismo torna-se portanto, uma das faces da luta que está sendo travada pelos aparelhos do Estado e segue estando estruturada na crença histórica das fronteiras em colocar-se à frente - i.e., como expressão do sentido *stricto* da fronteira, de estar no “*front*”, ou ainda, como “infante” e vanguarda da cultura nacional. Tal máxima que acompanha a noção de território desde a gênese moderna do Estado, e ainda nos dias atuais ecoa na cabeça dos poderosos de modo que pode ser melhor caracterizada através do trabalho de intervenção artística realizada pelo francês “JR”. Podemos fazer esta analogia pois é notório que em muitos momentos o turismo é sinalizado como o estado maduro ou, pelo menos, adulto das fronteiras modernas. O mural erguido pelo artista contrasta a dualidade desta aplicação metafórica, com o espírito da fronteira em “vanguard” e no qual, são reconhecidas posições de um “infante” imaturo. Neste caso, a crítica do artista também confronta a própria realidade das crianças que estão separadas de seus pais pelo muro na cidade de Tijuana - México. Sendo assim, cabe um questionamento que emerge do próprio título de sua obra “¿Qué piensan los niños sobre el muro?”; e ele ilustra nosso problema de pesquisa pois aos turistas a fronteira representa-se por estado mítico que supõe conservar as

marcas e identidade da nação livre de infiltrações (IMAGEM 8)²¹.

IMAGEM 8- ¿Qué piensan los niños sobre el muro?



Fonte: JR (2017).

As mudanças reveladas pelos usos ideológicos e simbólicos na fronteira entre os Estados Unidos e México, evidenciam que a valorização das fronteiras extrapolou a dimensão regional e local, tornando-se a marca de um mundo fraturado, reificado e manipulado pelo turismo (COSTA 2010). A valorização do espaço fronteiriço pelo turismo torna-se parte das novas espacialidades sociais criadas pelo turismo e cujos desafios a serem enfrentados neste momento particular, é o de lidarmos com a constante mutação simbólica através da transformações nos laços sociais e desterritorialização dos recursos e identidades.

Para as pesquisadoras Luciana Costa e Susana Gastal (2010), os desafios e potencialidades nessa nova concepção a respeito das áreas de fronteira, revelam-se no sentido que a fronteira como região, porta uma singularidade capaz de estimular processos de desenvolvimento regional e algo que nos leva a questionar desde um contraste entre a imagem acima com a imagem abaixo (IMAGEM 9) como um exemplo desta capacidade de ressignificação e reificação a realidade da fronteira sob o pretexto do desenvolvimento do turismo. Ressaltamos que a imagem ganha mais expressão dado que tratamos da mesma

²¹ www.vice.com/es/article/wjjvk9/un-nino-gigante-se-asoma-detras-del-muro-fronterizo-entre-mexico-y-eua

fronteira e muro que estão exibidos nas imagens anteriores 7 e 8. Portanto, chamamos atenção na imagem abaixo (IMAGEM 9) para a capacidade que o turismo desempenha em converter a realidade em um produto ou recurso simbólico e material que serve aos interesses do mercado. Além disso, é importante considerar que o turismo que teria sido considerado um diluidor de fronteiras, converte-se neste cenário, próprio instrumento reforçador de fronteiras.

IMAGEM 9 - Turistas na fronteira entre as cidades de Tijuana (MEX) e San Diego (EUA).



Fonte: globo.com

Neste novo contexto, busca-se nas fronteiras e para além destas, o contato com o outro, pela expectativa de vivenciar o Lugar, ou o Entre-Lugar Fronteira e assim estar imerso a carga simbólica que é inerente a elas. Por isso, destacamos segundo Bernardo Sorj e Danilo Martuccelli (2008, p. 57) ser necessário reconhecer que as cidades latino-americanas exercem um papel central neste novo lugar da produção cultural e nas formas de sociabilidade no marco da globalização (SORJ, B. 2008, p. 60). As cidades, como instrumento e mecanismo disciplinar necessário para à prática turísticas (COSTA, L. & GASTAL, S. 2010) revelam nas cidades latino-americanas, principalmente naquelas localizadas em fronteiras, os novos locais da cultura por seu potencial de uso como recurso para o mercado do turismo. Ressaltamos por este fato que as fronteiras vinculadas ao turismo internacional não devem ser lidas de maneira apressada como reflexo dos traços culturais ou étnicos como se estivessem inscritas na lápide fixa da tradição. Nesta nova ordem da turistificação da realidade das fronteiras na América Latina e Ocidente, os(as) pesquisadores(as) devem tornar-se capazes de estabelecer a distância analítica que permita desnaturalizar os espaços da soberania estatal.

Neste sentido, busca-se reconhecer através da análise objetiva do turismo realizado em regiões de fronteira, o sentido próprio e singularidade da qual cada fronteira é portadora. Sobre estes argumentos, torna-se ainda mais necessário reconhecer que os processos fronteiriços constituem uma entrada estratégica para a compreensão dos processos culturais (GRIMSON, 2003), pois revelam que a permeabilização do turismo nas fronteiras ocorre por uma constelação complexa de motivações (FERNANDES, 2001, p. 565) sendo determinante sua descrição histórica e espacial. Isso significa portanto, ter de remontar através de diferentes instrumentos teórico-metodológicos, os diferentes processos sociais, políticos e culturais que são estabelecidos pela pesquisa como determinantes para que uma fronteira em sua especificidade geopolítica, cultural, simbólica e sociológica, passe a servir ou não, como um recurso para o mercado turístico.

1.3 AS CATARATAS E O TURISMO

1.3.1 Valor Cênico e Olhar Turista.

A intenção de revelar por meio da teoria um estudo sobre o turismo na cidade de Foz do Iguaçu, nos leva ao encontro do principal artefato cultural e patrimônio turístico da Fronteira Trinacional, às Cataratas do Iguaçu. Nesse sentido, a ideia de artefato cultural a qual nos orientamos, remete a tradição antropológica, histórica e sociológica que reconhece nos elementos culturais identificados com a cultura oficial, dispositivos técnicos e disciplinares, por isso, dotados de sentido e significado por seu poder simbólico enquanto um capital cultural associado a um Estado ou, território político do poder estatal. Nesse entendimento, os elementos da cultura associados ao patrimônio nacional são artefatos simbólicos constituídos de maneira ideológica pela ação política no âmbito do poder público que ganha significado simbólico. Um exemplo eloquente disso são as Cataratas de Foz do Iguaçu. Todavia, antes de iniciar um aprofundamento sobre o estudo de caso de Foz do Iguaçu, trataremos o modo como as cachoeiras e cataratas são interpretadas pelo campo acadêmico como um recurso econômico que possui um valor cênico capaz de atrair diferentes olhares sobre sua imagem, inclusive o dos(as) turistas.

As cachoeiras e cataratas são um recurso cênico destacado do turismo internacional, elas diversificam o produto turístico com base em seu valor estético da paisagem. Elas são frequentemente associadas ao ecoturismo enquanto paisagens naturais que

possuem um valor simbólico capaz de impulsionar o desenvolvimento de diferentes destinos de visitação turística (HUDSON 2013). Deste fato, emerge um “tipo de consumidor-turista” (URRY, 1990) caracterizado pela literatura especializada como: “*waterfall lovers* e *waterfall buffs*, *waterfall fans*, *waterfall collectors*, *waterfall-ologia* e *waterfalling*” (PLUMB 1989 ; KELLIHER 1990; WELSH 1992 apud. HUDSON, 1998). Sua caracteriza o mais destacada   que estes consumidores turistas estão acostumados a pagar para frequentar lugares e paisagens associados a cachoeiras e cataratas.

Esta   uma baliza importante a ser considerada, pois ela permite caracterizar o valor de uso, o valor de troca associado às viagens turísticas de modo que   preciso dizer, nem toda cachoeira ou queda d’água pode ser considerada um destino turístico. Embora consideremos que muitos visitantes escolhem seus destinos por motiva es que também se relacionam ao apelo por cachoeiras, em sua grande maioria, as cachoeiras são tratadas com raras exce es enquanto atrativo turístico, dado sua beleza c nica e valor natural paisagístico, comumente associadas ao ecoturismo.

Outro fato que nos leva a considerar as cachoeiras e cataratas turísticas ou, tipificadas enquanto destinos turísticos (como trataremos adiante) deve-se ao fato das mesmas serem encaradas através de critérios específicos que as caracterizam diante da realiza o da atividade do turismo. Tal dimensão refere-se a produ o e o consumo ligado a paisagem c nica como instrumentos de valoriza o e produ o de valor econômico material, através de seu uso recreativo ou de lazer como forma de consumo da paisagem. Ou seja, o turismo em uma determinada cachoeira ou queda d’água decorre de uma contingência histórica e em nosso caso, supõe uma busca por paisagens como as que estão ilustradas na imagem abaixo. Ressaltamos antes de dar continuidade na argumenta o que aquilo que nos impele em considerar o uso ilustrativo da imagem, remete que a realidade ali retratada  , objetivamente uma não-realidade, já que uma enchente destruiu o equipamento utilizado para a prática de rapel, mas ainda sim os relatos e busca por esta atividade   registrada pelos turistas que visitam o Parque Nacional do Iguaçu. Por ela, podemos relacionar como as cataratas se relacionam com a prática e atividades do ecoturismo, já que fora retirada do sítio com relatos

de viagens no portal e plataforma digital Tripadvisor (IMAGEM 10)²².

IMAGEM 10 - Prática de rapel : Ecoturismo nas Cataratas do Iguauçu



Fonte: TRIPADVISOR (s/d)

A partir deste suposto inicial para análise, assumimos ser necessário para interpretar os usos das cataratas enquanto recurso para recreação e turismo, imprescindível reconhecer que as cachoeiras nestes casos atuam necessariamente: “*resource-based and user-oriented attractions*” - atrações que estão orientadas para o olhar do consumidor-turista (HUDSON 1998). Por este fato observamos que existe uma ampla literatura sobre as cachoeiras espalhadas ao redor do mundo que em sua maioria revelam que os poucos trabalhos de análise encontrados, primam pelo o caráter descritivo da paisagem, quando não, pecam pelo excesso de impressionismo e ufanismo na forma de caracterizar e descrever a função social e política das cachoeiras e cataratas.

Com esse passo de análise podemos considerar que existe uma vasta produção literária de caráter topográfico que dão destaques para as múltiplas cascatas, cachoeiras, saltos e cataratas. Neste fato, reside uma máxima, muitos turistas e viajantes são atraídos pelo espetáculo cênico promovido pelas quedas de rios e córregos²³. Este argumento

22

https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303444-d2331691-Reviews-Abseiling_in_the_Iguacu_Canyon-Foz_do_Iguacu_State_of_Parana.html

²³ Os trabalhos desenvolvidos em distintas regiões do mundo, como na América do Norte (como lugar dotado de um pioneirismo na instituição dos parques naturais e também, das políticas de salvaguarda e proteção de cachoeiras e cataratas), na Europa e Oceania, apresenta diferentes realidades e formas como são utilizadas as cataratas como recursos naturais adaptados para o turismo. estão expressos em textos como: *Waterfalls resources for tourism* (1998), *Waterfalls of Jamaica: Sublime and beautiful objects* (2001), *Australian waterfalls as tourism attraction* (2003), *Waterfalls, tourism and landscape* (2006), *Waterfalls, science and aesthetic, The*

que permite constatar que existe uma realidade turística concreta e verdadeiramente ligada às cachoeiras e às cataratas.

Com base no marco de estudo geográfico, a única caracterização que encontramos foi realizada por Brian J. Hudson (1998 e 2013). Ironicamente a tipologia criada pelo geógrafo reconhece apenas duas ou três cachoeiras podem entrar na categoria de destino turístico, são elas: “as Cataratas do Niágara na fronteira entre os estados Unidos e Canadá, as Cataratas Victoria na fronteira entre o Zimbábue e Tanzânia e, possivelmente segundo o geógrafo, às Cataratas do Iguazu” (IBID). O autor defende que somente estas famosas cataratas e maravilhas da natureza são atraentes o suficiente, para motivar longas viagens e principalmente mobilizar agentes e campos interessados no desenvolvimento de uma infra-estrutura.

Ressaltamos que se nesta afirmação bastante concreta quanto aos critérios para identificar um destino turístico de grande porte e importância para o turismo internacional, o próprio autor trata de reforçar que algumas cachoeiras consideradas com valor estético e simbólico inferior, tornam-se mais atrativas para o consumidor-turista por proporcionar uma melhor experiência do ponto de vista de seu olhar e interação com o recurso. Algo que simboliza uma aparente contradição mas que reforça uma noção para a análise do desenvolvimento dos destinos turísticos que é o de considerar a planificação econômica e setorial, a planificação territorial e por fim, a planificação turística como variável dependente as demais (BARRETTO 1996; BOULLÓN 1991; MOLINA e RODRÍGUEZ 1991), como elementos central para identificar uma realidade turística em sua concretude e de maneira sistêmica.

Em conjunto estas palavras revelam as relações de interdependência na preparação e produção de uma localidade que só pode ser considerada enquanto destino, mediante critérios elementares e factuais. A atividade ou prática de contemplação da paisagem cênica do espetáculo das quedas d'águas, é apenas e em grande parte dos casos observados a última etapa deste processo longo de desenvolvimento econômico até a realização da prática turística em localidades marcadas pelo espetáculo natural das cachoeiras e saltos. Por este mecanismo de investigação em relação aos usos das cachoeiras e cataratas

naming of waterfalls, Waterfall: nature and culture (2013) Outros exemplos também podem ser encontrados em regiões da África, Ásia e no Caribe, especificamente na Jamaica.

enquanto recurso para o turismo, favorece considerar aquilo que o geógrafo estadunidense define como os motivos pelos quais apenas as três principais cataratas do mundo podem ser consideradas próprias de um destino turístico.

Para o geógrafo, todas as demais cachoeiras são completamente dependentes da produção de infra-estrutura e empreendimentos econômicos considerados alheios ao turismo. Ao passo que as que foram acima mencionadas, foram capazes de produzir uma infra-estrutura por conta da grandiosidade de seu espetáculo. Esta interpretação é um tanto duvidosa, mas ainda sim, conserva um interesse para os objetivos da pesquisa, pois deste fato emerge a própria realidade no qual muitas cachoeiras estão localizadas, em parques naturais ou demais áreas de proteção ambiental.

Neste sentido, vale reconhecer que o objetivo geral das áreas protegidas consiste em preservar ou conservar os espaços que possuem atributos ecológicos importantes e destacáveis, principalmente por seu valor único. Também consideramos relevante destacar que tal concepção de proteção e preservação das paisagens naturais, provém do século XIX, e está diretamente ligada à planificação territorial e econômica nos Estados Unidos. Lá foi arquitetado e planejado o primeiro Parque Nacional da modernidade - o “Parque Nacional de Yellowstone”. Seu objetivo geral, proteger o espaço natural que estava sendo ameaçado pelo desenvolvimento urbano-civilizacional. No marco de sua constituição, uma realidade em que o turismo passa a ser sinalizado como proposta econômica de modo que o parque foi pensado e institucionalizado desde o princípio, para se constituir enquanto um local cujo interesse está para além da preservação e conservação da área protegida (DIEGUES, 1999, p. 85).

Para Diegues a institucionalização destas áreas revelaram-se desde sua gênese através de uma perspectiva puramente ideológica sob a narrativa de que para proteger o patrimônio natural da predação e perda, frente à modernização, seria necessário isolar as áreas conservadas e protegidas. Lembramos também, que este modelo de planificação territorial também foi utilizado na Europa sob influência nazi fascista, acompanhado a tradição romântica que acompanha a narrativa da nação nesse contexto. Entretanto ao invés de identificar e isolar estas áreas de proteção, na proposta de planificação ítalo-alemã, os parques nacionais seriam identificados como o local onde estava a verdadeira e autêntica cultura nacional como parte do ecofascismo (BIEHL 1995; TAIBO 2020).

Para o caso da planificação estadunidense, isolar as áreas denominadas ou classificadas como de interesse, revelam uma espacialidade que desde o princípio foi idealizada e planejada para que pudesse ser contemplada por seu valor cênico enquanto paisagem e denota desde o princípio a visão utilitarista quanto a proteção do recurso natural. Neste passo os parques e áreas preservadas foram pensadas como um recurso cênico e um patrimônio útil para admiração e contemplação através do consumo turístico. Assumir as cachoeiras e cataratas como um objeto ou artefato destacável do “olhar turista” deve-se a própria excepcionalidade de um olhar que é socialmente construído pela produção ideológica, política e técnica de grupos profissionais orientados a construir e desenvolver esse olhar a partir do relacionamento com o seu oposto, o não-turista (URRY 2001, p. 16).

Nesse sentido, o olhar do turista emerge em todos os casos de uma relação dialética entre o cotidiano social do consumidor e seu afastamento temporário da rotina ou práticas sociais do cotidiano, de maneira que a viagem turística é proporcionada pela ideia de conhecer um lugar distinto, desconhecido ou alheio a própria realidade cotidiana do turista. Algo que foi caracterizado por John Urry através de nove fundamentos que são:

“i. o turismo é uma atividade de lazer que pressupõe seu oposto, pela separação entre trabalho e ócio, consumo e lazer, ii. é um fenômeno social marcado pelo movimento de pessoas, iii. os destinos estão localizados fora do local de residência e há intenção de voltar para casa, iv. os lugares turísticos estão ligados ao trabalho, v. constitui formas socializadas de provisão na sociedade de massa (o olhar turista é oposto ao individual), vi. os lugares são escolhidos para serem contemplados, vii. o olhar é direcionado para certos aspectos da paisagem, viii. o olhar turista é construído através de signos e, ix. o turismo decorre da formação de corpos técnicos e burocráticos que buscam organizar novos signos ou objetos para o olhar do turista” (URRY 2001).

Encerramos esta parte da indagação ao reconhecer que John Urry foi responsável por dar destaque ao modelo organizado de investigação sobre o olhar turista e que sua análise não se encerra na fronteira de um simples conceito teórico. Assim John Urry ao reivindicar este “tipo ideal” de análise definiu um marco de estudo que vem sendo tratado como um verdadeiro paradigma para a constituição dos estudos turísticos (MELLO e NETTO 2016).

Larsen por exemplo destaca que o olhar do turista é organizado, sistematizado socialmente e tecnologicamente educado para várias maneiras de ver e estar no espaço (Larsen 2014, p.135 apud. MELLO e NETTO 2016). Assim, ao considerarmos em uma pesquisa o olhar turista, significa considerá-lo em relação aos olhares distintos que

atravessam esta realidade complexa e polissêmica. Consciente também ser preciso considerar que o turismo é uma atividade necessariamente visual, revelada, sobretudo, pelo fato dos turistas contemplarem lugares que já consumiram anteriormente em forma de imagem.

Podemos definir portanto, que os turistas contemplam representações ideais por visualidades interiorizadas a partir de vários meios de comunicação, e que muito daquilo que é apreciado, não é diretamente experimentado como realidade, mas sim, como representações que envolvem a fotografia, cinema e indústria cultural (URRY 2001, p. 94). Todavia destacamos que sem o conhecimento prévio e mais adensado sobre signo e apreensões teóricas sobre o olhar do turista tendem a parecer rasas e até mesmo confusas (MELLO e NETTO 2016). Com isso destacamos que o “olhar turista” é um tipo de linguagem visual específica para análise sociológica, antropológica e psicossocial do fenômeno do turismo na contemporaneidade. O reconhecimento do olhar do turista extrapola a dimensão de um conceito teórico formal para se converter num signo identificado em muitos trabalhos de investigação acadêmica.

1.3.2 Oikos e o Recurso Turístico

A valorização e reconhecimento do patrimônio natural ligado às cataratas e cachoeiras, portanto, extrapola a dimensão da riqueza natural, biológica ou genética. Por isso encontramos na expressão *oikos*, uma melhor conceitualização para traçar o uso das cachoeiras em diferentes sociedades. Com origem no grego clássico, a expressão permite atribuir às cachoeiras um sentido mais amplo, atravessado por múltiplas conceitualizações que delas podem ser obtidas. Chamamos assim atenção, para uma dimensão integral que reconhece que as cachoeiras e cataratas na contemporaneidade, ganham notoriedade muito mais por seu apelo estético enquanto paisagens adaptadas para receber turistas.

Inicialmente o modelo de planificação dos parques naturais nos EUA, previa a inexistência de moradores e um certo afastamento de qualquer atividade humana. Nestes termos, os parques naturais tinham como finalidade a conservação da natureza em seu estado puro, mas que por trás da retórica e discurso da conservação de assegurar a manutenção da vida e ambiente selvagem ou natural, ocultava-se que este afastamento da atividade humana, ainda sim, permitia que estes espaços fossem gradativamente sendo atribuídos ao uso único e exclusivo de sua por vocação turística.

Nota-se que junto da fundação da ideia de proteção ambiental, de Parque Nacional e Parque Natural, surge também, a ideia ou perspectiva de ser possível realizar a contemplação desses lugares sem afetar a própria conservação e ambiente protegido da ação humana. Notamos em nossa pesquisa que as diferentes cachoeiras espalhadas pelo mundo, quando associadas ao ecoturismo ou turismo de aventura, revelam uma natureza que está constituída dentro de um quadro histórico e geográfico contingencial como lugar turístico (LOPES. Jr., 2000,p. 131). Portanto, o uso de uma cachoeira ou catarata para o turismo, só pode ser pensada em termos de uma contingência econômica, política e cultural que atravessa a “emergência ambiental” ou ainda, aquilo que é caracterizado como a necessidade contemporânea de retorno à natureza (SERRANO 1999, p. 9)²⁴. Ainda que paradoxal, a ideia de conservação surgiu por conta da perda da paisagem natural através de sua contemplação cênica para o turismo, uma relação contraditórias que se institui ao passo que o turismo foi previsto como única atividade humana considerada conveniente para um melhor uso destas áreas protegidas (SERRANO, 1999, p. 105). Com este destaque, observamos a década de 1970, o momento em que os cientistas e operadores do turismo, passam a reivindicar o desenvolvimento de um tipo de “turismo equilibrado”, “suave”, “inteligente” e “sustentável” com objetivo de gerar o máximo possível de recursos econômicos.

Além disso, visualizamos através destas modalidades turísticas, uma retórica que pretendia manter o bem estar para a população nas regiões de destino, e obter uma maior satisfação das necessidade dos viajantes de maneira a conservar a paisagem e natureza intactas nas áreas de destinos (KRIPPENDORF 2001, p. 7). Observamos também pela literatura especializada, que foi nesta época que ocorreu um movimento operado pelo mercado turístico em direção a natureza, junto da difusão da ideia de desenvolvimento sustentável. Destacamos nesse sentido alguns dos fatores para tanto: surgimento no século XX da Ecologia como ciência e a consolidação do imaginário ecológico na segunda metade deste mesmo século passado.

Identificado com ambas dimensões, o turismo repercutiu de várias maneiras entre os agentes interessados em crescimento econômico no mundo (RIBEIRO e BARROS, 1999, p. 27). Neste contexto, segundo os autores citados, ocorreu uma espécie de corrida por

²⁴ Para a autora, o atual interesse no meio ambiente vem se traduzindo através de práticas com obsessão pela proteção à natureza. Tal fato elevou destinos turísticos considerados exóticos e/ou dirigido a ambientes de grande interesse paisagístico-ecológico enquanto modalidades “alternativas” para o turismo ecológico.

paisagens autênticas - uma corrida sinalizada em grande medida pelo recuo na oferta massificada do turismo e maior procura por roteiros personalizados através do turismo de tipo pós-fordista ou toyotista²⁵.

Nas décadas seguintes, essa linha de pensamento foi desenvolvida e apresentada de maneira mais abrangente, sobretudo nas Ciências e círculos críticos do turismo (KRIPPENDORF, 2001)²⁶. Vale destacar neste sentido, que as primeiras críticas em relação às áreas de preservação e conservação, foram realizadas por aqueles que ficaram caracterizados como preservacionistas puros por críticas partiram da visão antropocêntrica na constituição deste modelo, que entre outras, negaria que a natureza selvagem possui direitos e um valor em si própria²⁷. Muitas foram as críticas que revelavam o caráter “inadequado e seletivo” no uso da paisagem pelo próprio apelo ao valor estético segundo valores ocidentais (DIEGUES, 1999 p. 86). Ekersley segundo Diegues, reconheceu que as unidades de conservação formaram ilhas rodeadas pela destruição e perversidade. Outro nome crítico, Baird Callicot, sustentou que os parques naturais ao supor a separação e oposição entre humanidade e natureza, assumiria um caráter etnocêntrico e discriminatório demonstrando que apenas considerava-se o uso utilitarista da paisagem na modernidade.

Reconhecemos portanto que a noção de natureza intocada, ou “*wilderness*”, que serviu de base para criação dos parques americanos, foi também desde o início criticada pelas populações nativas americanas remanescentes nestas localidades (CALLICOT, 1991). Diegues (1999) por exemplo reforça que o papel político exercido pelo líder da tribo Sioux, Standing Bear foi determinante ao considerar que somente para o homem branco a natureza é selvagem, para nós, ela é domesticada (MCLUHAN, 1971, apud. DIEGUES, 1999). Outra contribuição neste sentido, remete a Elizabeth Kemf, a qual revelou ao mundo que o primeiro parque nacional do mundo (i.e., Yellowstone) havia sido criado sobre uma região que não

²⁵ Estes autores subdividiram o turismo ecológico em quatro tipos diferenciais que “obedecem as características que as distinguem, sobretudo nas dimensões e na qualidade da infra-estruturas disponíveis” e também, a “sensibilidade por parte do turista e distintas ideologias ambientalistas ou suas necessidades em se diferenciar de outros indivíduos da sociedade de massa”. No que cerne as tipologias desenvolvidas pelos autores, são: “turismo tipo Cancun, turismo tipo institucional-ambiental, turismo tipo aventura de luxo pseudocientífico-humanista e turismo de aventura desportiva de grupo”.

²⁶ Nota-se segundo o sociólogo que para todos os estratos, especialmente para as comunidades e regiões, para as empresas de turismo e para os próprios turistas, foram traçadas estratégias de ação, formulados catálogos e procedimentos mostrando poderia ser efetivado esta proposta de turismo.

²⁷ Alguns nomes deste movimento são Gilbert B. Rodman (1973), Robin Ekersley (1992), Baird Callicot (1991), Elizabeth Kemf (1993) e mais recente Gomez-Pompa e Kaus (1992).

estava vazia ou desabitada, e que mais precisamente, era um território indígena.

Neste sentido, reconhecemos que as cachoeiras e cataratas têm sido fontes de conflitos, interesses, bem como inspiração, desde o início na Dinastia Encantada na China, para a Europa romântica e América do Norte. Em sociedades pré-colombianas as cachoeiras geralmente aparecem nos mitos e lendas das populações nativas americanas (RASHLEIGH, 1935 apud. HUDSON, 2013)²⁸. Assim essa intenção de caracterizar tal marca simbólica e relacional, destacamos na alegoria do pintor Lafayette Bunnell - abaixo (IMAGEM 11) como referência as cataratas Yosemite - Parque Natural nos Estados Unidos²⁹.

IMAGEM 11 - Discovery of the Yosemite: And the Indian War of 1851



Fonte: (BUNNEL, Lafayette, (1851[1892])

Neste sentido, a fim de ilustrar a relação complexa e dialética entre as áreas conservadas, observamos uma diferença no modo como ocorre a apropriação da natureza ou paisagem que é realizada pelas populações nativas, daquelas identificadas com as sociedades ocidentais. Algo que não pode ser confundido com uma banalização desta relação entre as

²⁸ A termo de exemplo encontramos mitos e lendas que ligam-se às populações nativas da América do Norte, com as diferentes cataratas que lá existem. Como exemplo mais destacados temos a própria Cataratas do Niágara que foram assim batizada pelas populações nativas da região. Observamos também nas Cataratas do Iguazu um espaço que esteve ligado às populações Guarani e Kaingang. Os primeiros emprestaram sua denominação até hoje ao rio destas famosas cataratas. Já para as populações do tronco linguístico “Jê”, a região era conhecida por “Ara’puka” e ligada ao mito ou lenda de: M’boy, Naipi e Tarobá.

²⁹ LAFAYETTE BUNNELL, AMERICAN explorer and wilderness romantic, first rode into the bucolic stillness of Yosemite on March 21, 1851. He was on a voyage of discovery. Once in the valley he thought he had arrived, if not in heaven, in Eden. "I have seen the power and glory of a supreme being," he wrote in his journal, and "the majesty of his handiwork."

populações nativas americanas e os recursos naturais, parece bastante simplista a ideia de apenas considerar a cosmovisão como elemento que distingue a apropriação pré-colombiana do modelo Ocidental.

A ideia de *oikos* identificada no presente subitem, rompe com conotação e caráter de uso público restrito dos recursos naturais que se invisibilizam na constituição dos parques nacionais. Nas sociedades tidas como modernas a apropriação das cachoeiras e cataratas ocorre por sua conotação estética, mas também por seu potencial hidroenergético, Algo que permite dizer que as cachoeiras são melhores identificadas pela noção de oikos que patrimônio, por exemplo, pois como já foi dito, os artefatos ligados ao patrimônio possuem um signo e significado político e restritivo como categoria conceitual. Podemos observar que em diferentes contextos geográficos as cataratas emergem no imaginário cultural através das artes visuais da poesia, cinema e outras formas de canário ligado à representação do natural.

Voltando ao uso contemporâneo e ocidental das cachoeiras e cataratas, enquanto recurso turístico, reconhecemos que a produção simbólica do ecoturismo no atual contexto, torna-se um objeto privilegiado para análise e compreensão deste oikos turísticos que liga-se ao discurso ambiental nas duas décadas do XXI.

Deste modo, o turismo ligado à natureza e as cataratas é um fenômeno social recente que só podem ser interpretado através da relação entre as subjetividades e a objetividade técnica que produz o espaço e em todo caso, o patrimônio e sua imagem turística, por meio daquilo que vende-se como meio ambiente e/ou natural (SILVA, T. D. 1999, p.141). O turismo de natureza, aventura e ecológico, especialmente o que está associado às cataratas e cachoeiras. Revelaram desde o começo da década de 1990, um processo que pode ser reconhecido através de Jost Krippendorf como uma “ofensiva da economia do turismo”.

Para o sociólogo, o mercado internacional se apoderou do tema da ecologia - ao menos dos discursos ecológicos transvestidos de ‘ecologismos’ - orientando-os para empunhar a bandeira do turismo sustentável como alternativa ao turismo de massa ou predatório. Surgiram, segundo o autor, modelos inspirados na ecologia para todos os substratos sociais, o marketing turístico se apodera da ideia de destinos naturais e

ecologicamente sustentáveis (KRIPPENDORF 2001 [1989])³⁰. O autor reconhece que o turismo ecológico/sustentável, está conformado pela retórica ecológica e suas contradições, avaliação das consequências e prática concreta, ainda estão sendo desenvolvidas ou estão por serem feitas. Assim, para o autor, ao contrário do afirmado, uma aplicação prática e ampla de uma política de turismo social e ecologicamente responsável significa, em todos os âmbitos e níveis da sociedade ainda não aconteceu³¹. Vale destacar, segundo Barros e Ribeiro que:

não há dúvidas que as concepções vinculadas ao ecoturismo representam um avanço em relação ao manejo superficial do exótico e da beleza natural. No entanto, o encontro desenvolvimentista permanece com seus aspectos perversos criando resultados inesperados, mudanças indesejadas e dependências clientelistas ou patrimoniais (BARROS e RIBEIRO, 1999, p. 30).

Reconhecemos portanto, que a dualidade expressada por conservacionistas reativos e preservacionistas puros, respondeu em seu momento para além da ambiguidade no uso da natureza, mas à própria expansão capitalista através de suas novas fronteiras econômicas do final do século XX. É importante destacar que as Cataratas Vitória e as Cataratas do Iguaçu, assemelham-se às Cataratas do Niágara, não apenas por estarem localizadas em parques naturais, mas sim por estarem localizadas em regiões fronteiriças constituindo-se como verdadeiros artefatos simbólicos para suas regiões. Além disso, integram a lista de paisagens únicas, inscritas na Lista do Patrimônio Natural da Humanidade reconhecidas pela UNESCO.

Entretanto, ressaltamos, ainda que as Cataratas do Niágara, as Cataratas Vitória e as Cataratas do Iguaçu, tenham características similares. Cada uma destas paisagens consagradas guarda sua particularidade histórica e singularidade na organização do espaço que serve ao turismo internacional. Um estudo comparado entre as três localidades é uma tarefa necessária para ser realizada pelo campo acadêmico, dado que segundo os estudos de Huston que no século XIX, as Cataratas do Niágara já haviam se tornado um destino popular das elites européias em 1830, quando foi facilitado o acesso de visitantes por um canal fluvial

³⁰ Nesses termos da inovação e gestão turística, foram pensados códigos de comportamento para turistas, criados selos de qualidade para produtos turísticos tidos como sustentáveis, além de serem formulados uma série de manuais para o gerenciamento ambiental com listas de controle.

³¹ Para o sociólogo, a apropriação do debate do turismo sustentável pelo mercado, fez que em geral os principais críticos do turismo de massa se calarem diante da própria construção de um turismo considerado “alternativo” e “ecológico” que ao ser amplamente ofertado pelo setor turístico, o turismo considerado alternativo ou brando, termina por deslocar a capacidade de crítica que envolveu o turismo durante as três últimas décadas do século XX.

e uma ferrovia.

Chama atenção que foi um empreendimento privado que fez com que rapidamente fosse transformada a estrutura de acesso turístico. Medida que obrigou os viajantes a pagar generosamente pelo privilégio de contemplar as cataratas. Assim, este fato revelou um desenvolvimento turístico descontrolado nas Cataratas do Niágara que gerou indignação pública, por conta comercialização excessiva da paisagem. Este processo foi determinante, pois repercutiu principalmente no movimento de defesa dos parques nacionais nos Estados Unidos e América Latina (DIEGUES, 1999). Algo que volta na gênese do problema da pesquisa quanto ao uso das áreas protegidas para o turismo.

Encontramos também outras coincidências entre essas famosas cataratas dos Estados Unidos e Canadá, e as apreciadas cataratas sulamericana e africana, todas estão associadas em maior ou menor grau à infraestrutura de usinas hidroelétricas. É importante considerar que a atividade turística é dependente de uma infraestrutura propriamente turística, mas interdependente na maioria dos casos, de uma cadeia produtiva complexa e necessária para realização do turismo que extrapola o próprio turismo (BARRETTO 1995, p.14). Nesses termos, podemos reconhecer em relação às Cataratas Vitória na fronteira entre a Tanzânia e Zimbábwe na África: que elas ficaram famosas após sua ‘descoberta’ em 1855 por David Livingstone³²; entretanto, só tornaram-se acessíveis para os turistas quando foi construída uma ferrovia ligando a região até a Cidade do Cabo na África do Sul em 1904, mas um destino turístico nos termos que buscamos reconhecer pela cadeia de produção turística, após a expansão do mercado internacional de viagens que seguiram a tecnologia de transporte no final do século XX (HUDSON 2013).

Para ilustrar as discrepâncias estéticas e simbólicas entre as três principais cataratas do mundo, recorreremos às imagens disponíveis na rede de computadores. Elas servem para chamar atenção para o contraste proporcionado pela modernidade e infraestrutura ao qual está envolta as Cataratas do Niágara em uma menção ao espetáculo de shows e luzes

³² A termo de curiosidade, destacamos as Cataratas do Iguaçu foi registrada por um europeu em 1542, quando Alvar Núñez Cabeza de Vaca e sua comitiva registraram em sua viagem de conquista, os “Saltos de Santa Maria”. Por sua vez, às Cataratas do Niágara só foram registradas por um conquistador europeu em 1604. Apenas por este espaço temporal entre as descobertas e organização do turismo nestas paisagens, revela ser necessário ter em mente os critérios para caracterizar os motivos e processos aos quais uma cachoeira ou catarata se torna turística.

proporcionado para satisfazer o olhar turista.

IMAGEM 12 - Cataratas do Niágara na fronteira entre Estados Unidos e Canadá.



Fonte: reservacar.com.br/blog/cataratas-do-niagara

IMAGEM 13 - Espetáculo de Luzes - Cataratas Niágara



Fonte: Google Imagens

Ainda sobre as famosas cachoeiras, fazemos uma menção às Cataratas Vitória, pois nela identificamos associações interessantes quanto ao objeto de estudos que aqui está sendo desenhado. É bastante curioso e intrigante a relação objetiva entre o patrimônio e o uso de seu recurso para promoção do olhar turista, pois em diferentes sítios faz-se referência aos safaris de turismo no Parque Nacional do Serengeti, e por isso, é recorrente o uso de imagens que associam a paisagem das cataratas africanas com animais

silvestres a exemplo da imagem abaixo (IMAGEM 14)³³.

IMAGEM 14 - Elefante sobre as Cataratas Vitória - Parque Nacional Serengeti



Fonte: Imagem retirada da rede de computadores (autor não identificado)

Neste sentido, algo icônico no intuito de revelar os signos e associações simbólicas que se projetam nas localidades periféricas ligadas ao olhar turista e imagem de destino ligada às cataratas. Este caminho de enunciação e explicação mais plausível do modo como são produzidos os olhares ligados às cachoeiras e cataratas, pode revelar associações desta natureza com as Cataratas do Iguaçu (uma pesquisa rápida por imagens na rede de computadores já dá conta desta afirmação). Porém, destacamos que ainda que exista uma expressão singela do turismo de safari nas cataratas da América do Sul, sua dimensão simbólica e cultural (seu oikos) liga-se aos discurso das paisagens que vislumbrou conquistadores, missionários, viajantes, funcionários das cortes, comerciantes, traficantes, aventureiros, cronistas e cientistas, surpreendidos com a natureza e cultura da América Latina. Entretanto, o continente viu o turismo esbarrar na falta de infra-estrutura necessária para competir com as paisagens européias, australianas, canadenses e estadunidenses (NETTO & TRIGO, 2016). Por isso, as Cataratas do Niágara eram um destino turístico já conhecido pelas elites européias e o próprio interior da África (representado pelas Cataratas Vitória) e as Cataratas do Iguaçu, quase desconhecido para o mundo ou olhar do Ocidente. Sobre as Cataratas do Iguaçu e seu oikos turístico, dissertamos o segundo capítulo.

³³ <https://kawalk.com.br/cataratas-vitoria-no-zimbabue/>

2 O TURISMO NA TERRA DAS CATARATAS

Este capítulo está dividido em três partes: “Foz do Iguaçu - Fronteira”, “O Turismo em Foz do Iguaçu” e “Na Sombra da Maravilha e o Turismo Contraluz”. No primeiro reconhecemos os processos históricos ligados à constituição da cidade de Foz do Iguaçu como uma região de fronteira. Ela vai desde as primeiras etapas da colonização ibérica e passa pela denominada “Iguassu Indo-Platina” que demarca o subitem ligado a uma ocupação mais indígena, espanhola e platina. Ainda nesta parte destacamos a cidade moderna existente na fronteira ligada à construção da barragem e Usina de Itaipu Binacional e a Ponte Internacional da Amizade. No segundo item apresentamos “O turismo em Foz do Iguaçu” através de três subitens que trazem consigo: o desenvolvimento das viagens modernas para Foz do Iguaçu, a produção da memória e discurso vocacional da cidade, bem como os processos que denotam as evidências de uma concretude do turismo em Foz do Iguaçu. Por fim, na terceira e última parte do trabalho destacamos aquelas que são as "sombras" do turismo na cidade. Também exploramos a dimensão polissêmica de slogans como: “Terra das Cataratas”, “Terra de Todas as Gentes” ou, “Destino do Mundo”. Visamos com isso colocar o turismo contraluz para explorar a múltipla natureza do discurso e prática turística em Foz do Iguaçu.

2.1 FOZ DO IGUAÇU COMO FRONTEIRA

2.1.1 Iguassu Indo-Platina

A alusão a Iguaçu, com dois "s" que encabeça o título deste subitem, chama a atenção para um período de ocupação secular da região, de traço indo-platino, que se encerra com o fim das obras no século XX. Se refere também a uma mudança gramatical, que por sinal teve lugar mediante o Formulário Ortográfico de 1943. O objetivo na nacionalização era regular e padronizar a língua portuguesa falada e escrita no Brasil e o Formulário Ortográfico de 1943, veio a sacramentar a língua oficial ao incluir os ‘brasileirismos’ e/ou palavras estrangeiras com uso corrente no território nacional.

Sanada dúvida quanto ao emprego do título do subitem, tomamos como ponto de partida o Caminho Peabiru como referência às populações originárias das Américas

³⁴. O primeiro europeu a conhecer as riquezas materiais existentes nas terras descobertas no Novo Mundo, foi o português Aleixo Garcia, que junto de guerreiros guaranis chegou na fronteira do governo Inca / Twantisuwu, ao utilizar o Caminho do Peabiru (BOND 1998). A importância geográfica e militar do Peabiru, revela-se quando Tomé de Souza, proibiu a utilização do caminho transcontinental em 1553. O objetivo era fortalecer a fronteira de ocupação portuguesa e evitar o contrabando entre as colônias no Cone Sul. Podemos destacar através dos mitos e lendas que constitui o caminho do Peabiru, o fato deste ter servido ao espanhol Alvar Núñez Cabeza de Vaca em 1541, quando o mesmo navegou pelo Rio Iguaçu (na época Rio Grande de Curitiba) para tomar posse do governo e burocracia colonial na Província do Rio da Prata. O destaque no relato do governador é o de haver contornado os Saltos de Santa Maria (Cataratas do Iguaçu) para alcançar o rio Paraná, o conquistador ‘inscreveu’ e ‘descreveu’ a região da foz do rio Iguaçu e das Cataratas ou, “Saltos de Santa Maria”, colocando as Cataratas e o Caminho do Peabiru como marcos do processo de ‘invenção’ da América pela Europa³⁵.

Para acompanhar assim a ocupação das fronteiras coloniais no início do século XVII, remontamos às mais de quinze reduções jesuíticas-guaranis e três cidades que estiveram sob jurisdição espanhola. Elas foram organizadas no entorno do principal entroncamento do Caminho Peabiru, na Bacia do Alto Paraná. As principais fontes documentais para o período são os relatos do padre Antonio Ruiz de Montoya (1585 - 1652), analisados por Francisco Jarque e Pedro Vindel (1900) e por Guillermo Furlong (1964). No Brasil tais fontes foram objeto de estudo no livro “Manuscritos da Coleção de Angelis - MCA

³⁴Marcado por mistérios e histórias cruzadas, a origem do Peabiru ainda é incerta, sabe-se que “os Guaranis o chamavam de Peabiru, Piabiru ou Piabiyu “caminho” (pia, bia, pe, bia; ybabia: caminho que leva ao céu), ou Caminho do Peru sendo a palavra, um híbrido de tupi - pe (caminho) + biru (Peru)” como a “morada dos deuses” e o caminho para a “terra sem males”. Para as populações andinas a ‘rota transcontinental’ ficou conhecida como o “Caminho do Inca” ou “Caminho do sol”. A principal rota comercial e militar utilizada pelas populações ameríndias antes da colonização atraiu atenção de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, como da antropóloga e historiadora Rosana Bond (1996 & 1998) e os historiadores Donato (1997) e Luiz Galdino (2002 & 2019). Trabalho de destaque refere-se ao do astrônomo Germano Bruno Afonso (2014) que sustenta “o caminho do Peabiru tem o mesmo o traçado da via-láctea” (CADERNOS, 2004), sustentando que o caminho fazia parte da astronomia desenvolvida e utilizada na cosmovisão guarani.

³⁵ Relatos das primeiras décadas de colonização contam que o rio Iguaçu foi utilizado como instrumento de patrulha militar, quando no então denominado rio Grande, rio Grande de Curitiba, rio Grande de Registro expedições portuguesas investigavam a presença castelhana em territórios do oeste paranaense (TRILHAS, 2009, p. 63).

(1951)³⁶. Definidas como instituições de fronteira, as missões Jesuíticas-Guarani ficaram marcadas enquanto lugares onde ocorre diferentes tipos de negociação e hibridação cultural (SOARES, 2012). O objetivo das missões ou reduções, era subordinar o indígena ao trabalho agrícola, deter o avanço português sobre o interior do continente (nas zonas de mineração) e ‘garantir’ ou ‘conseguir’ acesso aos portos marítimos para Assunção (WACHOWICZ, 1983). Autores como Arno Alvarez Kern (1982), Moacyr Flores (1983), Charles Ralph Boxer (2007) e Erneldo Schallenberg (2010) demonstram que as Reduções Jesuítica-Guarani compunham ambigualmente o projeto civilizatório de catequização das populações cativas e uma estrutura militar alinhada ao projeto político de defesa colonial da Espanha.

Chamou atenção durante a pesquisa o fato de que em 2008 e 2009, a Secretária da Cultura do estado do Paraná - SEEC promoveu uma série de eventos com o objetivo de divulgar e aprofundar o conhecimento da história do Paraná, particularmente dos séculos XVI e XVII³⁷. Destacam-se trabalhos como de Igor Chmyz (1963) e Inês Parellada (1993 e 2009) desde a arqueologia, evidenciam que “o uso de elementos da paisagem, como a declividade do terreno ou de margens de rios, afloramentos rochosos, faziam parte da composição destes sistemas defensivos (i.e., o das Reduções Jesuítica-Guarani e as cidades espanholas no Guairá)³⁸. Algumas interpretações levam a considerar que as reduções jesuíticas-guarani marcaram o encontro entre europeus e indígenas, as relações interculturais no Guairá nos séculos XVI e XVII” (CHAGAS, 2010). Podemos deduzir que a importância das Missões Jesuíticas-Guarani na rede de produção colonial demonstra que para além da produção de farinha, ervas, alimentos e artefatos materiais (cerâmica), existia uma infraestrutura econômica e militar transfronteiriça.

A fuga guarani da região “Del Guairá” em direção a “Tape” e “Sete Povos

³⁶ Além de ter liderado a fuga guarani na invasão bandeirante do ano de 1629, seu trabalho como sacerdote nas Missões rendeu trabalhos que continuam mobilizando pesquisas históricas sobre as reduções e cidades espanholas através de relatos da época.

³⁷Foram organizados um “Seminário Internacional Indígenas, Espanhóis e Missionários: o Paraná no contexto da Bacia do Prata - séculos XVI e XVII” (2008); um concurso de monografias “Espanhóis e Indígenas no Território Paranaense da Província do Guairá: séculos XVI e XVII” (2009), uma mostra de filmes “Os Guaranis e as Missões Jesuíticas” (2009) e a curadoria final na exposição denominada “Missões: Conquistando Almas e Territórios” (2009).

³⁸ Villa Rica del Espiritu Santo: ruínas de uma cidade colonial espanhola no interior do Paraná” (1993) e seu artigo “O Paraná espanhol: cidades e missões Jesuíticas no Guairá” (2009). Como exemplo temos os Saltos de Guairá - Sete Quedas, onde estava a Ciudad Real Del Guairá e os Saltos Santa Maria - Cataratas do Iguacu onde localizava-se uma redução católica. Estes fatos demonstram que o uso da geologia retorcida, compunha os sistemas defensivos no território colonial submetido ao governo espanhol <http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=31>

das Missões” (1687), abriu caminho para o Tratado de Madri (1750) ratificar o oeste paranaense sendo de domínio português. O rio Paraná neste contexto, passou a ser encarado como uma ‘fronteira natural’ que delimitaria as possessões espanholas (DE MARTINS & RUSCHMANN 2010). As Guerras Guaraníticas (1750 - 1758) produziram consequências drásticas para a densidade populacional dos grupos nativos. Na época houve uma tentativa de ocupação portuguesa na foz do rio Iguassú, em 1765, através de um modelo de ocupação militar da fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina. Esta é a base ideológica da noção de “fronteira civilizacional” e “agrícola” que ligam-se aos processos territoriais euro-cristão-indígenas na América do Sul.

Antes de dar prosseguimento na análise histórico narrativa, é importante destacar que concordamos com Ángel Rama (1983) no sentido que sustenta que as cidades americanas aproveitaram as preexistentes redes indígenas, suas zonas de cultivo, seus mercados e principalmente a força de trabalho. Como defende o autor: *la inserción capitalista no destruirá esa economía y el mercado*. (RAMA, 1983, p. 26). Deste modo é valiosa a posição da antropóloga Ana Maria Gorosito Krame da Universidad Nacional de Misiones – UNAM (AR) que retiramos de documentário “Pueblos originários” produzido pelo Canal Encuentro:

el largo proceso de construcción de los centros urbanos no fue para nada tranquilo y manso, los aborígenes no entregaron fácilmente el territorio, hubo luchas y resistencias, a veces durante diez años. (...) tenemos una magnífica historia ignorada, oculta, de los pueblos nativos, para la licencia de aquellos que finalmente terminaron perdiendo (GOROSITO, 2011 in PUEBLOS, cap. I).³⁹

Nos dias atuais existem diferentes ruínas do período de ocupação jesuítica-guarani que estão localizadas na região fronteira entre Brasil e Argentina, por exemplo: San Ignacio Mini (AR) e São Miguel das Missões (BR). Elas estão registradas pela UNESCO, na Lista do Patrimônio Histórico da Humanidade, em 1984 e 1983, respectivamente. As ruínas jesuítica-guarani registradas localizam-se na região fronteira onde os conflitos em torno da delimitação do limite fronteiro, foram uma constante dos oitocentos e resolvidos somente após 1881 (FERRARI 2005; WACHOWICZ 1982 e 2001)⁴⁰.

³⁹Acesso em: www.youtube.com/watch?v=s5cKScwCvzs,

⁴⁰ A delimitação e reconhecimento das fronteiras entre os dois países ficou ao encargo do presidente estadunidense Grover Cleveland (1837 - 1908). Seu arbítrio [1885] foi deferido em favor do governo brasileiro sob o argumento de que nas terras próximas à região dos campos de Palmas encontrava-se uma população composta por brasileiros ligados às Colônias Militares de Chopim e Chapecó. Ressaltamos que as fronteiras

Com efeito, o avanço sobre as terras devolutas na fronteira oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná, realizada através do Caminho de Palmas. Obedeceu a um tipo de penetração silenciosa sobre as terras florestais com caráter de infiltração sorrateira, algo que é muito diferente do caráter de uma fronteira em marcha (CORRÊA, 1997, p. 238)⁴¹. Os efeitos desse movimento silencioso para a direção da fronteira, estrondosos na realidade, são revelados pelos números do Relatório de Estado de 1881. Neles o Paraná figura como sendo responsável pelo fornecimento de 3/5 da erva-mate consumida na América do Sul (Relatório Pedrosa 1881 apud OLIVEIRA, 2000 p. 77). Assim, destacamos que foi após ampliar os campos de cultivo e exploração da erva-mate no Brasil que se consolidou aquela que viria a ser denominada oligarquia do mate (WACHOWICZ 1983)⁴². Algo em contraposição que torna-se revelador para a pesquisa é o fato que no início de 1880, empresários argentinos montaram engenhos de beneficiamento de erva-mate na região de Posadas. Período em que ambos países, Brasil e Argentina, promoveram leis que visam formar núcleos de povoamento com imigrantes europeus e consolidar suas fronteiras internas (CRESTANO & SCHALLENBERGER 2013). É interessante destacar que neste mesmo contexto, foi formado o primeiro parque moageiro no norte de Santa Catarina, demonstrando que a corrida comercial do mate estava a todo vapor nesse contexto. Ressaltamos para tanto que durante todo esse período o Paraguai permaneceu como concorrente na disputa comercial do mate (OLIVEIRA 2000)⁴³.

Podemos destacar o interesse da oligarquia paranaense nas zonas

fluviais como a da região da foz do Rio Iguaçu não estavam sobre contestação e estavam bem delimitadas pelo Tratado de Madrid de 1750.

⁴¹ A premissa de Lobato Corrêa comprova-se também pelo fato que a concessão para exploração da erva-mate e madeira na região do Alto Paraná era destinada a empresários argentinos oriundo da região de Posadas - Argentina até a segunda metade do século XIX, um aspecto que permite compreender a razão de ser exigido maior controle na fronteira e conter a evasão do produto sem ser beneficiado e exportado através dos portos do Alto Paraná e do Oeste Paranaense. Para o geógrafo não existiu interesse de possíveis povoadores (a não ser fazendeiros de gado) na vizinha zona dos campos de Palmas, até os anos de 1900, pois além da área ser tida como fronteira (devendo ser guarnecida) a exploração da erva-mate e madeira ocorria de maneira extrativista e no interior da floresta sem depender de grandes adensamentos populacionais.

⁴² O apogeu econômico do produto rendeu títulos de nobreza recebidos pelos empresários do estado do Paraná. "Barão de Antonina", "Barão do Serro Azul", "Visconde de Guarapuava" são exemplos deste títulos distribuídos pela monarquia do Brasil aos empresários envolvidos com a economia erva-mateira. Eles podem ser interpretados enquanto uma estratégia de fortalecimento da oligarquia regional, visando consolidar o mercado da erva-mate no sul do Brasil. Os feitos para tal caracterização são destacados pelo historiador paranaense Ruy Wachowicz em livros como: "Universidade do Mate" (1983) e "História do Paraná" (1983), assim como pela tese do sociólogo e professor da UFPR, Ricardo de Oliveira (2000), "O silêncio das genealogias: classe dominante e o estado do Paraná" (2000).

⁴³ A erva explorada pelos empresários argentinos era contrabandeada pelo Mato Grosso e Rio Grande do Sul.

fronteiriças pela planta cartográfica do Estado do Paraná de 1896, que foi produzida com propósito de afirmar o território econômico e político do estado no período quando foram registradas oficialmente as novas colônias militares de Chopim, Chapecó e Foz do Iguaçu⁴⁴. As Colônias Militares tiveram curto período de existência e seu objetivo promover o processo civilizatório ao superar a natureza e ocupar a região por meio da agricultura (WACHOWICZ 1982 apud SOUZA 2009). Elas fizeram parte da experiência da administração militar (ARRUDA e RITT 2010) e em uma outra interpretação possível e recorrente é que elas se uniram no período do Império do Brasil ao esforço e projeto de consolidação de uma fronteira (RITT 2011).

Podemos assim destacar que o meio encontrado para evitar as atividades ilegais na fronteira, como o contrabando de erva mate, uma das principais preocupações da elite paranaense, revelou-se por um projeto civilizatório capaz de recriar as centrais de obrage argentina existentes na região, sem alterar a estrutura econômica e produtiva na denominada fronteira guarani e/ou, fronteira platina⁴⁵.

No ano de 1910, a Colônia Militar passou à condição de “Vila Iguassu” e distrito do Município de Guarapuava, quando o Ministério da Guerra, emancipou a Colônia tornando-a um povoamento civil, entregue aos cuidados do governo do Paraná (DE MARTINS & RUSCHMANN 2010; SOUZA 2009; WACHOWICZ 1982). Na fundação do município de Foz do Iguaçu, em 1914, a cidade ficou caracterizada como a cidade platina brasileira, devido ao fato da moeda circulante ser o peso argentino e o português, falado apenas por funcionários públicos até quase a segunda década do século XX⁴⁶.

⁴⁴ De acordo como o sítio do Instituto de Terras, Cartografia e Geologia do Paraná - IITCG; “chama a atenção o registro de “terrenos devolutos” e de “sertões desconhecidos”, quando a Constituição de 1891 entregou as terras devolutas para o domínio dos Estados significando o fortalecimento das oligarquias regionais; acessado em: http://www.itcg.pr.gov.br/arquivos/livro/mapas_itcg.html

⁴⁵ Por isso observamos que a narrativa histórica que acompanha a formação da Colônia Militar de Foz do Iguaçu é marcada pelo ‘encantamento harmonioso’ que excluiu os habitantes que habitavam a região e a fronteira encarada como elemento natural vinculado ao interesse e patrimônio nacional (SOUZA, 2009). Entretanto sabemos também que o critério nacional não é um elemento redutor da colonização oeste do Paraná, já que uma vasta literatura e fontes documentais, demonstram que a necessidade de “afastamento da identidade platina” (WACHOWICZ, 1983 ; SOUZA, 2009 ; SILVA, 2014) era parte da retórica e discurso ideológico encampado pela burocratização e modernização das denominadas “fronteiras vivas” do Império do Brasil.

⁴⁶ A ausência do espírito nacional na jovem cidade, pode ser enxergado como a própria à necessidade de expansão em direção às fronteiras sob os preceitos nacionalistas da época. Ainda nas últimas décadas do século XIX, há uma maior uma “preocupação com a educação e nacionalização dos imigrantes” (MONTEIRO, 1979 e 1984 ; PEREIRA, 2004 ; XAVIER, 2005 RENK, 2005 e 2009 ; KREUTZ, 2010). Observamos que este tipo de retórica faz parte da construção do imaginário regionalista no Paraná desde as primeiras décadas da Primeira República. Durante este período a nacionalização das escolas étnicas em Curitiba era sustentada pela ideia que a

Essa “cidade na fronteira” da qual nos ocupamos agora representa um novo período de ocupação da região que pode ser associado a Era Vargas (1930 - 1945) e também moderno. Nesse sentido, o livro do historiador Ruy Wachowicz “Obrageros, Mensus e Colonos : história do oeste paranaense” (1982) torna-se um marco na historiografia da região. Pode-se enumerar estudos, relatórios e livros como fundadores da literatura científica sobre a região oeste do Paraná; dentre os quais: “Toledo: um município da fronteira Oeste do Paraná” (1957) de Kalervo Oberg e Thomas Jabine (OBERG 1957 e 1960) e, também, “Obrages e Companhias Colonizadoras: Santa Helena na história do Oeste do Paraná” (1988), de José Augusto Colodel. Estes assumiram as práticas econômicas desenvolvidas antes de 1930, como atrasadas, improdutivas e ilegais (SOUZA 2009). Todavia, as obrages são sinalizadas enquanto manifestações dentro de um universo sócio-cultural diferenciado na própria história do Paraná (COLODEL 1988)⁴⁷. O declínio econômico das obrage ocorreu durante a “Crise de 1929” que ‘implodiu’ a economia ervateira no estado Paraná.

A “Marcha para o Oeste” durante o Regime do Estado Novo (1939 - 1945) é associada à ruptura com o modelo de produção extrativista e com o isolamento vivido na região (CATA 1994; COLODEL 1988; SOUZA 2009 ; WACHOWICZ 1982)⁴⁸. Foi neste contexto que a língua portuguesa e as práticas culturais ligadas à identidade nacional brasileira ou, cultura oficial, passaram a servir como critério político para o governo

cidade se constituía como a “urbe-alemã brasileira”, pela grande influência da imigração na construção da cidade e pela maioria da população desconhecer o português e falar predominantemente o alemão. Sobre este tema vale o destaque de pesquisas realizadas no campo da educação, nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sobre os contornos e implicações do ponto de vista cultural e educacional, nas colônias étnicas de imigrantes. Isso porque, as políticas para ocupação das fronteiras eram acompanhadas da política de imigração e colonização empenhada desde a metade do século XIX. Em função da Lei Eusébio de Queiroz (1854) e restrição no tráfico transatlântico de escravos, criou-se a necessidade de serem desenvolvidas políticas de substituição da força de trabalho escravo por imigrantes oriundo da Europa.

⁴⁷ Para Colodel as obrage apresentam como pedra de toque a derradeira presença espanhola e argentina no Oeste paranaense. Sua presença no Oeste paranaense por mais de cinquenta anos deixou marcas fortíssimas – e não poderia ser diferente. As áreas de terras adquiridas pelas companhias colonizadoras a partir da década de 1940 e os territórios dos futuros municípios que seriam criados teriam como uma primeira base geográfica as antigas obrage. Foram as obrage a maior demonstração da falta de interesse que a região despertava junto às autoridades estaduais e federais e também foram elas as responsáveis pela nacionalização das áreas de fronteira, levada a efeito por Getúlio Vargas logo após ter sido vitorioso com a chamada Revolução de 1930. Alguns anos antes, em 1924-25, as tropas revolucionárias que dariam origem à Coluna Prestes combateram na região e juntamente com os repórteres que a acompanhavam fizeram in loco uma radiografia nada alentadora da presença das obrage nos sertões oestinos. As obrage ficaram conhecidas a nível nacional, e isso era o que os obrageros não queriam!⁷

⁴⁸ Tal aspecto fez parte da preocupação nas políticas públicas direcionadas para três áreas de fronteira no Brasil (Bacia Platina, do Pantanal e da Amazônia).

populista-nacionalista de Getúlio Vargas⁴⁹.

Este momento pode ser melhor representado pela mudança na grafia da palavra Iguazu (antes Iguassu) em um claro movimento que busca afastar a região do longo período de ocupação hispano-platina. Neste sentido, identificamos um passo no estreitamento da burocracia do Estado Novo, por meio de uma série de relatórios existentes no “Arquivo Público do Paraná” e que tinham como objetivo revisar as terras devolutas existentes nas fronteiras. A “modernização” da região é então aqui sinalizada pela vigilância sobre a população local e controle burocrático representado sobretudo pela “Comissão Especial de Revisão das Concessões de Terras na Faixa das Fronteiras” de 1939⁵⁰.

A partir de 1950, como destaca Foz do Iguazu, passou a estar marcada pela expansão das redes de circulação transnacional e pelo estreitamento das relações bilaterais internacionais (ROSEIRA 2006), mas ainda não relacionadas às práticas turísticas. É uma característica desta fase a tutela estadunidense, concretizada pela orquestração do Plano Condor sobre o preceito da “Doutrina de Segurança Nacional” (SILVA, 2014; MONTENEGRO e GIMÉNEZ BÉLIVEAU, 2006). Décadas adiante pode-se identificar um movimento realizado pelos mercados nacionais. Exemplo disso são os “Acordo do Iguazu” e o “Tratado de Itaipu”, em 1973. Desta forma, a fronteira ganhou novos contornos impulsionados pelas obras de infraestrutura que tiveram como pano de fundo o avanço da globalização e da mundialização dos fluxos de mercadoria.

Para Aparecida Darc Souza, a construção da Usina de Itaipu Binacional, alavancou a produção científica em relação a cidade de Foz do Iguazu (SOUZA, 2009). Nesse sentido pode se citar os trabalhos encomendados pela Itaipu Binacional; dentre os quais: o do historiador Ruy Wachowicz (1982), de Maria Cecília Westphalen (1987) e de Laércio Betiol (1983). Esses foram trabalhos pioneiros e antecederam outros do final do século que

⁴⁹ Tal preocupação era relativa a atuação de anarquistas na luta sindical, a ascensão da ideologia comunista após a Revolução Russa (levando a formação de partidos comunistas na América Latina) e principalmente, a preocupação frente ao fascismo brasileiro, representado pelo Integralismo no sul do Brasil, (encabeçado principalmente por imigrantes ligados às atividades agrícolas e não-urbanas).

⁵⁰ Criada através do decreto n. 1.164 de com as seguintes atribuições: “Artigo 17, I - proceder à revisão das terras até agora processadas pelos governos estaduais e municipais, na faixa de cento e cinquenta quilômetros da fronteira do território nacional; II - fiscalizar a execução desta lei; III - proceder a estudos e emitir relatórios sobre empresas, concessões de terras e de vias de comunicação ou meio de transporte. Artigo 18, I examinar a legitimidade das concessões de terras; II - verificar área de terras ocupadas” (BRASIL, 1940). Cf. https://modeloinicial.com.br/lei/DEL-1968-1940/comissao-especial-@___V.E

abordaram aquilo que Antonio M. Roseira sustenta ser a "Foz do Iguaçu Cidade Rede Sul-Americana". Destaque para as dissertações de mestrado e artigos de Cláudia Heloiza Conte (2012; 2013), Reinalda Pereira (2001) e Adriana O. Dandolini (2018) que desde um viés econômico lançam olhar para transformação da infraestrutura urbana, seu vínculo com o comércio fronteiriço, prestações de serviços, empreendedorismo e também na atividade turística⁵¹.

Outra face, mais perversa, da modernização da cidade está vinculada ao projeto e construção de Itaipu Binacional. Ela tem sido trabalhada pelo historiador Luiz Eduardo Catta. Segundo ele, o cotidiano da fronteira teria pervertido a cidade (CATTA, 1994). Nesse sentido o historiador enumera três problemas essenciais: o aumento da pobreza, a falta de moradia e o aumento da criminalidade⁵². Reconhecemos que há aproximações entre a análise realizada pelo historiador, com as três características da globalização e modernidade elaboradas por Milton Santos: modernidade/globalização como fábula, perversidade e possibilidade (SANTOS, 2008). Aliás, a modernidade como perversidade tem sido um caminho assumido por diferentes autores em suas dissertações como de Maria de Fátima Ribeiro (2002), Edson B. Souza (1998) e Lucas Gaspar (2017). Uma perversidade que é enxergada quando a construção da Itaipu Binacional, especificamente, pelo fato de muitos(as) trabalhadores(as) vindos para a cidade não conseguiram emprego nas obras de construção da usina, ficando desassistidos pelas políticas empenhada pela empresa binacional (SOUZA 2009; GONZÁLES 2005). Por isso alguns autores mais contemporâneos, sustentam ser necessário discutir a "cidade real" em relação à "cidade ideal" e assim romper com estereótipos existentes sobre o trabalho na fronteira.

Entretanto, reconhecemos que a memória dos trabalhadores da construção da barragem de Itaipu - revelam muitas das contradições na organização do trabalho nas

⁵¹ Fundamentações teóricas despertam curiosos olhares como de Reinalda B. Pereira (2001) para aquilo que a autora interpreta como "um perfil do empreendedor de sucesso do oeste do Paraná". Além do trabalho de Adriana de O. Dandolini (2018), que aborda o empreendedorismo de mulheres na cidade de Foz do Iguaçu. A premissas das autoras partem da formação de uma espécie de ética capitalista da região que encontra suas bases nas "relações históricas da economia paranaense" e pela entrada do Mercosul como fator ligado ao mercado externo. Ou através daquilo que uma das autoras interpreta como "relações de gênero contemporâneas (na expectativa da mulher empreendedora) como ferramenta de liberdade feminina".

⁵² Segundo A. D. Souza (2009) o autor define a perversidade pela "formação de uma massa heterogênea, formação de um mercado informal e do subemprego, criminalização desses segmentos pela elite, favelização, especulação imobiliária, desorganização das áreas centrais ocasionados pelo trânsito, formação do comércio paralelo e o alto índice de criminalidade".

últimas cinco décadas (SCHMITT 2008; CORONEL 2013; JAQUEIRA 2016; MANARIN 2008)⁵³. Esses trabalhos são uma alternativa para as interpretações meramente econômicas que, por vezes, inviabilizam a sociedade e seus conflitos. Outras problemáticas no pós-construção da Itaipu, aparecem em trabalhos acadêmicos pelas formas de organização política da classe trabalhadora e disputas travadas no campo sindical/educacional na fronteira (KASPER, 2017)⁵⁴. Ainda existem trabalhos que trazem as relações entre gênero e trabalho⁵⁵, trabalho infantil / de adolescentes no comércio da cidade e fronteira (RODRIGUES 2019; GOMES 2019; ROCHA 2019; REIMANN 2013). São essas algumas das balizas para identificar a perversidade existente na cidade em seu vínculo com a economia da fronteira.

Aliás, a economia fronteiriça muitas vezes escapa aos valores, controle e estatísticas produzidas pelo Estado (DREYFUS apud. CARDIM in. *Expansão* v. 12, n. 1 2008). Dessa forma, revelam-se múltiplas faces pelo qual ocorre o desenvolvimento econômico da Fronteira Trinacional - dele faz parte, o contrabando, o tráfico de drogas e de armas⁵⁶ (CARDIN 2011; KLEINSCHMITT et. al 2013). Se inscrevem nesta linha de reflexão Elen P. Silva Davi (2008) ao caracterizar os trabalhadores na fronteira, através de por denominações próprias, como de “laranja” e “sacoleiros”, em um reconhecimento das estratégias locais na construção social do cotidiano. Este impacto é retratado pelo documentário “As muitas faces de uma cidade” de 2011 (apud. SILVA 2014; RIBEIRO 2015) que sugere uma cidade marcada pelo turismo, criminalidade, comércio, pobreza, riqueza, multiculturalismo, preconceito e pelo paradoxo entre ser uma cidade do interior e

⁵³ Judite Schmitt (2008) buscou reconstituir a história e memória daqueles que foram atingidos pela barragem e lago de Itaipu e Cesar A. Fraga de Souza (2014) às transformações nas memórias da cidade no estudo de caso aplicado ao bairro da Vila A. Já Oberty Coronel (2013), abordou as práticas e as trajetórias de trabalhadores ligando a dinâmica de fronteira. Manuela M. Jaqueira (2016) aborda o trabalhador imigrante na cidade de Foz do Iguaçu sobre uma perspectiva dos direitos fundamentais e humanos.

⁵⁴ Seu trabalho parece ser um esforço interessante na reconstrução das narrativas científicas ao assumir a organização do “trabalho internacional” ao colocar na centralidade do trabalho os professores em educação pública da fronteira Brasil-Paraguai-Argentina.

⁵⁵ Através de um estudo de caso por três mulheres produtoras de alimentos e comerciantes em agroecologia da cidade (RODRIGUES 2019). A percepção de mulheres chefes de família sobre os políticas direcionadas a reorganização e redistribuição espacial no bairro Cidade Nova (ROCHA 2019) e “a trajetória e as condições de trabalho de empregadas domésticas paraguaias na cidade de Foz do Iguaçu” (GOMES 2019).

⁵⁶ Para o sociólogo a existência de uma economia paralela pode superar as quantias de capital movimentadas pelos setores de serviço e produtivo, fomentando um universo composto pelos conflitos entre as práticas, as posturas, os modos de viver e as ideologias, fundamentadas em relações dialéticas que se perdem entre as definições do oficial/extra-oficial, do legal/ilegal, do moral/imoral e do justo/injusto”

apresentando sua face metropolitana (SILVA 2014; RIBEIRO 2015)⁵⁷.

Constatamos portanto que a construção da Itaipu Binacional refletiu no campo acadêmico de diversas formas. Identificamos uma visão otimista em relação ao desenvolvimento proporcionado pela Itaipu Binacional e uma visão crítica, sobre as principais problemáticas que envolvem a constituição urbana de Foz do Iguaçu. Nas últimas cinco décadas a cidade também ganhou um novo protagonista: o turismo. Ele vem a consolidar a mudança da cidade platina, da cidade moderna da fronteira que igual, tem despertado o interesse do campo acadêmico. Da sua história e seus relatos, seus mitos e interpretações nos ocupamos nos dois próximos itens.

2.2. O TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU.

No item anterior exploramos a dimensão de Foz do Iguaçu como fronteira. Neste item “O turismo em Foz ou a Terra das Cataratas” nos ocupamos das viagens modernas (pré-turísticas), suas características, personagens e suas relações com Foz do Iguaçu. Ainda estudamos, *grosso modo*, as interpretações do meio acadêmico sobre essas viagens. Quanto ao turismo em Foz, ele é pensado antes e depois da sua concretude, alargando a análise até o reconhecimento da UNESCO na região das últimas décadas. Neste item problematizamos tal abordagem, assim como o termo “Terra das Cataratas” a partir da sociologia e da sociologia do turismo. É desde essa posição disciplinar que analisamos os impactos do turismo em Foz do Iguaçu.

2.2.1 As viagens e Foz de Iguaçu

Existe uma separação entre o turismo e as viagens, para isso nos apoiamos no estudo realizado por Jean-Didier Urbain - *Sémiotiques comparées du touriste et du voyageur* e no livro: *L'idiot du voyage: histoires de touristes* (URBAIN, 1986, 1989). A partir de uma postura crítica o sociólogo francês conceitua os termos turismo e viagem, sobre uma

⁵⁷ O comércio liga-se a trajetória histórica da fronteira como lugar de circulação de mercadorias (de maneira legal e ilegal) e principalmente ao ajuste burocrático pela flexibilização comercial existente nas fronteiras. A pobreza estaria representada pelo abandono das populações historicamente afetadas pelas políticas e planificação territorial e econômica na região. A riqueza representada pelas elites que obtém vantagens na acumulação econômica pelas políticas de planificação econômica e setorial em oposição aos trabalhadores assalariados, precarizados e superexplorados. O multiculturalismo é demarcado pela presença de mais de setenta e duas etnias na região da fronteira trinacional. O preconceito pelos choques culturais e pela xenofobia direcionada a estrangeiros. E por fim, um debate bipolar sobre a cidade que configura-se como marcadamente de interior, mas projetada ao mundo como metrópole em expansão.

interpretação semiótica para explicar a criação de ambas palavras e o momento em que passaram a ser distintas (URBAIN 1986 apud FIGUEIREDO & RUSCHMANN, 2008). Segundo esse sociólogo, o turismo torna-se um signo da sociedade moderna e uma expressão da condição de vida dos sujeitos da modernidade, como reconhece Silvio L. Figueiredo e Doris Von Ruschmann. Outro subsídio para melhor discernimento entre a viagem moderna e a viagem turística encontramos em Marc Boyer. Ele identifica viagens, de tipo turísticas, a partir da “Revolução Turística”, melhor definidas ao longo do século XIX europeu (BOYER, 2003). Assim, podemos separar o turismo de outros tipos de viagens como às migrações e a própria mobilidade sazonal na sociedade moderna.

As viagens internacionais foram intensificadas quando as grandes navegações transoceânicas tornaram-se capazes de ressignificar o fascínio europeu com as riquezas do Oriente” e também, despertar o interesses pelos mistérios e incertezas proporcionadas pela invenção do Novo Mundo (NETTO & TRIGO 2016; FIGUEIREDO & RUSCHMANN 2008). Para o propósito deste item, não convém discorrer sobre as “maravilhas” e as atrações existentes no Oriente, ainda que a invenção do “ser” e da “cultura” oriental, seja relevante para definir nossa condição ou, “vocaçãõ” latino-americana⁵⁸. Assim o esforço de compreender a América e sua ligação com o imaginário das viagens modernas, remonta a uma longa lista de artistas, naturalistas que através de seus relatos de viagem, forneceram um importante registro da história e momento em que a cultura européia inventou o “Novo Continente”.

Por este argumento, interpretamos que os relatos de viagem mais do que um simples gênero literário, são também, textos científicos, políticos, econômicos e morais que representam boa parte das fontes primárias sobre o período da invasão colonial, do colonialismo e imperialismo (FIGUEIREDO e RUSCHMANN, 2008). Neles podemos encontrar instrumentos de análise do conteúdo dos mitos de fundação da América (senso CHAUI, 2001), de maneira que vale citar alguns dos personagens ligados a história da região da fronteira trinacional onde está localizada a cidade de Foz do Iguaçu. Dentre eles podemos mencionar Aleixo Garcia, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, Ulrich Schmidel, Hans Staden e Martim Afonso que nos permite realizar análise de fatos e mitos envolvendo as

⁵⁸ Tal esforço apenas alongaria nossa argumentação. Para tanto recomendamos autores como Edward Said (1979) e Homi Bhabha (1997) que fornecem argumentos para uma melhor compreensão do Oriente como uma invenção do Ocidente.

transformações na ocupação do continente. Ainda sim podem ser denominados como viajantes/conquistadores.

Outros nomes como o de Auguste Saint-Hilaire, Moisés Bertoni, Rafael Barret e Juan Ambrosetti, apareceram em nossa pesquisa como personagens mais modernos, digamos, que também fazem parte de uma longa lista de viajantes que se relacionam através de seus relatos com a região da atual Fronteira Trinacional. Podemos por eles, interpretar os sentidos e discurso contido no relato de viagem, mas também servem de maneira importante, para reconstituição dos imaginários das viagens modernas ao tempo como discursos que fazem parte das genealogias do turismo contemporâneo. Assim em conjunto interpretamos os relatos e narrativas de viagens à luz de Walter Benjamin, já que estes assumiram em seu momento o papel de “conselheiros” ao narrar algo pela própria experiência (BENJAMIN, 2008). Esta disposição advém da postura dos especialistas Karen Caplan e James Clifford, pois ambos fornecem subsídios teóricos para serem interpretadas transformações das viagens modernas como balizas para interpretar aquilo que é o desenvolvimento e elaboração do pensamento científico nas ciências sociais e humanas (CLIFFORD, 1997).

A leitura de relatos de viagens, passa portanto pela experiência pessoal do narrador e é através deles que pode-se observar alguns dos choques e conflitos culturais, bem como as associações e trocas simbólicas ou materiais decorrentes do contato entre viajantes e o local visitado. As viagens modernas têm um elemento distintivo ao turismo, pois ao turismo, está previsto um deslocamento temporário, traduzido em uma viagem de curta duração que se organiza tendo em vista o retorno ao local de origem. Algo que não observamos nos relatos de viagens já que as circunstâncias e motivações afastam estas viagens do modelo de tipificação do turismo.

Por outro ponto de vista, podemos reconhecer pelos turismólogos Panosso Netto e Luiz Trigo que:

O imaginário sobre a América Latina começou a ser construído de forma dúbia, visto ter sido baseado nas confrontações humanas ante o desconhecido dos olhares europeus da época das grandes navegações do século XVI. Além da moral sexual relaxada, havia também as liberalidades econômicas, políticas e uma *lacuna cultural* pelas raízes étnicas e culturais das colônias tratadas como de exploração, em contraposição às colônias de povoamento da América do Norte. Tudo isso em uma natureza hostil e exuberante (NETTO e TRIGO 2016, p. 16).

Sabemos que os jesuítas foram os primeiros interessados em divulgar os

relatos das Missões (DE MELLO 2019). Por eles, os missionários e religiosos, sustentamos que a “descoberta” dos europeus pelos nativos americanos não ocorreu sem danos e desenvolveu-se em torno de uma série de enredos que engloba o imaginário de viagem no Ocidente⁵⁹. A “lacuna cultural” referida por Panosso e Trigo, preenchida segundo os autores - parcial e sectariamente - pelas missões dos jesuítas, franciscanos, dominicanos além de outros religiosos que trouxeram a cruz de Cristo, ao lado das espadas dos conquistadores europeus (NETTO e TRIGO, 2016 p. 16); revelam que nascimento da América para Europa foi como um parto por imagens e através livros com ilustrações ampliaram a imaginação sobre as terras descobertas⁶⁰. Este argumento é importante, pois como vimos anteriormente o turismo é uma atividade, também uma invenção, orientada pela visualidade e estética cultural.

Somente no início do século XVII foram reunidas informações sobre América através dos relatórios das viagens da conquista. Eles foram ressaltados por Figueiredo e Ruschmann como marcos documentais e um patrimônio para o Velho e Novo Mundo (FIGUEIREDO e VAN DE M. RUSCHMANN 2004[2008]). É nesse sentido que Panosso Netto e Luiz Trigo (2016) nos leva a reconhecer nas cartas de Cristóvão Colombo, Américo Vespúcio e Pero Vaz Caminha, além dos relatos de Aleixo Garcia (1512) Cabeza de Vaca (1542) Juan Fernández Ladrillero (1557) e do alemão Hans Staden (1554), como textos fundadores da literatura de viagem(s) relacionada ao continente⁶¹.

⁵⁹ Segundo Figueiredo e Ruschmann (2008, p. 159) “Todorov (2003) reconhece que a chegada de Colombo à América representou o encontro mais surpreendente de nossa história”. Por isso a América, mais que a Ásia e África, apresentou povos e culturas completamente desconhecidas dos europeus, sua descoberta representou o verdadeiro encontro com a diferença, diferença que não foi respeitada. A ideia do Éden bíblico, os mitos pagãos que falavam de terras e ilhas fantásticas, as maravilhas dos oceanos ignotos e o mito do Eldorado, entre outros, alimentou o imaginário da Europa durante séculos.

⁶⁰ Dentre os quais destaca André Thevet e intitulados *Les singularitez de la France Antarctique* (1557) e *La cosmographie universelle* (1575). “As ilustrações de Cesarianas, para o livro *De Architectura* (1521), de Vitruvius, e outros, como Jean de Lery, Theodore de Bry e Assuerus de Londerzeel. Thevet acompanhou a expedição de Villegagnon (1555) a região do Rio de Janeiro, no intuito de fundar a *França Antártica*, projeto que soçobrou diante da resistência portuguesa. Porém, deixou ilustrações e comentários sobre as coisas *estranhas, extraordinárias e exóticas* do novo mundo que era descortinado aos europeus. Animais, plantas, indígenas e paisagens formam um imaginário fantástico que retrata um paraíso dubio, desconhecido, instigante e fascinante”. Apesar de retratar em regiões que hoje formam o Brasil, essas ilustrações tomavam a parte pelo todo (TRIGO & NETTO, 2016).

⁶¹ Para os autores, dentre historiadores e teóricos da ocupação espanhola da América (MAHN-LOT, 1996; ROULET, 2000; TODOROV, 2003), destacam-se os relatos de Jules Verne. Jules Verne (1998 [1870]) escreveu uma obra no mínimo interessante. Os conquistadores descrevem as ações de Cortez e Pizarro sempre dando margem a uma dúbia interpretação: sem poder deixar de tratá-los como heróis, não deixa de reconhecer os exageros de sua conquista. Os autores ainda ressaltam que estes textos caracterizam-se pelo realismo e revelam ao mesmo tempo “viajantes intrépidos, corajosos e descobridores que não tiveram receio de entrar em contato com os nativos, proeza de herói que contribuiu para reforçar alguns mitos da época”.

Segundo Mary L. Pratt os cronistas associados ao descobrimento foram os responsáveis por narrar uma natureza em ação, dotada de forças vitais. Muitas das quais eram invisíveis aos olhos humanos o diminuindo diante da idéia de uma natureza selvagem que o domina despertando suas paixões e desafiando seus poderes de percepção (PRATT apud NETTO e TRIGO 2016)⁶².

Segundo Figueiredo e Ruschmann (2008) as viagens realizadas por naturalistas são aquelas que vão reconciliar a crônica com a aventura fazendo que ciência ocupe o lugar da produção das novas aventuras dos viajantes com destino para América⁶³. Foi assim que os relatos de Alexandre Von Humboldt e Aimé Bonpland, tornaram-se capazes de reinventar a América do Sul sobretudo como natureza que renderam elogios até de Simón Bolívar. Seus livros *Views of Nature* (1808) e *Views of the cordilleras and monuments of the indigenous people of América* (1810), projetaram uma natureza impressionante, extraordinária como de um espetáculo capaz de superar a compreensão e o conhecimento humano (TRIGO e NETTO, p. 22). Com isso destacamos que os naturalistas estiveram ligados à formação do campo da Botânica, Antropologia, Arqueologia e Geografia, e dos quais podemos destacar brevemente a contribuição de Aimé Bonpland como precursor dos estudos sobre a *Ilex Paraguariensis* (erva-mate).

Por meio destes relatos de viagens podemos ampliar os significados sobre a produção simbólica das paisagens turísticas na América Latina. Os relatos de viagens produziram informações úteis para os projetos de dominação colonial e cultural, pois ao inventariar as riquezas existentes nas colônias como fontes documentais e históricas (PAULINO 2016). Fato é que junto dos primeiros conquistadores da Europa, apoiado nas reflexões de Henrique S. Carneiro para interpretar que o múltiplo imaginário das viagens modernas e a história das viagens tem como fonte primordial os relatos fornecidos pelos viajantes (CARNEIRO, 2001). Com isso tiveram, em seu tempo, um papel importante na descrição da paisagem cultural e nas transformações decorrentes de seus sentidos e

⁶² Estes relatos de viagem mais científicos fazem parte de uma literatura encampada por desbravadores e aventureiros na composição da nova ciência, a Geografia (FIGUEIREDO e RUSCHMANN, 2008).

⁶³Dentre os nomes destacados estão: “John Cook, Tasman, Galeon Manila, Bering, Carteret, Bougainville e muitos outros começaram a se aventurar pelo mundo Estudo genealógico das viagens, viajantes e turistas 163” (Price, 1985; Cook, 1985; Bougainville, 2000 apud. IBID.ibid., p. 161), além de “Lewis e Clark responsáveis por expandir a fronteira dos Estados Unidos para o Oeste”. James Cook é um exemplo desses aventureiros que fizeram de suas viagens o protótipo da viagem de exploração e de aventura ao mesmo tempo.

significados para o conhecimento humano.

Exemplo é o caso do botânico e naturalista Auguste Saint-Hilaire (1820-1835) que ao realizar diversas viagens pela então Comarca de Curitiba (atual estado do Paraná e então Província de São Paulo), também na Província de Misiones (Argentina) e Alto Paraná (Paraguai), seus escritos forneceram e fornecem ainda hoje, informações valiosas sobre a geografia e geopolítica desta porção meridional do Cone Sul. Além disso, Saint Hilaire também registrou e catalogou a distribuição da *Ilex-Paraguariensis* (usualmente chamada “erva-mate” ou, “congonha”) e este produto, como destacado no subitem anterior, é e foi, um produto econômico importante para as relações comerciais e interculturais na região das Missões Jesuítica-Guarani, na economia paranaense, catarinense, paraguaia e argentina⁶⁴.

Ainda no século XIX, mais para a segunda metade, outro viajante que se estabeleceu na região foi Moisés Santiago Bertoni (1857-1929) e suas viagens e relatos sobre Misiones na Argentina e Alto Paraná, no Paraguai, deixaram como legado uma notória coleção e acervo científico que encontra-se atualmente no “Museo Moisés Bertoni”. O acervo foi declarado como "Patrimônio Cultural do Paraguai" em 1955 e como “Monumento Científico y Natural Nacional Moisés Bertoni”, 1991⁶⁵. No complexo museal e a “*Reserva Natural del Bosque Mbaracayú*” encontramos artefatos e documentos de alto valor cultural para a região. Podemos destacar que o trabalho desenvolvido no campo na etnobotânica e junto a grupos culturais guarani, fazem que a coleção museal extrapole a dimensão disciplinar, ganhando notoriedade também como recurso e atrativo turístico nesta cidade vizinha à Foz do Iguaçu. Por isso fazem parte não só do patrimônio natural, cultural e literário na fronteira, mas também o patrimônio turístico trinacional que engloba a cidade de Presidente Franco no Paraguai.

Identificamos na pesquisa bibliográfica sobre a história do turismo,

⁶⁴ Chama-nos com isso atenção, o fato de haver sido Saint-Hilaire que constatou existir uma imprecisão quanto aos limites internacionais na região tri-fronteiriça. Um elemento interessante para telegrafar no curso da história os conflitos e litígios existentes na região da atual Fronteira Trinacional. Além disso, Saint Hilaire foi responsável por registrar boa parte dos recursos econômicos na Bacia do Paraná, abrindo caminho para futuras incursões por recursos na região. Além disso fornece apontamentos antropológicos sobre a economia da erva-mate e o cotidiano social, fornecendo um interessante relato sobre os diferentes modos no consumo e fabrico da erva em cada localidade destas regiões visitadas.

⁶⁵ Após a criação da Fundação Moisés Bertoni (1988) foi criada a área do Bosque Mbaracayú (1991) com a promulgação da Lei nº 112/91. Esta área foi ampliada incluindo algumas reservas indígenas, posteriormente foi declarada como "Reserva da Biosfera" pela UNESCO no ano de 2000.

inclusive relacionada a Foz do Iguaçu, que alguns desses personagens históricos são associados ao surgimento do turismo como uma proto-genealogia do turismo. Aquilo que foi construído todos esses anos na literatura, artes e ciência, torna-se preponderante para os estudos sobre o turismo. Ainda mais quando personagens históricos passam a estar associados aos recursos e produtos culturais na região, tal como reconheceram Figueiredo e Ruschmann, é importante que se faça a reconstrução destas narrativas por meio da análise criteriosa e científica. Estes relatos e textos documentais de fundação da literatura sobre o local, servem sobretudo, para interpretação do processo no qual ocorre às associações entre as viagens alheias ao turismo, com o próprio discurso e atividade do turismo (FIGUEIREDO e RUSCHMANN, 2008)⁶⁶.

Ainda sobre os personagens associados às viagens encontramos aquele que Ángel Rama reconheceu como um fundador do gênero literário latino-americano, Rafael Barrett (1876 - 1910). Seus trabalhos, publicados no início do século XX, assumiram a fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai como local para relatar e denunciar a exploração econômica em textos como: *Lo que son los yerbales* (1908)⁶⁷. Rafael Barrett foi possivelmente, um dos primeiros cronistas a utilizar métodos de descrição e análise mais interpretação da cultura material e linguística da Fronteira Trinacional. Este escritor, vem chamando atenção de pesquisadores como Corral (2002), Drozdowicz (2010), Mendoza (2011), Brítez (2014), Herrig (2016) e Castells (2018). Além destes, antes houveram pesquisadores interessados como o escritor paraguaio, Augusto Roa Bastos, no prefácio do livro “El Dolor Paraguayo” o define o conquistador da realidade social e um dos poucos interessados em critérios mais científicos para a análise do bilingüismo existente no Paraguai.⁶⁸ Outro fato interessante é que os textos de Barrett tiveram um alcance transnacional da comportando-se como um anarquista no coração da América do Sul (HERRIG 2016), dada

⁶⁶De forma que as mesmas associações não podem ser encontradas no âmbito do conhecimento científico e reflexivo, segundo Doris Van, as principais opções teóricas na interpretação dos dados são provenientes das discussões sobre viagem, viajante, turismo e turista, encontradas em autores que trataram o tema, ainda que rapidamente. Há mais de 150 anos, Stendhal publicou um relato de viagem intitulado *Mémoires d'un touriste*. Provavelmente seu autor não sabia que uma palavra que empregava seria um dia tão importante no mundo moderno e pós-moderno: turista.

⁶⁷ Ángel Rama reconhece Rafael Barrett e seus textos junto de nomes como do cubano José Martí no ensaio “Nuestra América” (1891), José Enrique Rodó (1900), o peruano Carlos Mariátegui em “Sete ensaios sobre la realidad peruana” (1928), Octávio Paz (1950), como fundadores do gênero literário latino-americano.

⁶⁸Roa Bastos sustentou que la obra barretiana “puede aportar elementos valiosos y nuevos en la correlación de sus estructuras con las de una realidad social, en el diseño de sus correlaciones significativas (...). La doble vertiente sociológica y literaria de estos textos – parte de outros abordajes posibles y también deseables.

sua ligação com a literatura de denúncia e orientada pela luta contra exploração e injustiça social. Por isso reconhecemos nesse escritor, textos que estão para além de meros relatos de um viajante, mas também fontes sobre a exploração econômica dos recursos e trabalho como crítica para com os ervais - as plantações de erva mate⁶⁹.

Além dos personagens já citados, existem outros que enquanto viajantes são comumente associado a literaturas sobre o turismo local como relacionados ao turismo, entretanto, os relatos ainda que mais contemporâneo, tampouco qualifica sua presença como viagem turística. Dentre eles, enumeramos: A. Cândido de Abreu Muricy, Assis Delarmano, Jayme Ballão, José de Lima Figueiredo, José M^a de Brito, A. Martins Franco, César Pietro Martinez, Domingos Nascimento, Júlio Nogueira e M. de A. da Silveira Neto. Em comum podemos definir que eles foram políticos, pesquisadores, burocratas, retratistas, aventureiros que estão associados com as viagens para à terra do mate, ao Alto Paraná, para o sertão do extremo oeste paranaense, pelas selvas e rios do Paraná conforme foram adjetivados seus relatos.

Chama atenção o pesquisador e antropólogo Juan B. Ambrosetti retratou aspectos centrais da realidade política da fronteira no final do século XIX, incluindo à antiga Colônia Militar de Foz do Iguaçu (AMBROSETTI, 1892; 1894; 1895). Dentre estes aspectos chama atenção sua análise quanto ao avanço brasileiro na fronteira entre o Brasil e Argentina, como efeito do Tratado de Palmas (1895) (ARANHA 2014). Outro aspecto a se destacar, após sua visita na área das cataratas, sustentou que não existiam equipamentos ou estruturas ligadas ao estado argentino, recomendando (cumprindo seu papel como conselheiro) ações políticas para ocupar a região. Algo que coincide com as políticas de ocupação e povoamento na região da fronteira. Outros nomes, como de Florencio de Basaldúa (1901) são destacados por Aranha (2014), junto de: “Manuel Bernárdez (1901), Carlos Burmeister (1899), Rafael Hernández (1887), Ramón Lista (1883), Francisco Manzi (1910), Alejo Peyret (1881), Santiago Pusso (1912)”. Todos estes ganham destaque em estudos comparativos que versam sobre os choques de narrativas ocasionados pela produção literária na fronteira.

Por sua vez, a foi a iconografia que registrou a paisagem das cataratas logo

⁶⁹ Assim, eles revelam elementos de uma literatura de comarca transnacional e fundadora da literatura transnacional (como marca latino-americana) no Cone Sul, como definiriam os autores citados acima e nos leva a interpretar Ángel Rama (RAMA, 1979 e 1985).

no começo do século passado e citamos apenas o emblemático caso de Lange de Morretes, especificamente seu quadro “Cataratas do Iguazu”, de 1920 (IMAGEM 15). Outro exemplo e, também de 1920, é o quadro de Antônio Parreiras e o qual descartamos por retratar as cataratas desde uma perspectiva mítica, imaginária e alegórica associando-a com a figura de Tarobá alinhada com a imagem do indígena Kaingang. De maneira relacional, pode-se ler as cataratas e quedas d’água retratadas por este dois artistas do começo do século XX, como uma antecipação da narrativa heróica na constituição do patrimônio nacional na fronteira e pelo qual os mitos, aventuras e narrativas impactam na percepção do espaço visitado com registro (IMAGEM 15).

IMAGEM 15 - Cataratas do Iguazu - Lange de Morretes



Fonte : MORRETES (1920), Clube Curitibano.

IMAGEM 16 - Alegoria mítica das Cataratas



Fonte: Antônio Parreiras (1920), Acervo Itaú Cultural.

Ao considerar os viajantes que atuaram como paisagistas, retratistas e fotógrafos, sustentamos que estes atuaram como agentes determinantes em difundir as imagens sobre as Cataratas do Iguaçu. Por isso, personagens decisivos na etapa pré-turística das viagens às Foz do Iguaçu e nas Cataratas. Podem ser assim considerados, também, personagens fundamentais na constituição do olhar turista, no sentido como foi caracterizado pelo sociólogo John Urry (2001).

Outra dimensão interessante a ser levada em consideração é o papel do cinema na promoção da imagem das cataratas. Destacamos sobretudo, os filmes: “Pelo Paraná Maior” (1920) que está registrado no Arquivo Público do Paraná e, “Yguaçú” (1948), ambos de Vladimir Kozák (BACK 1968; ALVETTI 1988; BENETTI s/d e 2016; MARANHÃO 2006; PARELLADA 2014 e 2019; MAIER e YAMAMOTO 2019)⁷⁰. Destacamos para tanto, o “Yguaçú” de Vladimir Kozák, bem como as “Cataratas do Iguaçu” de Lange de Morretes, dados que ambos são uma referência na formação da cultura visual paranaense, sendo um importante caminho para interpretar alguns dos desdobramentos quanto ao projeto turístico na região das cataratas.

Com base nesse apanhado de relatos, a imagem turística de Foz do Iguaçu está ligada aos registros e imagens das Cataratas do Iguaçu, tem sido mistificada. Isto é, relatada com ênfase em determinados elementos verossímeis e fundacionais, mas em contextos históricos que se dão antes mesmo da existência do turismo enquanto prática organizada no mundo, quanto mais na região e como veremos adiante. Esse assunto foi abordado pela historiadora Aparecida Darc de Souza (2009) e como defende a historiadora, Foz do Iguaçu é apresentada ao longo de sua história contada e narrada pelos textos literários como sendo um local livre de conflitos, como uma “cidade inventada” pela elite letrada ou pelos interesses econômicos ligados à elite local.

Com base nos fundamentos fornecidos pela autora, a “cidade letrada” dita nos termos de Ángel Rama, teria sido capaz, de invisibilizar os tensionamentos culturais que envolvem a relação sempre conflitante entre os “inseridos” (i.e., a comunidade iguaçuense tradicional) e aqueles que são vistos como “outsiders” ou, não-sujeitos da história segundo a

⁷⁰ Ainda que não caiba discorrer longamente sobre o projeto filmico realizado por Vladimir Kozák, é importante reconhecer que seu registro faz parte do acervo do Museu Paranaense, ganhando ainda mais notoriedade entre pesquisadores pelo registro arqueológico e antropológico documentado pelo cineasta. Para um maior aprofundamento sobre o trabalho de Kozák consultar os trabalhos de M^a Fernanda Maranhão e de Inês Parellada.

autora (SOUZA 2009; SILVA, 2014).

Escritores locais como Otilia Schimmelpfeng (1970) e Saulo Martins Brasil, através da revista “Memória de Foz do Iguaçu” (1982 - 1983) teriam sido os responsáveis pela construção da “memória da cidade”, apoiando suas narrativas literárias nos registros produzidos por viajantes. Somam-se a tal interpretação, livros que foram publicados pela Fundação Cultural de Foz do Iguaçu. O relato da história local realmente faz acreditar que os viajantes tornaram-se responsáveis por produzir a imagem da cidade turística na fronteira. Porém existe um abismo entre esta façanha e considerar alguns desses personagens como mentores e até mesmo idealizadores da realidade turísticas na região. Outros livros também de cunho memorialístico, foram escritos por jornalistas como José Maria de Brito, João Pugsley Grahl e Alessandra Juliano (2005) e Perci Lima (2001) e (2010). Em conjunto, estes autores pretenderam constituir uma explicação originária sobre o turismo na cidade, e terminam moldando a visão de um local destinado a existir como um centro turístico, uma espécie de protogênese do local orientada por uma protomemória literária.

Entretanto, ressaltamos, os viajantes assim destacados como heróis do turismo local, contam através de seus relatos uma realidade que não deve ser confundida com a história local ou regional, e principalmente com o turismo. Ambas disposições são generalizações gritantes e irrelevantes para uma análise concreta para o turismo local, senão identificar as narrativas no imaginário do turismo da região e por contrabando nas fronteiras do pensamento científico (BOURDIEU, 2017). Entretanto, este é um problema que com frequência está sendo identificado e estudado por turismólogos, sociólogos e historiadores.

2.2.2 Vocação e Concretude

Neste subitem analisamos as manifestações narrativas e literárias sobre o turismo em Foz do Iguaçu, com especial atenção seus usos por escritores locais identificados com a construção da memória histórica e social da cidade na fronteira. Identificamos por elas uma expressão mais concreta do turismo de maneira a destacar as através da constante alteração do sentido e significação da paisagem natural e cultural para região. Nossa análise não se limita aos usos da memória como instrumento de enunciação da “vocação turística”, mas também valoriza esta contribuição para descrever o modo como turismo local pode ser identificado para além de uma mera vocação econômica ao apontar para um marco conceito

que torna-se central para encerrar o trabalho: a concretude do turismo na Terra das Cataratas.

Apoiados pela tese da historiadora Aparecida Darc de Souza e o trabalho do geógrafo, Everaldo Batista da Costa (2010, 2014 e 2016); assumimos a ideia de “vocação” e “concretude” para uma melhor conceitualização do turismo local. Identificamos que existe um diálogo/ponte entre a construção da narrativa histórica e econômica da região com os elementos constitutivos do espaço e território do turismo internacional. A noção de vocação está balizada pelos relatos de viagens constituídos durante as viagens pré-turísticas na região como destacamos no subitem anterior e assenta-se na própria realidade do turismo como elemento destacável na configuração simbólica da cidade de Foz do Iguaçu.

A vocação turística da cidade ganha evidência por estudos históricos em relação à constituição política e econômica da região. Reconhecemos nos usos das Cataratas do Iguaçu, um instrumento ideológico que modelou e permitiu a organização desta narrativa literária. Narrativa esta, que está associada a escritores locais que exerceram um papel ativo de defesa da cidade turística na fronteira (SOUZA 2009). Por sua vez, a concretude do turismo definida pelo geógrafo Everaldo Costa (2010) toma como critério de análise, o vínculo existente entre os principais destinos turísticos da América Latina e a constituição do Patrimônio Mundial da Humanidade definido pela UNESCO. Por ambas posições, é possível conciliar os supostos teóricos elencados por ambos autores, e com isso reconhecer que existe uma realidade concreta no turismo em Foz do Iguaçu.

Pode-se afirmar que a memória da cidade foi constituída por grupos letrados ligados à sociedade tradicional iguaçuense (SOUZA, 2009; SILVA, 2010 e 2014). As narrativas literárias, constituída em base as viagens pré-turísticas, têm sido utilizadas para dar sentido ao presente, como dito, por se constituir como um fundamento para a gênese social da cidade. Representantes dessa memória são Otilia Schimmelpfeng (1970) e Saulo Martins Brasil (através da revista “Memória de Foz do Iguaçu” 1982 - 1983). Outros memorialistas fazem parte desta lista como os jornalistas como José Maria de Brito, João Pugsley Grahl e Alessandra Juliano (2005) e Perci Lima (2001, 2010). Observamos uma abordagem comum em seus relatos: a ideia do “colono pioneiro” do período da Colônia Militar. Esta ideia ainda é estendida às primeiras décadas do século XX e expressa uma dupla função para o colono: a da ocupação das terras devolutas e também a de serem mentores e idealizadores do turismo na

região. Tal aspecto contribui para reconhecer o processo em que ocorre a apropriação das narrativas de viagens para incorporação de seu discurso nas ideias econômicas produzidas pelos grupos de interesses ligados ao turismo.

No caso da Otilia Schimmelpfeng (1970)[1991], ela caracteriza que o primeiro hotel da cidade, o Hotel Brasil inaugurado em 1915 e de propriedade da Família Engel, teria sido um primeiro passo na construção da realidade turística. Entretanto, quando tomamos critérios mais científicos para reconhecer a concretude do turismo, observamos que ainda que um hotel exista em uma localidade, tal como reconhece a escritora, apenas a simples existência deste equipamento (que também é turístico mas não se reduz unicamente ao mesmo), não pressupõe ou faz presumir que existiam atividades configuradas como práticas ou atividades turísticas.

Numa interpretação mais semântica, digamos, a palavra hotel, que deriva do latim "hostes", significa, literalmente, invasor ou estranho e assim, sendo rigorosos, hóspedes, (palavra cuja raiz é similar) não são necessariamente turistas, mas viajantes, peregrinos etc. Ainda num olhar um tanto antropológico do turismo, "hóspedes", "hordas hostis" seriam uma espécie de invasores ocidentais contemporâneos das culturas locais. O texto de Otilia Schimmelpfeng é, portanto, um exemplo no modo como os grupos letrados buscam dar sentido à cidade turística na fronteira. O objetivo é fazer com que a elite local exerça poder diante da vocação turística da cidade. Reiteramos deste modo, que os argumentos utilizados por estes memorialistas, não podem ser figurativos enquanto exemplos de uma realidade turística na região. Pontuamos alguns a seguir!

Na época de 1920, quando foi inaugurada a estrada ligando Guarapuava a Foz do Iguaçu, inexistem registros oficiais da chegada de visitantes considerados turistas ou viajantes que viajam a uma localidade para realizar atividades de lazer e em oposição ao cotidiano do trabalho. Na verdade, a maioria das informações e fontes documentais dão conta da chegada dos primeiros imigrantes alemães, italianos e poloneses (DE MARTINS e RUSCHMANN, 2010 apud. LIMA, 2001), além de retratar que para o acesso na região das cataratas faltavam estradas de comunicação e que o transporte de passageiros era feito quase exclusivamente por barcos que trabalhavam na frente de exploração da erva-mate e madeira (DE MARTINS e RUSCHMANN 2010). Com este argumento, sustentamos que o turismo

começa a ser enxergado pelo poder público, apenas após o declínio da economia extrativista que visualizou no recurso paisagístico, um instrumento capaz de oferecer uma alternativa para economia local dependente das obras de extração de erva-mate e madeira apenas no fim da década de 1930.

Neste período, Ozório do Rosário Corrêa apresentou um plano ao governo federal que visava elevar Foz do Iguaçu a um centro turístico internacional (SOUZA, 2009, p. 39). Em uma interpretação possível, este momento é identificado como aquele em que a geografia acidentada do terreno das Cataratas, passou de um obstáculo ao espetáculo de exaltação da paisagem e também um símbolo nacional, subordinada ao processo de patrimonialização da paisagem” (PIMENTEL 2010). Observamos também em nossa pesquisa que melhorias na infraestrutura do sistema viário e sistema aéreo com a inauguração do aeroporto no ano de 1936, alinhados ao projeto de construção do Hotel Cassino Iguassu (1938 - 1939) sobre o comando e gerência da Cia. Nacional S/A do Rio de Janeiro (DE MARTINS e RUSCHMANN 2010), torna-se possível reconhecer que embora numerosas, as viagens realizadas para a região de Foz do Iguaçu, anteriores ao período do pós II Guerra, são apenas uma clara demonstração de atividades pré-turísticas existentes na cidade e região trinacional.

Podemos assim considerar esta, como sendo uma etapa de preparação da realidade turística que tornou-se concreta, apenas na entrada do século XXI. Ao certo, este argumento não diminui a importância exercida pelo turismo no desenvolvimento econômico e urbano de Foz do Iguaçu, muito embora, pelo contrário, corrobora, para caracterizar que a narrativa da vocação turística na Terra das Cataratas, nunca foi unanimidade⁷¹. Outro argumento a ser sublinhado, é que sim, existiam viagens organizadas por empresários argentinos oriundos da região de Posadas e Buenos Aires, sendo a visita turística na margem esquerda do rio Iguaçu (margem argentina da fronteira) uma realidade ainda incipiente no início do século XX (PIMENTEL, 2010, p. 92). Entretanto, acreditamos ser oportuno considerar que diferente de revelar o pioneirismo de alguns indivíduos, a prática de

⁷¹ Neste sentido, a tese do professor Cezar Karpinski (2011) fornece elementos valiosos para reconhecer as transformações nos discursos e representações sobre o Rio Iguaçu entre os anos de 1853 - 1969. Para ele há três vertentes que caracterizam o “rio para navegação”, “o rio das cataratas” e “a do rio das hidrelétricas”. As transformações nas narrativas, permite constatar que antes mesmo da região tornar-se uma realidade de ruas e casas, e principalmente, uma realidade concreta movimentada pelo turismo internacional, já estava associado a uma “agenda cultural” composta por diferentes plataformas de defesa de projetos políticos para desenvolvimento territorial de maneira independente ao desenvolvimento do turismo que posteriormente veio a concretizar-se.

visitação orientada por este olhar mais contemplativo, próximo ao olhar do turista de John Urry (2001), estes processos que mesclam-se e confundem-se com outras atividades econômicas, dão evidência que na época existiam poucos equipamentos e a infraestruturas necessárias para o fomento massivo do turismo, de modo que esta prática tão pouco serve para reforçar uma ideia pouco verossímil que sustenta que o turismo nas Cataratas do Iguazu, foi mais decisivo para o desenvolvimento urbano em Puerto Aguirre, atualmente Puerto Iguazú (Argentina).

Outro aspecto a se considerar, é a ausência de práticas e normas institucionalizadas para o turismo que inviabilizam a identificação da estrutura na organização dessas viagens, se são classificáveis como sendo propriamente de tipo turísticas. Assim mesmo quando olhamos para os dois lados da fronteira das Cataratas, pensando em termos de integração, cooperação e interdependência na constituição dos equipamentos turísticos na Fronteira Trinacional, o turismo, como fenômeno social concreto só pode ser observado no através de um conjunto de estruturas que denotam um processo de planificação (planejamento) e organização estratégica em diferentes níveis do setor público e privado (BOULLÓN 1985)[1991]; BARRETTO 1991). Resgatamos esses argumentos para dar continuidade a nossa análise e assim, definir que os usos das cachoeiras e cataratas, são balizas para reconhecer os motivos pelo qual as Cataratas do Niágara na fronteira entre Canadá e EUA, eram um dos principais destinos turísticos na América, ainda no século XIX (HUDSON 1998) enquanto as Cataratas do Iguazu pouco ou nada conhecida pelas elites européias.

Se é verdade que em outra geografia, a mais de um século as Cataratas do Iguazu não poderiam ser consideradas verdadeiramente um destino turístico, os Parques Naturais existentes na fronteira, o Parque Nacional do Iguazu e o Parque Nacional Del Iguazú, são equipamentos determinantes para a análise da constituição do turismo na Terra das Cataratas e como definiremos adiante. Os parques naturais atuam como verdadeiros dispositivos técnicos que reivindicaram e conquistaram uma territorialidade duvidosa até os primeiros anos do século XX (CURY e FRAGA 2003). Assim observamos na instituição política de um parque na região quando:

(...) as Cataratas do Iguazu chamaram atenção dos primeiros visitantes (personagens na “pré-história do turismo”), como o engenheiro André Rebouças e Santos Dumont que defenderam abertamente a institucionalização de um parque

natural na região. Alberto Santos Dumont, visitou em 1916, e intercedeu junto ao presidente do Estado do Paraná, Affonso Alves de Camargo, para que o local fosse desapropriado tornando público o recurso natural pelo decreto de n. 653, que retomou a propriedade de Jesus Val, cedido pelo Ministério da Guerra ao empresário argentino (CURY e FRAGA 2003).

Identificamos neste momento o primeiro passo na idealização para planificação territorial e setorial do turismo mediante o uso da paisagem natural e o espetáculo cênico das Cataratas. André Rebouças, por exemplo, conheceu os Saltos de Guairá em 1876, e desde lá sustentou ser necessário elaborar um plano de desenvolvimento do turismo na fronteira. Entretanto estes planos não aconteceram. Ainda sim, podemos reconhecer que após a instalação de uma estrada de ferro no estado do Paraná, representada pela ferrovia que liga o Planalto de Curitiba ao litoral paranaense, o turismo passou a simbolizar alguns dos sonhos e pretensões de um futuro moderno para a região Oeste do estado.

O feito alimentou o imaginário da elite paranaense ao ponto de serem projetados mapas visando este futuro de modernidade e desenvolvimento. O exemplo mais cabal que utilizamos (IMAGEM 17), está contido no “O Mapa das Utopias” de 1919”. Chamamos atenção para tanto, aos ramais ferroviários que foram pensados também para favorecer turismo, com referência aos Saltos de Guairá e Foz do Iguaçu.

IMAGEM 17 -Mapa Estado do Paraná - “Mapa das Utopias” (1919)



Fonte: ITCG, (1919)

Segundo o website do Instituto de Terras, Cartografia e Geologia do Paraná

(ITCG) e local onde encontramos o referido mapa durante as pesquisas:

Em 1924, o historiador Romário Martins, tomando conhecimento da realidade econômica e humana da região, conclui que o maior problema do Paraná era a integração do seu território. Esclareceu que antes andavam pleiteando e sonhando com ferrovias trans-paranaenses, que ligassem o mar oceano ao mar fluvial. Eram futurismos poéticos e generosos (ITCG s/d).

Os "futurismos" poéticos e generosos assim representados por Romário Martins, são evidências da inexistência de práticas do tipo turísticas na região das Cataratas do Iguaçu. Outro argumento corrobora para essa interpretação, pois mesmo quando observamos os interesses do Império do Brasil e Primeira República (antes de 1930), Foz do Iguaçu, era tratada apenas como uma questão de aduana e local visto como instrumento de controle e defesa nacional (SOUZA 2009).

Encontramos também em nossa pesquisa, fontes oficiais produzidas na época tal como: o documentário “Pelo Paraná Maior” (1918). Nele destaca-se o desejo de modernização da economia paranaense. O documentário, considerado uma peça de propaganda, faz referência direta às Cataratas do Iguaçu, entretanto e por sinal da não unanimidade quanto ao discurso no entorno do turismo, as mesmas são apresentadas com um recurso natural útil para proposição de um projeto para exploração de seu potencial energético. Ou seja, um local visto como sendo próprio ou com condições apropriadas para desenvolver um projeto hidrelétrico⁷².

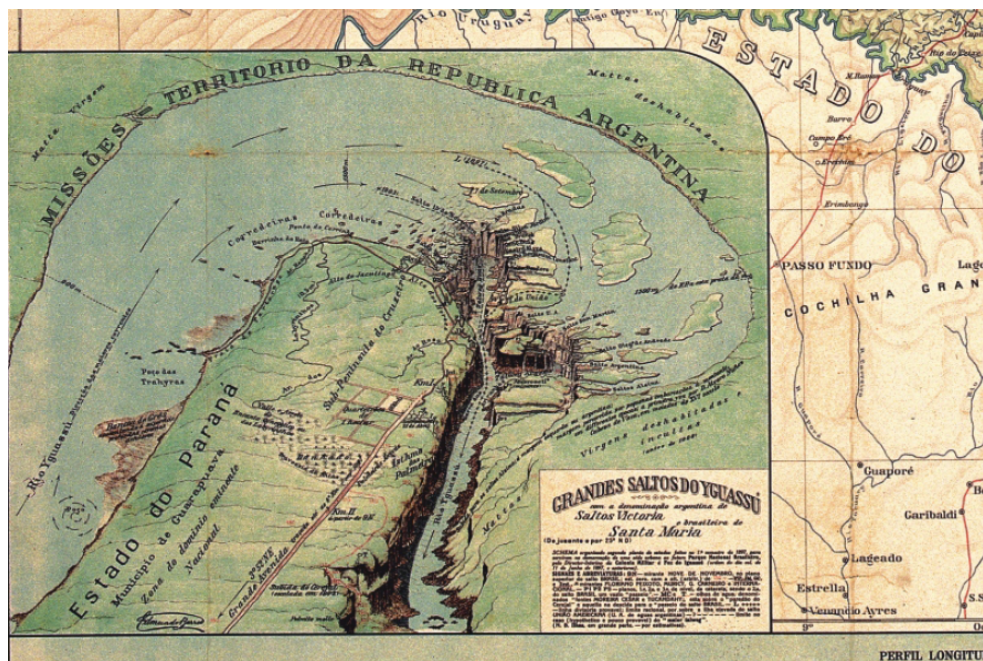
Um ano mais tarde, a posição de desenvolver um projeto hidrelétrico é reforçada pelo jornalista e historiador paranaense Romário Martins (1874 - 1948), - o mesmo que tratou o turismo realizado através de ferrovias como futurismo generosos-, produziu o mapa intitulado “Mapa do Estado do Paraná” de 1919 (IMAGEM 18). Nele, o historiador e jornalista, cartógrafo por ocasião, incluiu as Cataratas do Iguaçu, literalmente na cartografia oficial paranaense. Algo inédito, mas que justamente ocorre como uma forma de reforçar o potencial hidrelétrico nas Cataratas do Iguaçu, como um modelo de desenvolvimento concreto

⁷² Produzido na década de 20, lançado em 1928, o filme pelo Paraná Maior traz diversas cenas do cotidiano e da geografia do Paraná. Ele foi dividido em 8 partes a fim de facilitar a visualização. O som incluído não encontra-se no original. Na parte 8) “Iguaçu”. Aspectos hidrográficos do rio Paraná. Quedas do Iguaçu (Cataratas do Iguaçu). Salto “General Belgrano”. Salto “Lanusse”. Salto “San Martin”. Salto “Floriano”. Alegoria ao potencial hidrelétrico do Paraná (PARANÁ,s/d). acessado em: <http://www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=128>

e viável para a época e visualizado com bons olhos pela elite paraense para a região⁷³. De acordo com o ITCG :

“Trata-se de um dos mais bem cuidados mapas produzidos até então, de bela apresentação e com muitos detalhes. Além do perfil do relevo paranaense, da planta das baías de Paranaguá e Antonina, o destaque inédito dos “Grandes Saltos do Yguassú” é muito esclarecedor, tendo certamente causado bons efeitos à época para melhor se entender a localização das cataratas”.

IMAGEM 18 - Fragmento do Mappa do Estado do Paraná (1919)



Fonte: MARTINS, Romário, 1919.

Visando compreender esta dinâmica é que reconhecemos que muitas das cataratas espalhadas pelo mundo, foram enxergadas primeiramente pelos planos econômicos, como próprias para um projeto hidrelétrico. No entanto, foram as tomadas de decisão política, em muitos casos destinadas a preservar as quedas como recurso cênico para o mercado turístico, tornaram-se gradativamente capazes de estimular o desenvolvimento local enquanto atração principal (JAMPRESS, 1989 apud. HUDSON, 1998).

Tal constatação se aplica às três principais cataratas que foram anteriormente destacadas como sendo lugares e destinos turísticos e que atuam como objeto prioritário do turismo internacional: Niágara (EUA - Canadá), Iguazu (Brasil-Argentina) e Vitória (Zâmbia e Zimbabwe). Podemos com isso afirmar que uma ‘cidade turística’

⁷³ Possivelmente à época esta era uma interpretação que até certo ponto, tinha um realismo e pragmatismo que visava estabelecer o melhor uso dos recursos existentes na fronteira e afastamento dos “futurismo poéticos”

apresenta-se como resultado de ordens e poderes que remetem às técnicas de produção política e econômica do espaço. Também, identificar um elemento que conecta à produção memorialista (tipificada pela “defesa da vocação turística” em Foz do Iguaçu) com aquilo que em nossa pesquisa mostrou ser algo que está para além de uma mera vocação. Isto é, reporto neste momento a própria concretude do turismo na Terra das Cataratas, e por ela quero ponderar que entre a “vocação” e a “concretude” do turismo na cidade de Foz do Iguaçu, existe um abismo que pode ser transladado com um simples passo de análise.

Como já exemplificado, o turismo é uma atividade econômica que depende de diferentes formas valorização e reconhecimento do espaço físico e material. As denominações que particularizam a paisagem, as classificações técnicas e burocráticas são muitas vezes os instrumentos legitimadores da excepcionalidade da paisagem e seu valor único, algo que ocorre com as Cataratas do Iguaçu. Exemplificaremos ao definir que sempre que encontramos denominações e processo de classificação das paisagens, temos elementos empíricos que permitem ligar ou não, um artefato cultural com o imaginário de viagens modernas e pré-turísticas, e as evidências da concretude do fenômeno turístico em Foz do Iguaçu no século XXI. Neste passo, é através da conversão do patrimônio histórico e cultural/natural em lugares ou espaços adaptados para receber turistas. Encontramos a fórmula explicativa para sustentar aquilo que dá forma e concretude ao turismo, sobretudo, nas cidades da humanidade da América Latina (COSTA 2010).

Os exemplos dessa concretude, para ficar apenas em alguns, são: Ouro Preto, Cusco, Cidade do México, Salvador e Foz do Iguaçu que dentre todos há em comum o objeto da política de classificação ou tombamento pela UNESCO. Assim as referidas cidades da humanidade, são segundo Everaldo Costa, portadoras de uma concretude ligada ao turismo que revela-se por uma estrutura que está constituída por três elementos relacionais: a valorização do espaço (por meio do apelo estético, histórico, simbólico e cultural); o poder que ‘produz’ e ‘reproduz’ o espaço (tal como às políticas de constituição do patrimônio como forma de ideologia associada a burocracia) e a representação simbólica que está associada ao espaço do turismo.

Portanto, é na fronteira entre a História Econômica (representado pelos estudos de Aparecida Souza e De Martins e Ruschmann) e a Geografia Cultural (assumida

através dos estudos desenvolvidos por Everaldo Costa) o local teórico onde podemos ancorar e assentar nossa investigação daqui em diante. Nela podemos defender que existe sim uma ligação entre memória e construção material do espaço físico que permite realizar uma triangulação entre a dimensão física, histórica ou simbólica do espaço turístico em Foz do Iguaçu.

Para tanto, reconhecemos em nossa pesquisa que a década de 1940, mostrou-se um momento vital para a reflexão teórica aqui desenhada, pois nela identificamos a criação do Parque Nacional do Iguaçu - Argentina (1936) e Parque Nacional do Iguaçu - Brasil (1939). Acompanhando a “Marcha Para Oeste”, podemos enxergar esta como sendo de uma etapa avançada de ocupação da fronteira e de povoamento intensivo na região. Na época houve transformações significativas na estrutura urbana de Foz do Iguaçu. No entanto, os viajantes que visitavam a região, ainda não podem ser considerados turistas como já ressaltamos, pois suas viagens tinham em geral um cunho comercial e político. O lazer nas Cataratas era ainda uma atividade secundária. É no contexto do pós-guerra que ocorre uma mudança simbólica e material, determinante para (re)traçar o perfil da cidade da fronteira. Contudo, defendemos a posição que foi apenas duas décadas depois, em 1960, que foram identificados os primeiros movimentos de institucionalização do turismo local. Nesses anos foram criadas, por exemplo, taxas de visitação para o turismo em Foz do Iguaçu (DE MARTINS e RUSCHMANN 2010). Neste olhar público sobre o turismo, chamamos atenção para a Lei Municipal, nº 177, que deu-se justamente pelo estabelecimento de um elevado número de hotéis que levou a criação do Conselho Municipal de Turismo em Foz do Iguaçu (COMTUR).

Estes são marcos na constituição da referida concretude do turismo local. Ressaltamos também, que a concretude do turismo, também implica o reconhecimento da existência de homens e mulheres empregados através da força de trabalho, além de produtos e coisas tratadas enquanto mercadorias, mas que em conjunto com o local tornam-se parte da estrutura material e simbólica que são destacáveis aos olhos da pesquisa (COSTA 2010). Por isso, consideramos que é justamente através da mistificação do mundo sensível que torna-se possível transformar a paisagem e realidade em uma mercadoria através da reificação, fetiche

como manipulação para o mercado do turismo na globalização⁷⁴.

A análise da concretude integra, portanto, critérios da renda e submissão dos trabalhadores, mas também as técnicas específicas organizadas ou planejadas para satisfazer os objetivos do capital. Assim a concretude do turismo é encarada sob dois prismas: a produção do espaço e sua mercantilização pelo turismo (COSTA 2010 p 15)⁷⁵. Deste modo, o caso de Foz do Iguaçu revela que ambas dimensões só podem ser reconhecidas após a construção da Ponte da Amizade e criação da “zona franca” em Ciudad Del Este, (em 1965 e década de 1990, respectivamente). Não menos importante, é a ampliação e construção do Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu no ano de 1963. Já a partir da década 1980 o incremento e desenvolvimento da infraestrutura urbana, proporcionado principalmente pelas obras da Usina de Itaipu, favoreceu também o desenvolvimento do turismo.

Se considerarmos a dimensão relacional existente entre a Fronteira Trinacional e o turismo na cidade de Foz do Iguaçu, torna-se indissociável pensar o turismo local desde a dimensão simbólica da região que confunde-se com o valor cênico das Cataratas enquanto o patrimônio natural da UNESCO. Recordamos para tanto que as mesmas foram classificadas na lista do patrimônio mundial em 1983 e 1986, constituindo as Cataratas do Iguaçu são um elemento alegórico da concretude e da materialidade do turismo na Tríplice Fronteira. Esses atos da classificação e tombamento impetrados pela UNESCO, valorizam no cenário internacional o patrimônio existente na região tríplice, sendo assim um marco constitutivo para referência no turismo internacional.

Novamente, reforçamos que o reconhecimento da UNESCO está para além das demandas e interesses locais ou regionais no turismo. Por outro lado, a construção da “Ponte da Amizade” (1959-1965) marcada pela retórica de ser uma ponte para a modernidade (DIAS JÚNIOR, 2018) e outras ações ligados de direta ou indiretamente, à construção de Itaipu, podem ser observadas como fatores locais que representam um grande passo no desenvolvimento do turismo. Deste modo, reconhecemos que existe uma linha divisória

⁷⁴ Para o geógrafo, "espetáculo e a cultura nas cidades turísticas só podem ser entendidas a partir da nova publicidade absoluta e da dualidade entre contemplação e experiência. Num mundo onde tudo pode tornar-se patrimônio por razões políticas e para o mercado. O turismo envolto pelo capitalismo globalitário, catalisado pelos agentes hegemônicos, termina por transformar os territórios por meio de novos instrumentos técnicos e informacionais”.

⁷⁵ Para tanto é preciso “problematizar as leituras sobre os territórios do turismo e as interpretações particularistas e entender o lugar turístico enquanto totalidade que está inserido na totalidade-mundo”.

(muito tênue) entre o turismo de compras e a visitação turística nas Cataratas e ambos vinculam-se a construção da Usina Binacional de Itaipu, dado que:

verificou-se uma ampliação na importância do turismo de compras e do comércio atacadista exportador para a região fronteiriça. Notou-se uma significativa elevação na demanda de produtos eletroeletrônicos, por parte dos compradores brasileiros. Isso determinou o direcionamento de maiores investimentos dos comerciantes instalados no Paraguai, principalmente de origem árabe e asiática. No lado brasileiro da fronteira, observou-se um aumento no número de turistas que chegavam a Foz do Iguaçu com o objetivo de fazer compras no Paraguai. Esse turismo, ao qual se convencionou chamar de turismo de compras, assume uma parte da economia local, pois movimenta hotéis, restaurante, lanchonetes, agências de turismo e outras prestadoras de serviços, bem como absorve parte dos trabalhadores do município (DE MARTINS e RUSCHMANN 2010, p. 11).

Na década de 1970, o turismo de compras movimentou a infraestrutura urbana e hotéis muito por conta da construção da Ponte da Amizade e Zona Franca Ciudad Del Este. Chamou nossa atenção o blog “comprasnoparaguai.com” que no ano de 2018 publicou conteúdo sobre a história do comércio na zona franca de Ciudad Del Este intitulado “No tempo da Saudade – a época de ouro das compras no Paraguai”.

Nele encontramos imagens icônicas que retratam este momento de efervescência do comércio transfronteiriço entre a cidade de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este. É consenso entre a maioria dos historiadores e sociólogos que estudam a região, reconhecer que o turismo se desenvolve de maneira interdependente e integrada com as demais cidades da Fronteira Trinacional (SOUZA 2009; SILVA 2014). As divergências surgem ao identificar qual é o principal atrativo turístico na constituição do Foz como destino turístico internacional - as apostas, são a Ponte da Amizade e as Cataratas do Iguaçu.

Para elucidar tal problemática envolvendo o turismo local, destacamos a imagem que a continuação do trabalho (IMAGEM 19). Ela é precisamente alegórica da época de ouro das compras no Paraguai, ao mesmo tempo surpreendente do ponto de vista visual. Por ela podemos refletir sobre o processo de expansão das redes de compras e comércio transfronteiriço, além de servir no presente momento para pensarmos na atual crise epidemiológica do Covid-19 em contraste com aquilo que tem sido evidenciado pelos efeitos da pandemia no turismo e comércio da região. Por isso consideramos que uma visita ao blog é uma interessantíssima viagem pelas imagens que contam as mudanças na paisagem urbana e social da fronteira.

IMAGEM 19 - Ponte da Amizade década de 1990



Fonte: comprasparaguay (2018)

Consideramos prudente ponderar, ainda que a economia fronteiriça ocupe um lugar importante na constituição do turismo de compras, a concretude do turismo na cidade de Foz do Iguaçu emerge apenas após a década de 1980, precisamente, ao serem declaradas as Cataratas do Iguaçu como Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO, mas também como reflexo da construção do “Centro de Visitação Turística” no Parque Nacional do Iguaçu (2002).

Em outras palavras, caracterizar a concretude do turismo, como fez Everaldo Costa (2010), favorece o reconhecimento daquelas que são as cidades da humanidade ou “cidade-patrimônio-mercadoria” segundo o geógrafo. Para ele, tais cidades são constituídas por um processo de construção pela destruição dos territórios através do turismo internacional. Assim, nas cidades associadas ao patrimônio da UNESCO, ocorre o que o autor define como sendo um sacrifício do passado e do futuro, em nome do presente. Evidência que salta aos olhos pelos números de turistas que visitaram as Cataratas em 2019, mais de dois milhões oriundos de 180 países diferentes.

Para melhor constatar utilizamos a imagem abaixo (IMAGEM 20) pois assim como que lhe antecede torna-se alegórica ao que está exposto e descrito no corpo da análise. Nela consta o registro recorde de turistas nas Cataratas do Iguaçu e assim ao ser pensada em paralelo com a imagem da Ponte da Amizade, denota uma clara expressão da

concretude do fenômeno e polissemia do turismo na cidade de Foz do Iguaçu e Tríplice Fronteira.

IMAGEM 20 - Registro recorde de Turistas nas Cataratas do Iguaçu



Fonte: Rádio Cultura Foz (2019).

Podemos constatar em nossa pesquisa sobre a Terra das Cataratas, que a paisagem do patrimônio e parque nacional não são as únicas balizas ou variáveis a serem consideradas em termos de consolidação do turismo. Deve-se ter em conta, o intenso fluxo transfronteiriço na organização de planos integrados de desenvolvimento econômico na região e é deste ponto de vista mais institucional, que consideramos importante destacar a assinatura da Declaração do Iguaçu de 1985.

Nele foram manifestados os primeiros passos na constituição do projeto de cooperação e integração regional na fronteira segundo Leme (LEME 2006). Este tratado também pode ser interpretado como um embrião para o Tratado de Assunção (1993) que é o marco na consolidação do bloco econômico do Mercosul. Podemos fazer menção também ao “Paranatur” como um precedente desde a década de 1960- 1970, como órgão responsável por fornecer subsídios para hierarquização do espaço turístico paranaense (PAIVA 1995, p 79). Pois o momento em questão é emblemático pois expressou contexto desencadeado pela historiografia local, como o “pós-Itaipu”. Este período é também caracterizado como de uma etapa mais tecnocrática e composta por estratégias de desenvolvimento que visavam viabilizar o turismo integrado na fronteira, alinhada ao desenvolvimento educacional e tecnológico. Algo marcante neste período, são as melhorias na receptividade do turismo local. Destaca-se

para tanto: o Ecomuseu, o 1º da América Latina, que conta a história da construção da usina, bem como, todos os dados analisados na biodiversidade da região. Além disso, destacamos que na própria Usina de Itaipu foi instalado equipamento e um complexo turístico para Visitação que foi inaugurado em 2002. Abaixo destacamos um dos principais atrativos da usina, a Iluminação Monumental de Itaipu. É interessante destacar semelhanças com as imagens que vimos sobre as Cataratas do Niágara em modelos de exploração visual relativos e com aproximações semióticas dada a montagem publicitária (IMAGEM 21).

IMAGEM 21 - Iluminação da Barragem de Itaipu



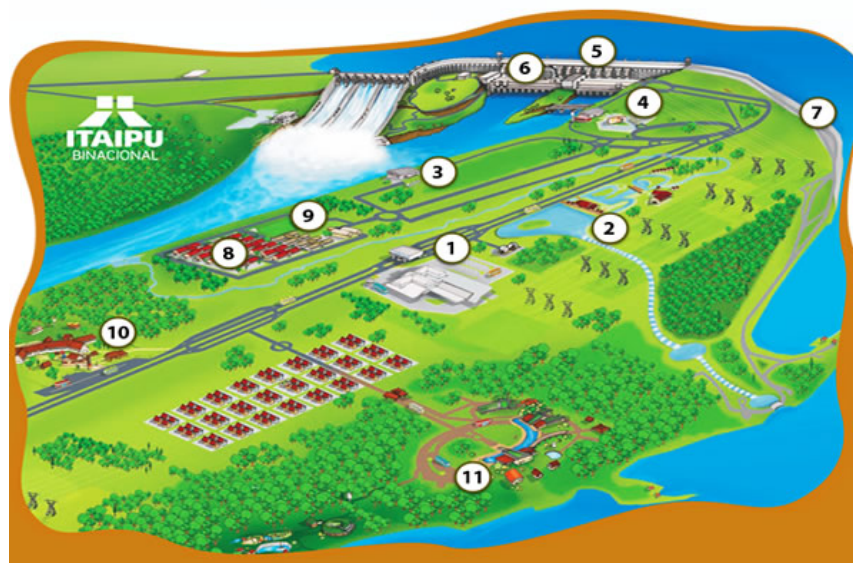
Fonte: ITAIPU, (in. itaipu.gov).

Destacamos de outro maneira que o Complexo Turístico de Itaipu - CTI, é composto por atrativos de diversas formas de passeio permitindo ao turista decidir o que irá visitar (DE MARTINS e RUSCHMANN 2010). Assim a Usina Hidrelétrica de Itaipu, junto com as Cataratas do Iguçu e turismo de compras, formam parte da dinâmica que envolve os recursos turísticos na Tríplice Fronteira. Em seu complexo de visitação podemos identificar que o Refúgio Biológico, Ecomuseu, Polo Astronômico, Mirante da Barragem e outros equipamentos, contribuem para diversificar ainda mais o turismo em Foz do Iguçu.

Para se ter em conta, no ano de 2019, mais de um milhão de turistas visitaram as instalações e equipamentos turísticos existentes na usina binacional também caracterizada como “Maravilha da Engenharia Moderna”. Abaixo destacamos a imagem do

“Mapa Turístico da Itaipu Binacional” (IMAGEM 22).⁷⁶

IMAGEM 22 - Mapa Turístico Itaipu Binacional



Fonte: ITAIPU BINACIONAL (s/d)

Ressaltamos que em nível federal os avanços nas políticas de turismo contribuíram no Brasil para a planificação do turismo e segundo Paiva, nas políticas urbanas manifestadas através do que convencionamos denominar *planos urbanos-turísticos*, coube ao Estado propiciar infra-estrutura básica e oferecer facilidades aos grupos de empresários (PAIVA 1995, p 79). Neste sentido Milton Santos reconhece o turismo como sendo parte da “(re)distribuição da população” no interior do território no século XXI (SANTOS 2008 p. 199-235). Consideramos também relevante considerar outras obras que se destacam como contribuições do turismo para o desenvolvimento de Foz do Iguaçu. São elas:

(...) o Centro de Convenções do município, a 1ª Biblioteca especializada em turismo, a construção do Parque das Aves, a inauguração do Zoológico, Bosque Guarani, construção do Templo Budista de Foz do Iguaçu, a inauguração do Espaço das Américas (auditório construído para reuniões dos três países fronteiriços, localizado no ápice da Tríplice Fronteira), a revitalização do Parque Nacional do Iguaçu. No decorrer destas últimas décadas, o turismo começou a se consolidar com a criação do SINDETUR (Sindicato das Empresas de Turismo de Foz do Iguaçu), com a criação da sede da ABIH (Associação Brasileira de Indústria de Hotéis) no município, com a instalação da diretoria regional da ABAV (Associação Brasileira das Agências de Viagens), a inauguração do Iguassu Convention & Visitors Bureau (DE MARTINS e RUSCHMANN 2010).

⁷⁶ Os pontos numerados correspondem a: (1) Centro de Recepção de Visitantes; (2) Canal da Piracema; (3) Mirante do Vertedouro; (4) Mirante Central de Iluminação da Barragem; (5) Barragem de Concreto; (6) Estação Catedral/ CCR / Eixo da turbina; (7) Mirante da Barragem e Kattamaram; (8) Parque Tecnológico de itaipu - PTI; (9) Polo Astronômico Casimiro Montenegro Filho; (10) Ecomuseu; (11) Refúgio Biológico Bela Vista.

Atualmente, Foz do Iguaçu e Tríplice Fronteira reúne um dos maiores e diversificados complexos turísticos do mundo (MOLINA, 1993; BOULLÓN, 1991; BARRETO, 1995). Na região forma-se um centro estratégico da América do Sul e a integração da fronteira pelo turismo, uma variável neste processo, de modo que o planejamento integrado regional leva ao reordenamento espacial (CURY e FRAGA 2003) como uma cidade da humanidade.

Ao final concebemos que a realidade turística local está constituída pelo fluxo transnacional de pessoas e mercadorias, pela clara interdependência com a fronteira internacional e dela emergem slogans turísticos, tal qual “Terra das Cataratas”, o qual Aparecida Darc de Souza a reconhece como uma estratégia do marketing local, para expandir a marca de destino no mercado mundial. Outros slogans estão ganhando força na última década, dentre eles destacamos os mais recentes “Terra de Todas as Gentes” e “Foz do Iguaçu Destino do Mundo”⁷⁷. Consideramos que ambos slogans ligam-se à recente estratégia que visa consolidar a ideia de Foz do Iguaçu enquanto um destino do turismo internacional. Estes por sua vez estão orientados pela campanha publicitária de 2016 e ganham notoriedade junto da difusão da ideia de multiculturalidade e diversidade étnica na Tríplice Fronteira.

2.3 A SOMBRA DA MARAVILHA E O TURISMO CONTRALUZ

Neste subitem analisamos Foz do Iguaçu como uma cidade portadora de um patrimônio de altíssimo valor para o mercado internacional do turismo. Expressão disso são os seguintes títulos adquiridos: a “Terra das Cataratas”, a “Terra de Todas as Gentes” e “Foz do Iguaçu Destino do Mundo”. Outro título, mais contemporâneo é "Sete Novas Maravilhas das Natureza", de 2011. A cidade é aqui definida pela capacidade do turismo em transformar a realidade e cotidiano em um produto cênico e espetáculo econômico vinculado ao mercado cultural da globalização. As “sombras” são interpretadas enquanto uma metáfora que permite revelar aquilo que está oculto por trás do poder simbólico que envolve a ética turística em Foz do Iguaçu. Por outro lado, o turismo colocado contraluz emerge do olhar sociológico que busca reconciliar os conhecimentos produzidos e projetados pelo campo acadêmico sobre o espaço urbano de Foz do Iguaçu e sua referência internacional para o turismo.

⁷⁷ Reforça também a ideia do local ligado ao turismo internacional consolidado e não mais apenas obstinado a receber turistas como em campanhas anteriores. A campanha publicitária pode ser acessada em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Q85a8NEyac> e <https://www.fozdoiguacudestinodomundo.com.br>

O turismo na Terra das Cataratas é portanto, uma referência à cidade de Foz do Iguaçu e ao seu "*hinterland*" é uma "invenção" contada através da planificação territorial e econômica na fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai. Ao possuir relação de interdependência com as demais cidades da Tríplice Fronteira, a análise interdisciplinar do turismo local torna-se um caminho para melhor interpretar a história, memória e concretude do turismo na região. Pois existem múltiplos olhares e interesses que estão projetados sobre o fenômeno do turismo e estes são um objeto interessantes de serem abordados, dado que em Foz do Iguaçu, estes olhares interessados e projetados sobre o espaço urbano, ligam-se a dimensão local e nacional e adentram na economia internacional das viagens após a segunda metade do século XX.

2.3.1 Maravilha ao sol e sombra

Sobre el abismo tendemos un puente. Nuestro heroísmo está hecho de nuestra ignorancia. Nos sentimos en marcha, en marcha eterna. El soplo de lo irreparable acaricia nuestras sienas sudorosas (El progreso, Rafael Barrett 1908).

Gostaríamos de iniciar elucidando que do ponto de vista estratégico, mais que ambientais ou ecológicos, tanto a Argentina quanto o Brasil, estabeleceram seus Parques Nacionais com objetivos de proteção, integridade e soberania nacional no limite fronteiriço onde localizam-se as Cataratas do Iguaçu (CURY e FRAGA, 2003). Os parques podem ser considerados como elemento norteador de defesa de fronteira, pois estando tais parques na faixa de fronteira, há um menor número de pessoas e com isso, facilita-se o controle de fluxos sobre ela⁷⁸. Este modelo estadunidense de parques nacionais, foi amplamente reproduzido em países da América Latina como Brasil, Argentina, Chile e México e no caso do Destino Transnacional do Iguazú, serviu como um tampão geopolítico entre as duas nações que compartilham a paisagem das Cataratas do Iguaçu.

Nestes termos, a instituição dos parques naturais na região da Tríplice Fronteira, são claras evidências daqueles refúgios imaginados que no tiene nada de natural como caracteriza Baumann, pois neles estão ocultos e como o sociólogo polonês: "*su precariedad y, por tanto, su dudoso estatus como garantes de la seguridad*". (BAUMANN

⁷⁸ José Cury ainda destaca: Os Parques Nacionais Argentinos foram estabelecidos entre os anos de 1934 e 1980, em áreas de limites com o Brasil e o Chile, fato que se justificou pela segurança das fronteiras argentinas (política de Estado). Também se pode aventar que os parques podem ser considerados como elemento norteador de defesa de fronteira, pois estando tais parques na faixa de fronteira, há um menor número de pessoas e, com isso, facilita-se o controle de fluxos sobre ela.

2017). É dizer, portanto, que os parques naturais como uma alegoria moderna, remonta na contemporaneidade da globalização o mito da natureza intocada (DIEGUES 2000). Como realidade política, são em suma um produto da própria criação humana e da histórica disputa geopolítica sobre as fronteiras no mundo e com impacto nas fronteiras internacionais do Cone Sul.

Nos parques nacionais também o turismo, mas não só, pois a construção deste espaço não se reduz ao mesmo enquanto atividade econômica ligada à contemplação do olhar turista. Muito menos, poderíamos localizar o turismo como fator da gênese social dos parques naturais na Fronteira Trinacional dada a história institucional que assenta-se mais no controle fronteiriço que na indumentária e alegoria estética da paisagem.

Por outro lado, é possível reconhecer que o turismo desde o princípio mostrou-se um solicitante destes lugares de refúgio, já que os parques naturais foram pensados ou destinados para atividades de contemplação das sociedades modernas no contexto estadunidense, mas que se reproduziram sobre formas hibridizadas, para usar uma expressão de Garcia Canclini, dada a realidade de dependência econômica na América Latina.

Com efeito, a singularização dos espaços orientados para a visitação turística, ganham expressão pela maneira como ocorre a produção de valor através do uso/consumo e trocas de capitais através das viagens contemporâneas. Por esta dimensão dinâmica da economia contemporânea, observamos a globalização acelerada como momento que ocorre a criação do capital e poder simbólico que contribui para a ultravalorização dos lugares turísticos (COSTA 2010). Isto é, com base nos fundamentos de Everaldo Costa, reconhecemos que o elemento da dialética entre valor criado e valor contido no espaço e território turístico é aquilo que favorece a análise da exploração e poder que está incutido no espaço criado ou adaptado para o olhar do turista. Podemos destacar portanto, que são as projeções no mercado internacional das viagens o fundamento para que a imagem das Cataratas do Iguaçu ganhe evidência no contexto da emergência do discurso ambiental e ecológico, da atividade do ecoturismo, o turismo sustentável ou, de natureza/ecológico ligado à conservação e valorização da natureza.

Algumas das balizas que nos permite reconstruir os imaginários local na América Latina através da inserção do turismo na economia globalizada, é a valorização

referencial e cênica das Cataratas, que por seu poder simbólico tornou-se capaz de fragmentar e ao mesmo tempo, rearticular o espaço da fronteira incorporando-o junto ao território e discurso da cultura nacional. Por este olhar crítico, reconhecemos a forma como são criadas as disparidades sócio-espaciais no interior do próprio território geopolítico (COSTA 2010). Neste ponto de análise reconhecemos através de Hannah Arendt que: “*la función del ámbito público es arrojar luz sobre los asuntos proporcionando así un espacio de aparências*” (ARENDR, 1990 [1997]). Com base neste suposto, na cidade de Foz do Iguaçu são as Cataratas este espaço de aparências que projeta sua imagem turística ao mundo.

Entretanto, consideramos pertinente destacar como afirma Bauman que: *el criterio de comodidad o conveniencias con los que las multitudes de buscadores y solicitantes de refugio corren de un lugar de cobijo al siguiente*; - são múltiplos e nem todos ligam-se ao espetáculo cênico e natural. Para isso, reconhecemos como Zygmunt Bauman que ainda que os habitantes do planeta compartilhem, “*el mismo barco*”, desde o ponto de vista das suas perspectivas de sobrevivência, suas tarefas imediatas e, seus destinos preferidos diferenciam-se substancialmente (BAUMAN, 2017, p. 198). Assim, sem querer alargar a análise dos parques naturais da Fronteira Trinacional e o turismo existente na Terra das Cataratas, observamos que a institucionalização dos mesmos não ocorreu de maneira homogênea e passou por diferentes etapas e ampliações. Neste sentido, até mesmo a dimensão da área florestal protegida, só foi possível de ser constituída após o deslocamento de diferentes comunidades para fora dos limites atuais do Parque Nacional do Iguaçu⁷⁹.

Outro atrativo destacado da cidade é a Usina de Itaipu Binacional, tal como caracterizado no subitem anterior. No complexo turístico da usina podemos observar dinâmicas muito parecidas com as que constituíram os parques nacionais e, até mesmo a reprodução da desapropriação das terras ocupadas por colonos, ribeirinhos e populações indígenas do oeste paranaense. Destacamos para tanto, dois momentos distintos: o primeiro revela-se pelo impacto na construção da barragem e área alagada para Usina Hidrelétrica, já o segundo, acompanha a segunda ampliação do Parque Nacional do Iguaçu na época da

⁷⁹ Como sustentamos a análise histórica anteriormente apresentada, na região das cataratas e parque nacional, estavam assentados os imigrantes os denominados pela elite local como ‘colonos pioneiros’, ligados à sociedade tradicional iguaçuense formada no período da Colônia Militar de Foz do Iguaçu. Desta forma, reconhecemos através da pesquisa sobre as memórias pessoais em relação às desapropriações no Parque Nacional do Iguaçu (SEIXAS 2012), um argumento importante a ser considerado no intuito de desmistificar a realidade turística em Foz do Iguaçu, seja pela ideia de vocação histórica ligada ao turismo e o mito da natureza intocada.

construção da barragem para usina. Ainda que não tenhamos instrumentos e fontes para explicar, mas é possível que a ampliação dos limites no Parque Nacional do Iguaçu, foi uma compensação da perda do patrimônio natural na região das Sete Quedas em Guaíra? Tenho sinceras dúvidas quanto ao contrário.

Tomando como base o “Banco de dados mundial de cascata”, os Saltos das Setes Quedas ou Cataratas do Guaíra, eram uma das maiores cachoeiras do mundo e possuíam uma forma muito parecida com as Cataratas do Iguaçu. Nesse sentido é emblemática a forma como ocorre a construção pela destruição do turismo na Terra das Cataratas, já que do ponto de vista no impacto do turismo, Foz do Iguaçu perdeu seu principal concorrente em termos de atrativos e dispositivos para realização do turismo. Assim a perda do patrimônio natural ligado às cataratas de Guaíra, remete ao fato do Parque Nacional das Sete Quedas, ter sido inundado pelo lago artificial de Itaipu abrindo caminho para concretude que será visualizada no turismo em Foz do Iguaçu.

De acordo com o sítio especializado em catalogar e classificar as cachoeiras/cataratas “*Word Watterfall Data Base*”: não há dúvida de que as Cataratas do Iguaçu são a maior cachoeira do mundo. Embora as cataratas se estendam pela fronteira Argentina / Brasil, a maior parte da cachoeira ocorre dentro da Argentina, o acesso aos mirantes das quedas, no entanto, é mais desenvolvido do lado brasileiro; - chamando atenção o argumento que sustenta: as Cataratas do Iguaçu ocupam a primeira colocação entre as centenas de cachoeiras e cataratas espalhadas pelo mundo. por outro lado, chamou nossa atenção na pesquisa que no sítio faz-se uma menção em relação às Cataratas de Guaíra ou, Cataratas de Sete Quedas: “*Were this waterfall still free flowing, we've no doubt it would be in the top 10 world wide, and number one wouldn't be out of the realm of possibility*”(Se essa cachoeira ainda fluísse livremente, não temos dúvidas de que estaria entre as 10 melhores do mundo, e a número um não estaria fora do reino das possibilidades [google translate]).

Em pesquisa na rede de computadores, chamou nossa atenção o relato do o jornal “O Estado do Paraná” em 1982, que através de seu correspondente Cley Scholz descreveu deste modo o fim das Sete Quedas: o desaparecimento dessas cataratas, consideradas as maiores do mundo, já é um fato concreto na vida dos moradores de Guaíra (O ESTADO DO PARANÁ, 1982); e junto de outros trechos, revelam um misto entre

romantismo, idealização e ironia ao relatar acontecimentos do cotidiano da cidade antes do alagamento do parque natural e seu principal patrimônio. Chamamos atenção para os usos do discurso jornalístico e da retórica política que acompanhou o momento de disputa sobre o melhor uso do patrimônio das cataratas. Abaixo, trazemos primeiramente um registro por quatro imagens das Sete Quedas ou Saltos de Guaíra, antes e depois de seu principal atrativo turístico desaparecer inundado ou simplesmente “aplainado” (como diz a canção da banda paranaense Blindagem) pelo lago de Itaipu Binacional⁸⁰.

IMAGEM 23 - Sete Quedas de Guaíra antes e após Itaipu



Fonte: google imagens

Outra problemática observada nas sombras do turismo da Fronteira Trinacional, liga-se às recorrentes tentativas de abertura do Caminho do Colono como uma estrada ainda do período da Colônia Militar e período de predomínio das obras de extração de madeira e erva-mate. Este caminho corta o Parque Nacional do Iguaçu - Brasil ao meio e dentre algumas propostas para sua reabertura, há projetos vinculados à construção de um

⁸⁰<http://www.memoriaparanaense.com.br/2020/10/19/memoria-a-musica-que-marcou-o-fim-de-sete-quebras-em-guaira/>

corredor turístico ecológico denominado Estrada-Parque Caminho do Colono⁸¹. Entretanto, dada as inúmeras contradições que observamos, estas iniciativas esbarram em arranjos políticos que constituem o Parque Nacional do Iguaçu como uma zona fronteira de exclusão de interesse e segurança nacional.

Nestes termos, observamos que o Parque Nacional do Iguaçu, mantém nas sombras muitos dos conflitos que limitam a participação das comunidades locais nas tomadas de decisão relacionadas ao turismo (BÄR 2009). Através da relação existente entre as comunidades do entorno do parque e gestão do meio ambiente, identificamos uma dimensão das diferentes contradições ou sombras, que envolvem o turismo local e a construção da imagem maravilhosa das Cataratas. Portanto, o fechamento da Estrada do Colono (2003) e que não compete a este trabalho opinar sobre qual deve ser o uso adequado do caminho, demonstra que este é apenas um dos elementos a serem considerados quanto às sombras do turismo na Terra das Cataratas.

Observamos também que na reestruturação para visitação turística no Parque Nacional do Iguaçu e sua privatização, também estão contrastadas contradições que se revelam em oposição a ideia de um local de interesse público e com referência internacional. Os turistas que estando acostumados a pagar para consumir o espetáculo cênico das cachoeiras, confrontam por sua prática monetária de consumo, uma realidade que até o início da década de 2000, era gratuita e livre a visitação nas Cataratas do Iguaçu. Um exemplo que acompanha esta tendência é o roteiro turístico alternativo de cachoeiras em Foz do Iguaçu, o “*Secret Falls*”. Em primeiro lugar de alternativo não há nada, pois o valor é extremamente exorbitante chegando a sair mais caro o passaporte que uma visita nas próprias Cataratas do Iguaçu. E num segundo momento, a implementação deste novo roteiro, contribuiu com a especulação sobre os locais com cachoeiras ao ponto de lugares antes marcados pelo acesso livre, agora estão sendo significativamente tarifados. Algo que contribui para afastar as

⁸¹ Dentre as propostas e iniciativas aludidas se encontram: o Projeto de Lei 984/19 que tramita no congresso federal e pretende criar uma unidade de conservação denominada Estrada-Parque Caminho do Colono. O autor do projeto, o deputado Vermelho (PSD-PR) argumenta que a proposta vai muito além da resolução de um problema de logística no estado do Paraná e pretende integrar e restaurar as relações socioeconômicas e turísticas nas regiões Oeste e Sudoeste do Paraná. “Este projeto corrige uma histórica injustiça que foi o fechamento da Estrada do Colono, além de atender ao clamor social de décadas do povo paranaense e de resgatar a história e as relações socioeconômicas, ambientais e turísticas da região”, diz Vermelho. “Este projeto corrige uma histórica injustiça que foi o fechamento da Estrada do Colono, além de atender ao clamor social de décadas do povo paranaense e de resgatar a história e as relações socioeconômicas, ambientais e turísticas da região”, diz Vermelho.

populações locais deste tipo de lazer que historicamente esteve associado à região.

Consideramos valiosos os dados históricos recolhidos junto ao Parque Nacional durante o processo de reestruturação do parque através da empresa gestora da unidade de conservação “Cataratas S/A” (SCHERER 2002), ainda quando para esta pesquisa não tenha existido tempo hábil para aprofundar esta análise. Porém, reconhecemos que a privatização e burocratização para o acesso turístico nas Cataratas do Iguaçu, fazem permanecer na sombra da imagem turística que as Cataratas do Iguaçu, o processo de apropriação e conversão dos lugares públicos num instrumento de acumulação privada do capital, tal como está ocorrendo com as pequenas cachoeiras em propriedades particulares da região. Com isso, identificamos a segregação urbana e social, a gentrificação e principalmente, a reificação da paisagem tida como natural uma face do processo de transformação e conversão dos lugares em uma mercadoria como sombra oculta na face urbana de Foz do Iguaçu.

Colocamos daqui em diante, à contraluz do turismo local, trabalhos como de Joelma C. S. Scherer (2002), Carlos A. Moro (2003), Elia C. Bär (2009) e Lavínia R. M. de Martins (2010) que são fundamentais para compreender algumas das contradições no turismo local. Além disso, propostas como de Thays C. Domareski (et. al 2011) aparecem como contribuição significativa por haver abordado a competitividade turística da cidade de Foz do Iguaçu, denotando com isso a complexidade do turismo em mais ampla sua interface com a fronteira⁸². Outra análise sobre o turismo foi realizada por Silvia C. Goya (2007) que concentrou investigação na gestão turística através de um estudo de caso sobre um hotel.

Por estes trabalhos podemos identificar como conceitos ligados a gestão, inovação, empreendimentos turísticos se confundem em alguns momentos com a própria noção de gestão ambiental e responsabilidade social. Através destas categorias podemos identificar o escopo para análise das estratégias desempenhadas no contexto local para melhorar a competitividade do turismo local. Outro trabalho de Ricardo A. Corrêa (2010) mostra por estudo econômico as alarmantes contradições entre o discurso ecológico e a

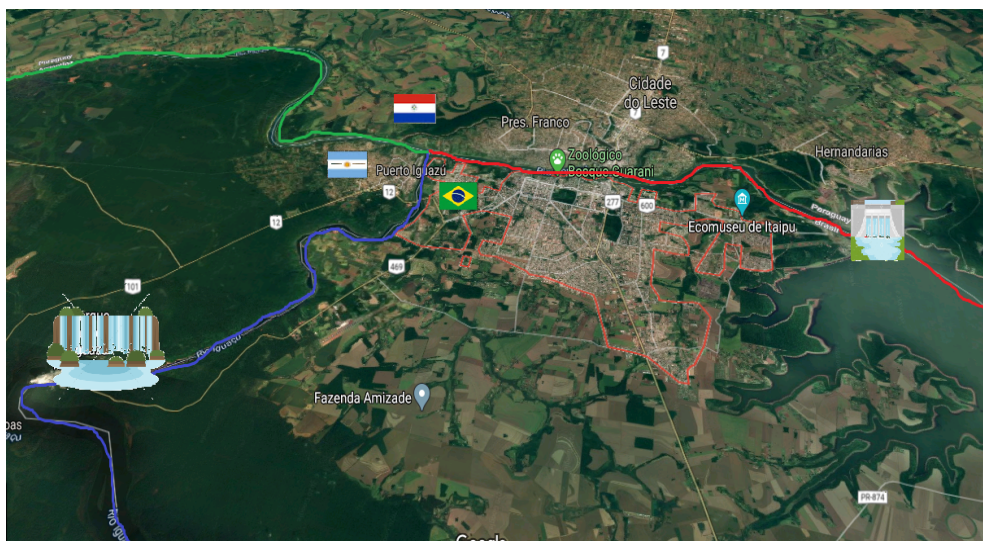
⁸² A autora realiza “estudo de caso sobre a literatura econômica, administração e gestão estratégica”, aplicando-as pelo método exploratório e descritivo como forma de delimitar o território e compreensão, contou com entrevista realizadas com gestores turísticos comparando com os resultados teóricos para apresentar além da competitividade como adequações a serem realizadas no turismo local.

própria política de desenvolvimento sustentável em Foz do Iguaçu.

Outra sombra identificada junto ao turismo no parque natural, revela-se a contraluz do desejo de grupos visitantes/turistas, quanto à implantação de trilhas ecológicas interpretativas e seu interesse em atividades ligadas ao ecoturismo (MORO 2003). Neste aspecto, a face maravilhosa do turismo ligado ao patrimônio natural, também, ao ecoturismo, se encerra junto a dimensão do limite entre aquilo que é ou não conveniente para uma região fronteiriça.

Certamente, quando observamos um parque constituído como uma zona de exclusão, e como já foi dito acima, a existência de amplas trilhas de acesso para os turistas, dificilmente entram nesta conveniência no uso de uma paisagem que apenas se adapta para receber os turistas. A termo de ilustração, e para uma melhor compreensão dos argumentos citados, destacamos a imagem de satélite da cidade de Foz do Iguaçu (IMAGEM 24). Nela destacamos ao centro, a infraestrutura urbana da cidade, e nas bordas ou, na periferia, estão seus principais atrativos que são as Cataratas (à esquerda) e a Usina de Itaipu Binacional (à direita). Nesta imagem identificamos os limites geopolíticos da cidade caracterizados duplamente pela vocação e concretude do turismo. Certamente o local onde estão projetadas as luzes e sombras produzidas pela cartografia da fronteira e sua imagem e não-imagem turística.

IMAGEM 24 - Foz do Iguaçu e seus limites fronteiriços



Fonte: GIL e HIRSCHFELD (2020).

Destacamos para tanto que as luzes projetadas sobre o espaço urbano de Foz

do Iguaçu, devem-se ao sistemas de classificação na produção do espaço e território do turismo e que ambos extremos na imagem acima revelam-se junto a referência necessária ao "Mapa do Turismo no Brasil". Chamamos atenção para este instrumento de classificação do turismo, pois ele funciona como uma ferramenta para o desenvolvimento e implementação de políticas públicas e investimento estrangeiro direto em aplicações direcionadas ao turismo no Brasil⁸³.

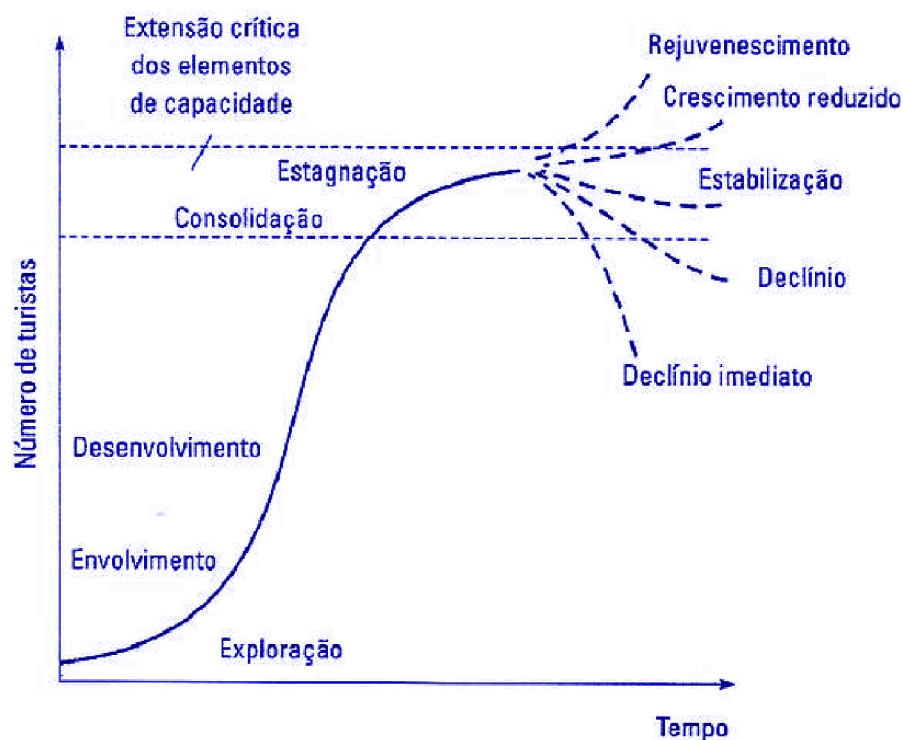
Com base nisso, destacamos que em 2019, o Ministério do Turismo do Brasil atualizou o mapa e nele o município de Foz do Iguaçu que compõem a região turística “Cataratas do Iguaçu e Caminhos do Lago de Itaipu”, destaca-se como um entre os apenas três municípios do estado do Paraná que estão classificado dentro da categoria “A” pelo Mapa. Além disso, ele é o único município em uma região turística localizada em uma fronteira trinacional e que recebe tal classificação no mapa. Para tanto, destacamos que existem sessenta e dois destinos turísticos nacionais classificados dentro da categoria “A” e apenas dois estão localizados em regiões de fronteira internacional⁸⁴. Por isso, segundo os indicadores contidos no mapa, Foz do Iguaçu destaca-se por possuir 151 hospedagens turísticas regulares e mais de cinco mil empregos diretos no setor do turismo.

Podemos presumir diante desses dados iniciais, que a grafia da cidade turística na fronteira, está, portanto, marcada pelo lugar que Foz do Iguaçu ocupa neste mapa desde suas primeiras classificações em 2013. Assim o Mapa é útil para identificar um destino turístico já em fase de consolidação de maneira que podemos aproximar sua estrutura de funcionamento e gestão, ao supostos contidos no clássico modelo de Ciclo de Vida do Destino Turístico, de Douglas Pearce que está disposto abaixo (IMAGEM 25). Consideramos que nestes termos a realidade turística da cidade está em correspondência aos interesses e demandas do turismo nacional e internacional, cujo diagnóstico é fornecido por Gândara, Domareski e CHIM-MIKI (GANDARA et. al. 2013; DOMARESKI et. al 2013). Segundo esse modelo e os autores elencados, é apropriado considerar que o destino turístico Iguaçu, se encontra em uma fase de consolidação.

⁸³ O Mapa do Turismo Brasileiro pode ser consultado em: www.mapa.turismo.gov.br/mapa/init.html#/home

⁸⁴ Acompanhada neste quesito somente pelo “Pólo Turístico Madeira Mamoré” que está localizado entre os limites dos estados do Acre, Amazonas e Rondônia com a fronteira da Bolívia. Foz do Iguaçu chama atenção pelos números oficiais de turistas que superam apenas com visitantes internacionais o volume total de turistas do pólo localizado na Amazônia.

IMAGEM 25 Ciclo de Vida dos Destinos Turísticos



Fonte: Butler, 1980 apud Lohmann, Panosso Netto, 2008, p.358.

Para fortalecer o debate quanto a disposição simbólica que garante o status de destino consolidado à Foz do Iguaçu, revela-se pelo fato de que comumente recorreremos à expressão “maravilha” para se referir às paisagens de natureza cultural classificadas como exemplares nas listas das “Maravilhas da Natureza”, “Maravilhas da Humanidade”, “Maravilhas da Arquitetura” ou “Maravilha das Cidades”. Este tipo de discurso associa-se às cataratas quando ainda na década de 1960, Shepard sustentou (Shepard, 1967, p. 259 apud HUDSON, 1998) que as cataratas são fundamentais para as maravilhas da natureza (...) pois pertencem a uma categoria em que as cachoeiras podem ser encaradas junto de cavernas, gêiseres, e geleira, por seu valor de escassez⁸⁵.

Já no século XXI, a mais famosa paisagem inscrita na lista da “*New 7 Wonders off Nature*” são as Cataratas do Iguaçu e segundo sítio da fundação New7Wonder:

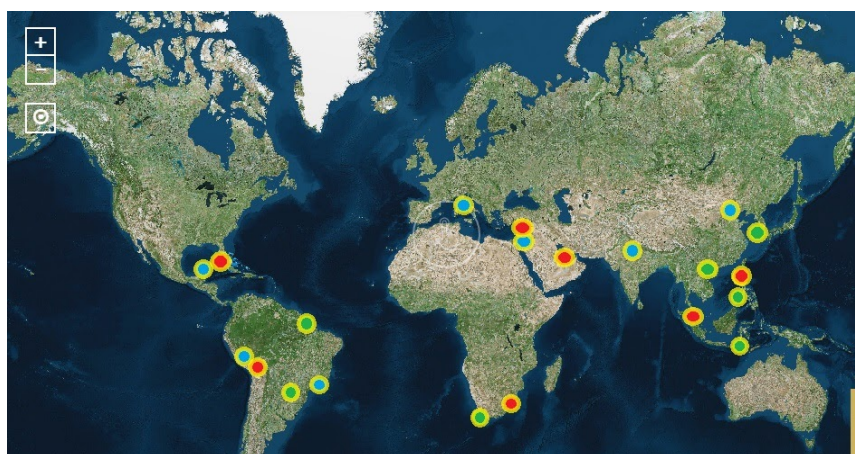
Bernard Weber, a Swiss-born Canadian, started New7Wonders in 2000 with the objective of asking the people of the world to elect the rightful heirs of the ancient Greek Seven Wonders of the World. The growth of the internet and the

⁸⁵ Tradução realizada através de aplicação disponível na rede de computadores “google tradutor” e transcrito de maneira mais clara pelo autor da dissertação.

ubiquity of mobile phones made it possible, for the first time in human history, to organise a worldwide voting campaign. This global democratic exercise resulted in the election of the Official New 7 Wonders of the World in 2007. (NEW7WONDERS, s/d)⁸⁶.

De acordo com o próprio sítio a eleição oficial das Novas Sete Maravilhas, deu início a um processo de construção de uma memória global e chama nossa atenção, o fato de que entre os sete patrimônios laureados com este título simbólico (i.e., de Maravilha da Natureza) dois exemplares estejam localizados na América do Sul⁸⁷. Assim vemos uma geografia que está disposta junto dessas novas maravilhas do mundo moderno (IMAGEM 26). Ela tem uma disposição claramente assentada na relação com o Sul-global e é precisamente, latino-americana e caribenha, com evidência no sudeste asiático e Oriente Médio, possui entradas no continente africano. Em contrapartida, até o momento da pesquisa, os países considerados do norte, quase nem aparecem.

IMAGEM 26 - Mapa New7Wonders.



Fonte: world.new7wonders.com

Como pano de fundo sobre a “*puesta en cena*” deste universo real e maravilhoso contemporâneo, uma série de *lobby* e estratégias de marketing, impedem-nos de precisar a validade desta memorização global, já que não é para nada difícil pensar nos

⁸⁶ Bernard Weber, um canadense nascido na Suíça, criou a New7Wonders em 2000 com o objetivo de pedir às pessoas do mundo que escolhessem os legítimos herdeiros das antigas sete maravilhas gregas do mundo. O crescimento da internet e a onipresença dos telefones celulares tornaram possível, pela primeira vez na história da humanidade, organizar uma campanha de votação mundial. Este exercício democrático global resultou na eleição das Novas 7 Maravilhas Oficiais do Mundo em 2007. (traduzido de day7newwonders.com) - acesso em fevereiro de 2019.

⁸⁷ Estas listas dividem-se entre: as Sete Maravilhas do Mundo em 2007 (discriminadas em azul no mapa), Sete Maravilhas da Natureza de 2011 (em verde no mapa) e Sete Cidades da Maravilha em 2014 (em vermelho no mapa). A pesquisa teve um alcance de seiscentos milhões de participantes através de votação pela rede de computadores, supostamente essas categorias serviram para definir através do público mundial as autênticas “Sete Maravilhas”.

diferentes mecanismos de propulsão de votos, tal como ocorre com os *likes* (clicks) nas redes sociais e na compra de dados e informação dos usuários. Consideramos também que o título também parece apenas ratificar aquilo que no imaginário local, regional e até mesmo nacional era tratado como inconteste. Relatos que obtivemos em pesquisa de campo dão conta que antes do trágico fim das Sete Quedas, era de senso comum tratar a existência de duas cataratas do Oeste do Paraná enquanto verdadeiras maravilhas da natureza. Através da imagem abaixo (IMAGEM 27) destacamos uma parte da peça publicitária que foi utilizada pela fundação para o convencimento e atrair os interessados junto às Cataratas do Iguazu.

IMAGEM 27 - Dirigível da Foundation World New Seven Wonder em sobrevoo nas Cataratas do Iguazu - 2011



Fonte: world.new7wonders.com

Deste modo, podemos definir que na constituição deste novo mecanismo simbólico ligado às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), existe uma redefinição na relação de poder, subordinação e dependência de instituições e agentes transnacionais que atuam na definição do interesse mundial nas Cataratas do Iguazu mediante sua apropriação simbólica.

3.2.2 Uma invasão silenciosa - o novo cenário turístico!

Las tres repúblicas están bajo idéntica ignominia (...) aquí los pobres son ya esclavos a medias. (...) Y esa gente ¿que come? ¿De qué manera se la trata? ¿Qué salario se les abona y qué ganancia producen a los habilitados y a las empresas? Contestar a esto es revelar una serie de crímenes. Hagámoslo (Rafael Barrett 1908).

Como definimos anteriormente os slogans Terra de Todas as Gentes ou Destino do Mundo, são portanto algumas das balizas que servem para reconhecer e

caracterizar as transformações na realidade turística da cidade de Foz do Iguaçu. O turismo que é aqui desenhado pelas sombras, pode ser contrastado ou posto contraluz, ao acompanhar a produção e reprodução de tais slogans do marketing turístico. Já destacamos aquele que caracterizou Foz enquanto a “Terra das Cataratas” e convém também discorrer brevemente em relação aos mais recentes slogans : “Foz do Iguaçu Terra de Todas as Gentes” e “Foz do Iguaçu Destino do Mundo”.

Nossa atenção volta-se portanto nesse primeiro momento, para o slogan que é uma adaptação do espetáculo musical : “Paraná - Terra de Todas as Gentes”, do jornalista Adherbal Fortes de Sá Jr e do músico e publicitário Paulo Vítola (1971). Este musical inaugurou o Teatro Guaíra na cidade de Curitiba, ano de 1974. Seus idealizadores buscavam retratar a construção do estado do Paraná moderno, destacando principalmente a contribuição dos imigrantes para a formação da cultura paranaense⁸⁸. Nestes termos da narrativa podemos reconhecer que sua recriação como slogan turístico em Foz do Iguaçu, parece ainda menos original, quando observamos que o próprio governo do estado já o utilizou (i.e., o título do musical) como slogan turístico durante o governo de Roberto Requião⁸⁹. Por ele podemos identificar o discurso quanto ao projeto civilizatório constituído em nome do colono e imigrante como dimensão intercultural e multiétnica que é ressaltada quando confrontada pelas evidências dos choques transfronteiriços que decorrem de mais de cinco séculos na região.

Como afirmamos anteriormente, o turismo em Foz do Iguaçu, mantém nas sombras muitas das questões do conflito que envolve o longo processo de construção da realidade social e cultural na fronteira. Portanto é preciso reconhecer como fez Zygmunt Bauman: *“que pensemos en tiempos oscuros llegado cuando la luz se ha extinguido víctima de una brecha de credibilidad y de un discurso que no revela lo que es sino que la barre bajo la alfombra, bajo pretexto de sostener viejas verdades”* (BAUMANN, 2017, p.171). Assim, podemos questionar sob quais circunstâncias autoras como De Martins e Von Ruchmann enxergam nas luzes do turismo cultural e étnico para caracterizar a defender a cidade nestes termos:

⁸⁸ <https://www.esmaelmorais.com.br/2016/07/luiz-claudio-romanelli-parana-terra-de-todas-as-gentes/>

⁸⁹ Foi diversas vezes encampado em discursos políticos nesta última década. Encontrar narrativas semelhantes em outras cidades do estado do Paraná, incluindo a capital Curitiba, não é uma tarefa difícil. Foz do Iguaçu em sua imagem portadora de diferentes etnias ganha mais evidência por estar localizada em uma região de fronteira

Os visitantes que chegam em Foz do Iguaçu, na Tríplice Fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, se surpreendem com a cultura das 80 etnias que compõem a população local. A região é exemplo para o mundo de convivência pacífica entre povos de diferentes costumes e nacionalidades. Os traços dessa variedade cultural se refletem nos hábitos peculiares - religião, vestuários, alimentação e línguas - encontrados somente nesta fronteira. A comunidade árabe da Tríplice Fronteira tem uma ampla estrutura com direito a uma mesquita e quatro escolas. Esse comércio de serviços atende especialmente os migrantes, em sua maioria vindos do Líbano (DE MARTINS e RUSCHMANN, 2010).

Outro conflito sintomático que detectamos em nossa pesquisa, é que existem claros e evidentes interesses na narrativa indigenista nos atrativos do turismo local. Um desses conflitos está relacionado ao olhar turista no Centro de Visitação de Itaipu, mas especificamente no Polo Astronômico, Casimiro Montenegro. Neste local é facilitado ao visitante/turista, da Terra das Cataratas, conhecer quase como um lapso de memória mais sobre a astronomia guarani e seu uso para navegação (i.e., a orientação cartográfica) no interior do continente pelos diferentes caminhos pré-existentes antes da colonização e o qual destacamos o mais importante, o Peabiru.

Em uma imersão na imagem turística do Polo Astronômico, observamos a cartografia do espaço sideral que foi produzida pelas populações nativas, chamando atenção para o povo Guarani. Entretanto ela permanece relegada à sombra da astronomia positivista e simplesmente, quase desaparece, diante do espetáculo cênico com sons e luzes promovido no planetário existente no polo astronômico. Assim, uso de som e imagens projeta o olhar turista neste espaço que também é educacional. De outro modo, chamamos atenção também para outra proposta que contribui para revelar as sombras do turismo local e foi apresentada no “I Encontro Nacional dos Estudiosos do Caminho do Peabiru” (Pitanga, PR, 2003).

Nos termos do projeto, tratava-se da criação de um roteiro turístico supostamente capaz de atender a modalidade do turismo de peregrinação ligado a cosmovisão guarani⁹⁰. Dentro desta lógica o turismo seria um instrumento para recuperar e valorizar o “Caminho do Peabiru”, chamando atenção o fato de a versão impressa do Encontro (Cadernos da Ilha, N. 2” (2004) receber o apoio de Itaipu Binacional. Desta forma pudemos enxergar os interesses ligados ao turismo pela atuação da própria Itaipu Binacional que fazendo uso de sua publicidade defende:

(...) todos os caminhos levam à integração da América do Sul (...) mais do

⁹⁰ Algo associado a uma “espécie de Caminho de Santiago de Compostela da América do Sul”, organizado através dos governos estaduais de Paraná, Santa Catarina junto do Paraguai.

que uma rota histórica, o Caminho do Peabiru, é também uma rota turística que merece ser descoberta. A Itaipu Binacional, localizada no meio da rota original, aplaude a tentativa de recuperação do Caminho do Peabiru e sua transformação em roteiro de peregrinação e integração cultural dos povos da América do Sul (CADERNOS, 2004, n.2).

Todavia, o projeto referido acima não foi concretizado, tampouco teve efeitos em termos mais reveladores da suposta potencialidade turística do Caminho do Peabiru. Entretanto, com este argumento é possível demonstrar como se dá a “conveniência no uso da cultura” no contexto de encontros fronteiriços em que ocorrem choques de narrativas que se hibridizam.

Em outro destaque, chamamos atenção para mais uma face das sombras do turismo e ele está ligado à produção do artesanato guarani no Programa Trinacional Nhandeva. Através deste projeto, encontramos um modelo pelo qual a cultura popular ou tradicional guarani passa a estar vinculada aos centros turísticos de Itaipu Binacional e Parque Nacional do Iguçu. Assim, a produção do artesanato é reconhecida como uma forma de inserção e mercantilização da força de trabalho das populações nativas no mercado mundializado da cultura. Neste sentido encontramos no antropólogo Néstor García Canclini, aproximações sobre o uso da cultura popular na fronteira entre os EUA e México, pois para este autor, as comunidades locais da América Latina são inseridas no mercado global através de dois elementos: o tráfico de drogas e turismo⁹¹. Também destacamos o evento turístico que ocorre no Parque das Aves. Lá encontramos outro exemplo desta inserção da cultura guarani ofertada para o consumidor turista, através de rituais indígenas com mostras da sua culinária típica.

Neste sentido, observamos que os rituais que conectam o consumidor turista com a ancestralidade dos ditos protetores e guardiões da floresta, são na verdade pseudos-rituais ou, em um uso mais adequado da expressão, pseudo eventos (BOORSTIN 2012) na América Latina. De outro modo, também encontramos o uso alegórico da cultura guarani no “Museo De La Tierra Guarani” na cidade de Hernandaria no Paraguai e do qual existe uma interessante análise antropológica tratando da representação museográfica da

⁹¹Ainda que seja bastante reducionista a posição sobre as comunidades locais de Garcia Canclini o antropólogo coloca a própria Sociologia da Mundialização frente a uma condição dúbia” sobre a que serve a Sociologia do Turismo ao absorver tais impactos (i.e., da mundialização) nas localidades que ligam-se ao mercado global.

fronteira (STERLING 2011)⁹². Do outro modo, assim como os demais exemplos aludidos, esta inserção das populações guaranis no mercado turístico local, revelam algumas das tensões quanto às representações turísticas existentes sobre a própria população guarani da Tríplice Fronteira. Tal apropriação revela as marcas sombrias da colonialidade que envolve e até mesmo seduz alguns operadores do turismo na Itaipu Binacional.

Portanto, podemos reconhecer que alguns dos problemas desta inserção vão desde a romanização no modo como estão alocadas estas populações na região, mas ganha forma crítica e perversa, através das evidentes contradições entre passado, presente e futuro quanto ao vínculo concreto com o turismo nas comunidades MBYÁ da região da Tríplice Fronteira (GONZÁLEZ CÁRDENAS 2018). Para isso, recordamos a própria história e trajetória institucional da Itaipu Binacional que oculta em suas sombras da Maravilha da Engenharia Moderna, o problemático desalojo de milhares de indígenas da região atingida pelo lago artificial.

Chamamos atenção novamente para a reportagem produzida pelo jornalista Cley Scholz e para o jornal “O Estado do Paraná”, intitulada: “Índio Muda de Parque”. Nela, o jornalista relata sobre a decisão do índio Pedimar Porã de morar no Parque Nacional do Iguazu próximos a Cataratas. Pedimar decidiu deixar a cidade (Guaíra) quando as Sete Quedas forem encobertas (O ESTADO DO PARANÁ 1982). Abaixo destacamos o recorte da matéria publicada pelo jornal aludido (IMAGEM 28).

IMAGEM 28 - Reportagem O Estado do Paraná 1982



⁹² O acervo reúne coleções com artefatos indígenas e simboliza também uma forma de inserção das populações autóctones no mercado simbólico do destino Turístico-Transnacional do Iguassú.

Fonte: O Estado do Paraná (1982) in. Pinterest

De outro modo, mesmo quando nos afastamos do exemplo da empresa Itaipu Binacional, encontramos evidências de quão nas sombras do turismo estão as populações originárias da região. Com base no que foi dissertado até o momento, podemos parafrasear o escritor Rafael Barrett: *“inofensiva sombra errante, quizá enamorada de la tierra donde se formó (...) expulsado, hubiera hallado hospitalidad en cualquier pueblo. Pero se le ocurrió desembarcar en su patria, y esto lo ha perdido”*. (BARRETT, 1908 texto: “El Estado y la Sombra” [1908])⁹³. Como expressão da autenticidade cultural ou intercultural da região de fronteira, as populações guaranis em todos os casos são confundidas com apresentações cênicas e teatralizadas, quando não com a ideia irreal e idealizada de uma natureza intocada e selvagem.

Destacamos que para uma melhor enunciação um trecho do documentário “Pueblos Originários - Episódio” produzido pelo Canal Encuentros e que trás a fala do líder religioso Rodolfo Chamorro:

Antes no había enfermedades, nuestros alimentos eran naturales. Sacabamos los medicamentos de la naturaleza, pero el blanco aniquiló la selva y trajo sus enfermedades que no podemos controlar. Por eso tenemos que recurrir a la medicina blanca. Donde antes vivíamos nosotros el blanco hizo las ciudades. Con los huesos del indio el blanco se hace sombra ...” (CHAMORRO, R. 2007).

Portanto, a cidade de Foz do Iguaçu constitui ela própria, uma pedra no caminho e o turismo um remédio? Considerar tal indagação ainda que distante do contexto de Foz, permite reconhecer que ainda precisamos de pesquisas que tratem de dimensionar de maneira crítica os seus efeitos deste remédio, seja ele um placebo ou colateral.

Este parece ser o principal ponto de tensão nas relações turísticas que envolvem as “comunidades locais” como recurso do turismo internacional. A ‘integração’ das populações guaranis na identidade cultural das cidades de Puerto Iguazú na Argentina, Ciudad Del Este, Hernandarias e Presidente Franco, no Paraguai. Talvez esta tarefa seja um caminho para uma Sociologia e Antropologia do Turismo na Terra das Cataratas. Possivelmente um esforço de análise que vai neste sentido de revelar as sombras e luzes do turismo local. De

⁹³ Ainda que a máxima de Rafael Barrett oriente-se em outro período político do continente, em sua metáfora encontramos aquelas identidades culturais que estão invisibilizadas ou pelo menos, andam “na sombra da maravilha” do turismo na Terra das Cataratas”.

outra maneira, observamos na realidade presente que as populações originárias quase sempre representadas, quando não tratadas, como o outro na cidade de Foz do Iguaçu. Porque não dizer, um estrangeiro na própria terra!

Destacamos que na outra face desta mesma moeda de aposta no turismo étnico ou religioso, existem sombras relacionadas à existência de templos, rituais religioso e cerimonial de matriz africana, ainda quando os mesmos existem na cidade, eles não fazem parte do roteiro turístico e, principalmente, da cartografia da Terra das Cataratas / “Terra de Todas as Gentes”⁹⁴. Por outro lado, identificamos que o turismo religioso/cultural passa seu roteiro e itinerário de ônibus, “City Tour de Foz do Iguaçu”, pelo conhecido “Templo Budista” e “Mesquita de Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este.

Sobre isso encontramos narrativas acadêmicas que permitem uma melhor problematização e que desde a perspectiva do patrimônio histórico e arquitetônico, destacam a potencialidade turística através do patrimônio cultural com significado histórico para a cidade. Uma contradição dado que não há políticas públicas e leis de tombamento que garantam a integridade desses bens patrimoniais na cidade (RIGOBELLO 2006)⁹⁵. Desde o ponto de vista do patrimônio cultural imaterial, problematiza-se às possibilidades e limitações do turismo étnico através da presença árabe na região (CARDOZO 2004; CARDOZO e DEMCZUK 2015). Contraluz do turismo se projeta esta “Mesopotâmia Encantada” pelos discursos sobre a presença muçulmana na região (OLIVEIRA 2015). Nela se oculta, o fato que a pertença árabe na Fronteira Trinacional ter ganhado projeção internacional no contexto de securitização da Tríplice Fronteira após 11 de setembro de 2001 (SOUZA 2017; OLIVEIRA 2015). Afasta-se assim de uma suposta relação não conflituosa dessas narrativas. De outro modo, identificamos que a presença de língua chinesa e árabe nos espaços da cidade de Foz do Iguaçu (YU 2019; JALIL 2018) ou qualquer grupo cultural destacável, não configura ela própria (i.e., a presença destas comunidades ou identidades) como um atrativo para o turismo.

⁹⁴ Problematizar esta dimensão das sombras do turismo, não significa reivindicar tal tomada de posição pelos praticantes dessas religiões ou ainda, despertar o interesse dos operadores do turismo. Tão pouco significa que não existam formas de práticas turísticas ligados aos templos de Umbanda e Candomblé da cidade de Foz do Iguaçu. Apenas reforça a ideia de que existem sombras que se ocultam frente a imagem da cidade turística que se caracteriza pelo discurso multi e pluri étnico.

⁹⁵ Para a autora as modificações históricas ocorridas pelo processo de colonização contribuiria para o patrimônio histórico edificado da cidade,

Nas sombras desta multiculturalidade oblíqua que satisfaz o mercado, há grupos étnicos ou religiosos que não são incorporados nestas narrativas ligadas ao turismo. Por exemplo, os grupos de descendentes judaicos, sejam praticantes ou secularizados, que vivem e existem na região da Fronteira Trinacional, não encontramos evidências de sinagogas, por exemplo, ou ainda qualquer referência em trabalhos acadêmicos quanto sua presença na região, se não, quando tratadas pela atuação do serviço secreto de Israel, como fundamento para suposta presença nazista e terrorista na região da fronteira (MONTENEGRO 2006; FERREIRA 2010; SILVA 2014; SOUZA 2017).

Neste sentido, reconhecemos que há uma construção de mão dupla que faz confundir a encarnação de valores interculturais e integração entre os povos, com os interesses estéticos e visuais do mercado do turismo. Por suposição, o consideramos um etnocentrismo configurado pela cartografia do turismo e vínculo das comunidades étnicas locais com o comércio ou, os bens simbólicos/materiais da região. A multiculturalidade interétnica, a pluralidade linguística e gastronômica ou ainda, a religiosidade intercultural que desperta atenção do mercado mundial. De outro modo, também contribui para ocultar e invisibilizar as tensões mais evidentes e os conflitos existentes nesta realidade que conecta-se ao sistema-mundo. Posto contraluz, o turismo cultural na região assume expressões estetizadas e estandarizadas das identidades culturais.

Como exemplo, temos o tango espetáculo binacional (OLIVEIRA 2018), shows em resorts, cassinos e hotéis que contribuem de maneira estratégica para expressão cênica do turismo cultural, como no “Show Latino” que entrou no “Guinness Book” como o espetáculo com “maior número de danças nacionais apresentadas em um jantar com show”⁹⁶. Tal caracterização coloca Foz do Iguaçu contraluz quando problematizada nos termos sociológicos de análise de George Yúdice (2006). O sociólogo estadunidense encontrou na cidade de Miami na Flórida - EUA e fronteira de Tijuana- MEX com San Diego - Califórnia exemplos cabais do usos estratégico da cultura latino-americana para a conveniência do turismo. Ele reconheceu que em Miami a mudança na identidade visual da cidade decorre de quando a mesma passou a ser vendida e ofertada pelos operadores do turismo como: a

⁹⁶ Segundo o sítio do restaurante: “é uma viagem incrível que o cliente faz pela Argentina, Brasil, Paraguai, Colômbia, Bolívia, Uruguai, Chile e México em uma única noite”

“capital cultural da América Latina” (YÚDICE 2006).

Através da fronteira dos Estados Unidos com o México, mais precisamente na cidade de Tijuana - Baja California, Yúdice mostrou com evidências o uso simbólico e conveniente da imagem hibridizada que a “cultura de fronteira” proporciona naquele contexto. Assim como o sociólogo, reconhecemos a existência de uma indústria cultural local e que dá forma a uma narrativa turística que acompanha a representação latino-americana da cidade. Por sua vez o caso de Foz do Iguaçu, está assentada no discurso da fronteira e seu interesse na conformação do Mercosul, constituindo a mesma como uma espécie de reflexo de Miami que pode ser caracterizada de modo semelhante ao de a capital intercultural do Mercosul? Talvez os operadores e gestores do turismo local ainda não tenham despertado para tanto, mas quem sabe em um futuro veremos proposições do tipo.

Com base na análise desenvolvida por Yúdice, em Foz do Iguaçu temos uma disposição parecida que revela-se pela atuação orquestrada da planificação territorial da Fronteira Trinacional que gradativamente passou a incorporar a cultura latino-americana como elemento para promoção do olhar do turista na Terra das Cataratas. Esta representação latino-americana se expressa em ações governamentais, como na institucionalização da Universidade Federal da Integração Latino-americana - UNILA, em 2010. Tal representação também está marcada na postura e narrativa dos gestores do turismo, mas que longe de serem admitidas como valor da multiculturalidade, heterogeneidade e pluralidade da população, tais manifestações expressam algumas das sombras na elaboração estratégica do cotidiano sob o princípio visual e estético do turismo. A Terra de Todas as Gentes faz, portanto, parte do maravilhamento contemporâneo proporcionado pelo mundo da mercadoria sobre o rótulo da diversidade cultural e hibridação latino-americana que é em grande medida proporcionada pela imagem da fronteira.

O turismo de compras (especialmente ligado aos produtos eletrônicos da China e Estados Unidos) na zona franca de Ciudad Del Este - Paraguai, ainda é um diferencial no turismo local. O traslado na fronteira internacional converte-se num elemento importante na relação turística do Brasil com o Paraguai⁹⁷. Foz do Iguaçu em sua dimensão simbólica,

⁹⁷ Por exemplo, durante o período de pandemia o secretário municipal de Turismo de Foz do Iguaçu, Gilmar Piolla em entrevista afirmou: “a ideia é desenvolver um novo segmento do setor e a meta atrair em torno de 25% do público que viaja para destinos de compras mundialmente famosos, como Miami, Paris e outros (...) “o

turística e fronteiriça, ainda é uma das principais zonas de comércio transfronteiriço no mundo. Este fato pode ser reconhecido quando o secretário municipal de Turismo de Foz do Iguaçu, Gilmar Piolla sustentou durante o período de pandemia em entrevista: “a ideia é desenvolver um novo segmento do setor e a meta atrair em torno de 25% do público que viaja para destinos de compras mundialmente famosos, como Miami, Paris e outros (...) “o Turismo de compras será um chamariz para recuperarmos ainda mais rapidamente o movimento perdido para a pandemia”⁹⁸. Assim a cidade de Foz do Iguaçu, convertida definitivamente no “Destino do Mundo” no século XXI, está para além da simples representação do colonialismo que decorre da conversão do patrimônio cultural e natural em lugares turísticos. Porém, são valiosas as ponderações que reconhecem a conquista colonial contemporânea no turismo internacional como uma fronteira em marcha do capitalismo contemporâneo.

Nela encontramos a exploração da força de trabalho e apropriação simbólica e cultural nos espaços denominados para o turismo (COSTA 2010). No contexto atual a invasão representada pelo turismo decorre da flexibilização do trabalho proporcionada pelas plataformas digitais. Estudar o turismo neste marco se faz necessário, pois nele estão plasmadas alguns dos mecanismos pelos quais ocorrem às novas relações turísticas que acompanham as ditas relações de dados no século XXI.

Reconhecemos que em paralelo as sombras dos megaeventos da Copa do Mundo e Olimpíadas, melhor representado pelo “legado da copa”, está para além do incremento na infraestrutura turística e hoteleira simbolizada pelos PAC’s (Projeto de Aceleração do Crescimento), mas sim a entrada das relações de dados representadas inúmeras pelas plataformas digitais vinculadas o turismo como processo permite refazer a forma como ocorre a relação entre local e global através do turismo. Para o interesse de pesquisa as plataformas que estão ligadas diretamente a economia setorial de turismo e viagens destacamos algumas: Airbnb, Booking, Tripadvisor, Trivago, Worldpackers, Collab Tour e Workway além de inúmeros sítios para venda de milhas. Todos estes são centrais para compreender o modo como ocorreu a flexibilização do trabalho, a digitalização no acesso à

Turismo de compras será um chamariz para recuperarmos ainda mais rapidamente o movimento perdido para a pandemia”. In. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/foz-do-iguacu-aposta-no-turismo-de-compras-para-restabelecer-economia> acesso em 02 de setembro de 2020.

⁹⁸ In. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/foz-do-iguacu-aposta-no-turismo-de-compras-para-restabelecer-economia> acesso em 02 de setembro de 2020.

hospedagem, passagens e transporte turístico.

Como destacamos antes, são cinco séculos de história (COLODEL 1988 e 2002) que parecem fundir-se pelo encontro de três soberanias que disputam e compartilham o mesmo universo simbólico e narrativo. Muitas das narrativas ligadas ao turismo internacional decorrem da manutenção simbólica dos projetos civilizatórios, seja ele colonial ou moderno ligado à história cultural da região. Sobre este aspecto, o turismo que se mundializou após a segunda metade do XX, e está se digitalizando no século XXI. Por ele se reconstrói às novas fronteiras civilizacionais que buscam satisfazer o novo paradigma civilizatório em sociedades dependentes de tecnologia, mas principalmente de infraestrutura para a capitalização de dados. A dependência econômica do colonialismo tradicional, distende-se para a esfera da digitalização dos capitais e altera também as relações turísticas⁹⁹.

Essas novas relações turísticas que estão mediadas e organizadas através das plataformas digitais de socialização/consumo, ainda estão por serem analisadas em termos de impacto nas localidades de destino. Observamos a logística na hospedagem e transporte como uma nova dimensão da concentração desigual contemporânea (GALLAGHER 2018). O marketing e manipulação digital (SRNICEK 2017), demonstram que o uso de dados pessoais longe de anunciar ‘novo normal’ ligado ao Covid-19, já é um processo em andamento que detém sua historicidade. Assim, ao observar sua entrada no turismo na América Latina uma forma de colocá-lo contraluz dos nossos problemas históricos e dentro do atual contexto-cenário.

O turismo no século XXI, envolve e transborda a fronteira incorporando as identidades culturais, fazem as fronteiras simbólicas e históricas, serem ‘(re)desenhadas’ pelo turismo e, nela estão grafadas a expressão da conquista colonial contemporânea. Por conta da nova cartografia turística que se digitaliza-se no curso da dataficação do mundo, Foz do Iguaçu é convertida também, numa expressão simbólica das novas conquistas da humanidade, tal como observa Everaldo Costa sobre as cidades do turismo global:

(...) é o caminhar de um processo que parte da valorização do espaço, através da conquista colonial e do trabalho depositado nos lugares denominados pelo capital (do século XXI), a confirmação de uma possível eternidade que se adapta aos novos tempos. Em uma dialética entre manutenção e a transformação como

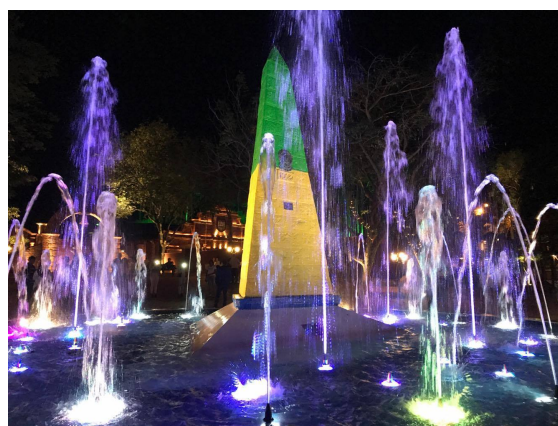
⁹⁹ Evidenciado pela chegada da plataforma global de investimentos em infraestrutura digital *Digital Colony* no Brasil, que iniciará a construção do maior data center da América Latina, com capital 100% estadunidense.

validação do testemunho pela constante transformação ou adaptações. (COSTA, 2010, p. 51).

Como exemplo desta adaptação e inovação, identificamos o “Novo Marco das Américas” algumas das “sombras” daquilo que foi a territorialidade das missões jesuítica-guarani ou reduções nos séculos XVII¹⁰⁰. A história local representada pela conexão entre as populações nativas pré-colombianas e a classificação do patrimônio natural representada pela UNESCO, faz apenas um recorte simbólico do processo que existiu no passado, para uma recriação cênica como está evidente no “Memorial Cabeza de Vaca”.

Além disso, observamos junto da reificação do “Marco das Três Fronteiras” uma marca significativa dos motivos pelo qual não é possível confundir a oferta para o consumo do turismo, com a própria realidade cultural do destino do Iguaçu. Assim chamamos atenção para a imagem que retrata a transformação no espaço do obelisco na margem brasileira da Fronteira Trinacional. Aqui o Marco das Três Fronteiras (Marco das Américas) converte-se num exemplo concreto do modo como o mercado torna-se capaz de incorporar e colonizar a paisagem ao projetar luzes nos espaços de interesse que se adaptam para o consumo turístico (IMAGEM 29).

IIIMAGEM 29 – Marco das Três Fronteiras (Marco das Américas 2013 e dias atuais)



¹⁰⁰ Para compreender as relações entre o turismo operado nas ruínas jesuíticas que estão registradas na lista da UNESCO e situadas ao longo da fronteira entre Brasil e Argentina, destacamos os trabalhos de Ana S. Biessek (2004) que caracteriza o vínculo entre o “turismo e a interpretação do patrimônio” nas ruínas de São Miguel das Missões - RS. Bem como, do outro lado da fronteira e no território argentino, Ivanete T. Schumann (2012) busca compreender as relações entre “memória e patrimônio” através do olhar do turismo e/ou do “olhar turista” nas ruínas de San Ignacio Mini - AR, Misiones. Ainda que não estejam localizados na Tríplice Fronteira, mais ao sul na fronteira riograndense. Ambos trabalhos servem para traçar comparativos e interpretar o que significa do ponto de vista ideológico a conversão do patrimônio colonial e barroco, em espaços adaptados para o empreendimento turístico como expressão do sacrifício histórico.

Fonte: Google imagem.

De outro modo, a inovação não escapa de reproduzir suas sombras pela cartografia colonial ao ser ressignificada para o turismo. Assim a multiculturalidade, alteridade e construção do cotidiano pela diferença, não podem ser excluídas ou negligenciadas pelos pesquisadores do turismo. Entretanto, há diferença entre uma suposta experiência com o autêntico e o intercultural, com a mera e simples aparência para o turismo. Assim ao contrário, devemos ter em mente tal nuance simbólica para que estes lugares adaptados sejam postos contraluz pelas futuras análises acadêmicas para uma melhor visualização das relações de poder e fetiche associado ao consumo da cultura na Terra das Cataratas.

Na América Latina podemos reconhecer que as cidades da humanidade decorrem da '(re)invasão colonial'. Nelas a paisagem histórica e cultural-natural são assumidas e tratadas como matéria-prima para o turismo. A cultura neste contexto é convertida em um mero recurso econômico que passa a se configurar como um *commodities* do turismo internacional, algo que altera drasticamente seu sentido e significado no século XXI (YÚDICE 2006). Por ela, a cidade da humanidade que é sobretudo turística, podemos caracterizar os estereótipos e dubiedade cultural que estão ligados ao continente. Além disso, também podemos constatar a reprodução da moral política relaxada, as desigualdades sociais, culturais e econômicas, bem como, as crenças em uma suposta liberdade sexual (NETTO e TRIGO 2016, p. 16), de modo que a imagem ambígua do turismo, convive com inserções marginais por práticas turísticas realizadas no continente e que só podem ser encaradas de maneira conveniente, pela lógica de exploração turística neocolonial.

No caso de Foz do Iguaçu, o turismo assume uma interface direta com a exploração sexual, violência e tráfico de mulheres, transexuais e adolescentes (MORAES 2009; PEREIRA 2010; MAIA 2012; SPULDARO 2012; PATRUNI 2018). Além disso, existe uma clara vulnerabilidade em relação às crianças e adolescentes que vivem e trabalham na Tríplice Fronteira (LEGNANI 2006; MORAES 2009; MARQUETTI 2017; AYALA 2018). Os índices de violência e mortes da região, a securitização e combate ao descaminho, também contrastam-se com a ideia que busca reconhecer uma cidade constituída como exemplo para o mundo (DOLZAN 2019; KLEINSCHIMITT 2016). Certamente também está longe de

representar a convivência pacífica entre povos de diferentes costumes e nacionalidades. Observamos ao contrário uma intensa segregação urbana (SOTUYO 1998).

Neste esquadro, inserimos a teatralização e encenação para o turismo, como parte do novo servir e devir civilizacional. Uma face da exploração e dominação que demonstra o modo como ocorre a apropriação dos saberes e práticas dos grupos étnicos e identitários. O complexo turístico “Dreamland” por exemplo, é uma sombra *sui generis* do turismo internacional, pois nele estão o Museu de Cera e Parque dos Dinossauros, além de maquetes que trazem as “Maravilhas da Humanidade”. O mais recente empreendimento que acompanha esta tendência é o “Hard Rock Hotel”. Ele dá sinais do modo como ocorre esta invasão lenta, gradual e descontrolada através do turismo na contemporaneidade¹⁰¹. Nesse complexo existe uma clara expressão da entrada da cultura de massa hollywoodiana e sua imagem autocentrada nas paisagens internacionais. Filmes e atores são tratados como uma marca da cultura mundializada aproximando Foz do Iguaçu da afirmação bourdieusiana que concebe: “*para las víctimas de la globalización unilateralmente empresarial, supone una pérdida de su control sobre el presente y de su capacidad para prever lo que les depara el futuro*” (BOURDIEU apud. BAUMANN 2017, p. 196). Sustentamos que é sobretudo diante desta complexidade e incerteza quanto ao futuro que se faz ainda mais necessário, realizar um estudo que revele a múltipla natureza do turismo em Foz do Iguaçu - Terra das Cataratas.

¹⁰¹ Ambos empreendimentos conectam a cidade e seu produto simbólico nas “Cataratas do Iguaçu” ao produto cultural da mundialização, como por exemplo nas maquetes das “Maravilhas da Humanidade” no complexo Dreamland.

CONSIDERAÇÕES

Encerramos aqui nosso percurso, esperando ter dissertado - como o título do trabalho enuncia - sobre o turismo na Terra das Cataratas - Foz do Iguaçu, Paraná - Brasil.

A Terra das Cataratas é portanto constituída ao longo de mais de cinco séculos de registros e relatos de viagens junto aos saltos e cataratas do Oeste do Paraná. Algo que extrapola muitas vezes e não é raro que assim seja, à própria dimensão do turismo. Tipificar as diferentes narrativas de viagens (pré-turísticas ou turísticas na região da foz do rio Iguaçu) foi um primeiro passo neste sentido, mas ele não cessa nesta etapa. Faz-se necessário, portanto, também identificar uma realidade turística que está para além da face maravilhosa das Cataratas. Aquela que se reproduz por lógicas perversas de dominação, exploração e poder ligados ao turismo. Isto é, o turismo que caminha nas “sombras da maravilha”. Esta dissertação de mestrado apontou nesse caminho.

Em outras palavras, colocar o turismo contraluz significa instituir um modelo de percepção analítica capaz de destruir as categorias originadas no senso comum e que entram por contrabando nas fronteiras do conhecimento científico. Este caminho permite uma melhor identificação da cidade turística desde sua realidade ligada ao cotidiano e mitos associados ao turismo. A “Terra das Cataratas” - “De Todas as Gentes” enquanto um “Destino do Mundo” é um objeto de estudo a ser conquistado pela pesquisa acadêmica.

Em nossa pesquisa esta conquista precedeu um processo de investigação que buscou identificar o interesse acadêmico pelo tema da fronteira desde a primeira metade do século XX. Nele demonstramos quando a fronteira passou a ser interpretada como espaço que delimita o território do Estado e uma população correspondente. A fronteira identificada como o limite da cultura material e imaterial, do patrimônio e do espírito orientado pela identidade nacional, puderam ser enxergadas como uma zona de influência (ideológica e cultural) no limite do território da soberania de um Estado e também, associadas a como valores como: democracia política, liberdade econômica e relações internacionais. Outra acepção produzida na Europa, foi identificada como sendo de um tipo bélica e militar, e também, aquelas identificadas pelo colonialismo e imperialismo, através de oposições entre nacionalismo e universalismo que em conjunto demarcam a emergência por doutrinas geopolíticas para o Ocidente.

Esta emergência também teve seu impacto nos Estados Unidos, quando uma linha de interpretação alternativa representada pelo posicionamento materialista-utilitarista (economicista) tomou como critério explicativo para as fronteiras americanas a invasão e conquista colonial. Na base ideológica destes estudos, de corte mais histórico-econômico, está a ideia de *liberdade econômica e política* (democracia) como fundamento sobre as fronteiras estadunidenses e mito da nação moderna. Desde a perspectiva acadêmica identifica-se na denominada escola turneriana de historiadores, uma virada na chave de explicação das fronteiras no Ocidente, mas também marcas do nacionalismo, etnocentrismo e determinismo geográfico característica da geografia colonial.

Na América Latina, identificamos sequelas da emergência das doutrinas geopolíticas em base aos fundamentos nacionalistas e universalistas. Porém, na região os estudos das fronteiras tiveram uma marca própria que contornaria a retórica do vazio demográfico e discurso da natureza selvagem e intocada, supostamente em favor do pioneirismo do colono-imigrante. Os argumentos sobre a constituição das fronteiras na região se sustentaram em base aos processos civilizacionais pré-colombianos existentes no continente. Da crítica pós-colonial, incorpora-se o discurso da fronteira como elemento central na crítica da identidade nacionalista na região. Por isso, muito mais que meras abstrações ou delimitações entre limites culturais e geopolíticos, nas fronteiras da América Latina, estão plasmados diversos conflitos ideológicos e simbólicos e antropológicos que acompanham a colonização e o colonialismo por mais de cinco séculos.

Observamos dois conceitos como sendo considerados centrais para crítica e interpretação das fronteiras latino-americanas: interculturalidade e hibridez cultural; conformado uma espécie de chave explicativa das fronteiras ou cultura na fronteira da América Latina e América do Sul. Entretanto, a exacerbação de estudos assentados nas noções de hibridização e cruzamento de limite, ainda que importantes, não fazem justiça à especificidade do lugar da fronteira, nem fazem jus ao modo como as pessoas enfrentam os desafios impostos pela migração, pelas condições trabalhistas flexíveis nas relações transnacionais como caracteriza o sociólogo George Yúdice.

Sustentamos por estes argumentos, cautela ao reconhecer ou caracterizar a hibridação e cultura transfronteiriça como valor único nas relações sociais/culturais neste

lugar de encontros e afastamentos de narrativas em disputa como ressalta Alejandro Grimson. São também um espaço absoluto do poder estatal e lugar espaço simbólico como local da cultura, mas também como localidades construídas pela sociabilidade e cotidiano dos sujeitos ligados aos desvios e formas de inserção marginal das comunidades locais.

No caso específico do Brasil, os estudos da fronteira datam da segunda metade do século XX, e neles podem ser identificados três eixos: o diplomático, o militar e geográfico (i.e., físico e cultural), marcados por uma variação na interpretação das diferentes regiões do Brasil - sendo elas: “platina”, “pantaneira” e “amazônica”. Estes estudos refletem o contexto histórico de sua produção, bem como o lugar de enunciação onde está localizado(a) cada pesquisador(a). Para atender aos objetivos da nossa pesquisa observamos os desdobramentos territoriais ligados às colônias espanholas e portuguesas e, no Brasil Meridional, seu vínculo com a constituição da denominada “fronteira guarani” e “fronteira platina”. Por sua vez, estas fronteiras também são destacadas por sua referência ao terreno acidentado e declinado nos rios Paraná e Iguazu. Nelas estão situadas a imagem excepcional das grandes Cataratas do Iguazu e Guaíra como referência ao sentido mais amplo da fronteira (i.e., geopolítico colonial e moderno - cultural e econômico). Uma fronteira que pode ser acompanhada pelos relatos ou narrativas das viagens modernas (exploratórias e científicas) e também pelo turismo internacional no século XXI.

Ainda no primeiro capítulo discutimos a relação dialética entre as motivações para as viagens turísticas ou não-turísticas, buscamos instrumentos teóricos para reconhecer como as fronteiras internacionais passaram a ser caracterizadas por uma “nova vocação” - uma “vocação turística” que faz referência às relações internacionais e o surgimento dos megablocos econômicos (NAFTA, UE e Mercosul) no final do século XX. Identificamos a relação histórica entre as fronteiras e o turismo, seu vínculo quase originário com uma das mais famosas cataratas do mundo, no Niágara (fronteira entre o Canadá e os EUA) o efeito do desenvolvimento do turismo nesta fronteira e seus desdobramentos para a planificação territorial e turística dos parques nacionais espalhando pelos países da América Latina. Caracterizamos também, as diferentes formas de apropriação e adaptação das ‘cachoeiras’ e ‘cataratas’ para o lazer, consumo turístico e seu uso como fonte de recurso energético.

Os apontamentos identificados em nossa investigação, com os casos do

Niágara, Vitória e Iguaçu, a dimensão da riqueza geológica, e genética, confrontam sua notoriedade estética com o lugar fronteiro adaptado para receber turistas. Observamos em nossa pesquisa, que as cachoeiras são consideradas um tipo exclusivo de recurso cênico, e do mais alto valor para o mercado cultural e simbólico, por isso elas se converteram gradativamente numa matéria prima para o turismo internacional. Constatamos que é a alta qualidade e sofisticação estética proporcionada por estas paisagens icônicas da natureza, o elemento simbólico que propicia que alguns locais relativamente remotos produzam um desenvolvimento turístico. Assim as cataratas enquanto atrativo e recurso turístico, tornam-se um elemento do valor de troca e em alguns casos, um fundamento para a própria organização estratégica do território e espaço, dado seu valor cênico ligado à emergência ecológica global.

A segunda parte, o capítulo que condensa o título “O Turismo na Terra das Cataratas”, caracterizou-se por um estudo de tipo histórico-sociológico narrativo sobre as relações entre o turismo, fronteiras e as Cataratas do Iguaçu. Nele caracterizamos as múltiplas relações que envolvem a dimensão da fronteira e turismo na realidade social, econômica e cultural de Foz do Iguaçu. Antes da cidade turística, tratamos da Iguassu Indo-Platina como sinônimo de um período de ocupação secular ligado aos relatos e estudos sobre o Caminho Peabiru, delimitação e fortalecimento para ocupação das fronteiras de exploração portuguesa e espanholas no Cone Sul.

Nesta Iguaçu Indo-Platina, a hibridação e defesa militar das fronteiras exercem um papel central nas reduções jesuíticas-guaranis e cidades espanholas no Guairá (região do atual estado do Paraná). Identificamos também que a ocupação das terras florestais obedeceu a uma penetração silenciosa e sorrateira, diferente de uma fronteira em marcha empenhada pelo colono pioneiro. Reconhecemos de outro modo, que os efeitos desse movimento secular e gradual para a fronteira, foi evidente no final do século XIX, pelos interesses econômicos da oligarquia paranaense que foi caracterizada como oligarquia do mate e alinhada à distribuição da cartografia das colônias militares de Chopim, Chapecó e Foz do Iguaçu no período do Império do Brasil. Observamos com isso, que até meados do século XX, Foz do Iguaçu ficou caracterizada como a “cidade platina brasileira” representada pelo período de ocupação do oeste paranaense ligado às obras de extração de madeira e erva-mate, cujo estereótipo constituído pela historiografia regional, defende ser este um período “pré-moderno”, “pré-Itaipu” ou, “pré-turístico”, tal como reconhecemos para os fins da nossa

dissertação.

A modernização da cidade da fronteira, foi simbolizada pela vigilância sobre a população local e maior controle burocrático e ideológico. Ela acompanhou a integração de Foz do Iguaçu às redes de circulação transnacional entre os países da Fronteira Trinacional e já na década de 1950, é o momento que Foz do Iguaçu ganhou contornos sociais e culturais impulsionados pelas obras de infraestrutura urbana, como a construção da Usina de Itaipu Binacional e Ponte da Amizade. Acompanhando essas obras, vimos uma maior produção científica e literária em relação a realidade da cidade. Nela também observamos a eclosão do comércio transfronteiriço e as melhoras na prestação de serviços ligados à atividade turística. Já para um maior aprofundamento no estudo do turismo na Terra das Cataratas, diferenciamos as viagens de tipo turística das viagens modernas/pré-turísticas e observamos a contemplação das cataratas pelo olhar turista, como um critério fundamental para identificar o recurso específico existente na região. Por outro ponto de vista, chamamos atenção para as múltiplas geografias e cartografias que se ocupam das Cataratas.

Concluimos que o turismo em Foz do Iguaçu é uma realidade recente e contemporânea à cidade moderna, na fronteira. Porém sua realidade tem sido mistificada pela literatura e ciência. Afirmo isso pois, as fontes que destacam as viagens modernas alheias ao turismo, modernas/pré-turísticas (como as viagens da conquista, viagens científicas e demais viagens não identificadas pelo consumo de lugares e paisagens) como caracterizamos por Bourdieu, entram por contrabando na fronteiras do conhecimento científico.

Os relatos de viagem não-turística (*travels writings*), conformam um gênero literário cujos relatos permitem outras leituras no período da conquista colonial, do colonialismo ou do imperialismo. Sua interpretação passa por reconhecer a experiência do narrador e leitor para demarcar os choques e conflitos culturais evidentes nesta literatura. São também balizas para uma interpretação do percurso das viagens, as formas de catalogação e também à constituição dos acervos ou arquivos científicos. Também podem ser interpretadas como uma etapa no desenvolvimento das ciências naturais, sociais e humanas. Nestes relatos de viagens identificamos a produção do inventário, acervo e imaginário ligado a América Latina e sua natureza, o qual não escapou a Terra das Cataratas.

Por isso, reconhecemos que a imagem das Cataratas do Iguaçu também é

relacionada a iconografia e a cinematografia, ao campo das artes visuais. Esta iconografia também tem sido utilizada para definir uma origem mítica do turismo, assim como os relatos de viagens pré-turística, mas que em suma os mesmos servem apenas para interpretar a maneira como ocorrem associações entre viagens alheias ao turismo com o discurso e retórica da sua atividade em termos concretos. Assim, para escapar da narrativa mitificada ou encantada da realidade turística, buscamos reconhecer os usos da memória e narrativa da cidade como enunciação da *vocação turística e concretude do turismo* em Foz do Iguaçu.

O aporte fornecido por Aparecida Darc de Souza e Everaldo Batista da Costa, constituíram pela história econômica e geografia cultural do turismo um diálogo/ponte entre a construção da narrativa literária identificada com a região e a cartografia da cidade turística. Ambos conceitos (*vocação turística e concretude*) demarcaram de maneira teórica a realidade concreta da cidade turística. Pode-se afirmar com base neles que a memória da cidade constituída por grupos letrados, ligados a sociedade tradicional iguaçuense como narrativas literárias, não podem ser confundidas ou utilizadas para dar sentido ao presente e muito menos, ser um fundamento para os mitos da gênese do turismo em Foz do Iguaçu.

Os Parques Naturais existentes na fronteira (i.e., o Parque Nacional do Iguaçu e Parque Nacional Del Iguazú), atuam como verdadeiros dispositivos técnicos que reivindicaram e conquistaram uma territorialidade duvidosa até os primeiros anos do século XX. Nela identificamos uma pré-história do turismo nas Cataratas do Iguaçu com disputas antes mesmo da eclosão do turismo de massa no mundo. Enxergadas como sendo própria para execução de um projeto hidrelétrico, revelamos também que o turismo nunca foi uma unanimidade em termos da melhor utilização do recurso natural, variável também observada nas Cataratas do Niágara e Cataratas Vitória. Contudo, destacamos vários elementos que apontam para a consolidação das Cataratas do Iguaçu como um destino turístico internacional classificado e inscrito no Mapa do Turismo Brasileiro. Esses elementos são: as taxas de visitação em Foz do Iguaçu, a Lei Municipal nº 177, a criação Conselho Municipal de Turismo em Foz do Iguaçu (COMTUR), a construção da Ponte da Amizade e “zona franca” em Ciudad Del Este, além do incremento e desenvolvimento da infraestrutura associado a Usina de Itaipu. Além disso processo e instâncias estaduais e nacionais que atuaram na elaboração de planos para o turismo local.

Não menos importante, consideramos ser a classificação das Cataratas do

Iguaçu na lista do Patrimônio Natural da UNESCO, pois ela envolve e conecta a comunidade local, com o mundo através do turismo e assim facilita a compreensão de que Foz do Iguaçu figura como uma cidade da humanidade ou ainda, uma cidade-patrimônio-mercadoria por sua referência simbólica que sustenta a cidade enquanto um destino turístico internacional ligado ao Patrimônio Mundial da Humanidade.

Portanto, o turismo que se desenvolve de maneira interdependente e integrada com as demais cidades da Fronteira Trinacional, não facilita a identificação de qual o principal atrativo turístico na constituição da Foz do Iguaçu como destino internacional, entretanto, revela a entrada do turismo internacional pelo patrimônio cultural/natural destacado como uma das Sete novas Maravilhas da Natureza. Por esta referência internacional podemos identificar a concretude do turismo local sob dois prismas: a produção do espaço e sua mercantilização pelo turismo; pressuposto que revelou os parques nacionais como uma baliza a ser considerada em termos de consolidação do turismo na “Terra das Cataratas”. Ainda assim, destacamos que estas não são as únicas e estão alinhadas e até mesmo confundem-se, com a variante do turismo de compras simbolizado pelo intenso fluxo transfronteiriço na Ponte da Amizade e Usina de Itaipu Binacional como marcas simbólicas que dão significado distintivos e/ou constitutivos para o turismo na Tríplice Fronteira.

As noções de sombra da maravilha e turismo contraluz, trazem consigo um estudo de tipo mais sociológico e crítico. Por sombra da maravilha entendemos as problemáticas ocultas na imagem de destino de Foz do Iguaçu. A cidade é aqui definida pela capacidade do turismo em transformar a realidade e cotidiano num produto ou recurso turístico. Ela está portanto para além da face maravilhosa das Cataratas e se reproduz por lógicas perversas de dominação, exploração e poder ligados ao turismo.

As “sombras” interpretadas de enquanto metáfora permite revelar aquilo que está oculto na cidade. Por exemplo: os parques naturais, o uso alegórico de uma natureza intocada, considerados como elemento norteador de defesa de fronteira e tampão geopolítico que cria-se evidências de um refúgio imaginado que não tem nada de natural e com uso alegórico para o turismo ecológico, sustentável ou natural. Nessa natureza, recriada, invisibiliza-se a desflorestação e o deslocamentos de diferentes comunidades para fora dos limites atuais do Parque Nacional do Iguaçu e/ou lago artificial de Itaipu. Além disso, os

Parques Nacionais revelados por seu objetivo de proteção, integridade e soberania nacional no limite fronteiro, confrontam com as recorrentes tentativas de abertura do Caminho do Colono e pelo qual identificamos os conflitos na participação das comunidades locais quanto às decisões relacionadas ao turismo. Outra marca é a privatização do centro turístico no Parque Nacional para a Cataratas S/A, além da mercantilização das pequenas cachoeiras existentes na cidade e região de modo que se contrastam com a ideia de locais de interesse público e internacional.

Pelas sombras também são observadas a perda do patrimônio natural ligado às cataratas “aplainadas” no Parque Nacional das Sete Quedas em Guaíra como uma das maiores cachoeiras do mundo que certamente seria a número um do mundo em termos de atrativo turístico, superando o posto que é ocupado pelas Cataratas do Iguaçu. De outro modo, caso não houvesse sido apainado o patrimônio cênico em Guaíra, existiriam certamente duas Maravilhas da Natureza no Oeste do Paraná. Identificamos com isso que nas sombras da imagem multicultural e pluriétnica caminham os projetos civilizatórios, os choques de narrativas e o longo processo de construção da realidade da identidade nacional na fronteira.

A multiculturalidade interétnica, a pluralidade linguística e gastronômica ou ainda, a religiosidade intercultural, contribui como vimos, para ocultar e invisibilizar as tensões mais evidentes dos conflitos. Por exemplo: a segregação urbana e social, a gentrificação e principalmente a reificação da paisagem cultural como produto ou mercadoria. Em outro momento vimos que a astronomia ou cartografia das populações guarani, permanecem relegadas à sombra da astronomia positivista. O espetáculo cênico e interesses dos operadores do turismo, dá forma ao ideal de conveniência para o uso da cultura e no qual entra o artesanato guarani como um claro exemplo da inserção e exploração da sua força de trabalho no mercado cultural e turístico.

Outros exemplos dessas sombras são os “rituais” indígenas, mostras da ‘culinária típica’ como pseudos-rituais que constata-se um uso alegórico da cultura guarani no “Museo De La Tierra Guarani” na cidade de Hernandaria no Paraguai. Em conjunto revelam tensões e contradições quanto às representações turísticas e entrada do turismo nas comunidades MBYÁ-Guarani da região da Fronteira Trinacional. Assim, parafraseamos o escritor Rafael Barrett para reconhecer as populações nativas como uma *“inofensiva sombra*

errante” que caminham nas sombras da projeção da imagem da cidade turística. De outro modo, reconhecemos que o turismo contrasta nas comunidades guaranis as apresentações cênicas e teatralizadas e idealizadas de uma natureza intocada e selvagem. O turismo neste contexto revela-se enquanto um remédio constituído por uma cidade que tem por objetivo exercer sua vocação turística, nele se ocultam os ossos das populações nativas onde os brancos se fazem sombra como enunciamos pelo trecho do documentário “Pueblos Originários” produzido pelo Canal Encuentros e trás à fala do líder religioso Rodolfo Chamorro.

Reconhecemos no turismo étnico ou religioso de Foz do Iguaçu, outras sombras quanto a religiosidade de matriz africana e também nas sombras da perspectiva do patrimônio histórico e cultural, problematizamos os reais limites e o etnocentrismo representado pelo turismo étnico na região. Nele identificamos um corte mais cultural que liga-se à temática da multiculturalidade interétnica, a pluralidade linguística e gastronômica ou ainda, a religiosidade intercultural que desperta atenção do mercado mundial, porém sua evidência, também contribui para ocultar e invisibilizar as tensões e conflitos.

Consideramos oportuno destacar que no Mapa do Turismo Brasileiro de 2019, o município de Foz do Iguaçu é catalogado como uma região turística classificada como sendo da categoria “A”. Reforçamos que neste mapa estão classificados mais de 2.694 quatro municípios, dentre os quais 2,30% ou, em números mais precisos sessenta e dois municípios são classificados na categoria A. Destacamos que Foz do Iguaçu é o único destino turístico a receber tal classificação, e que está localizado em uma região de Fronteira Trinacional. Chama atenção a maneira como é denominado o destino ou região turística no qual está inserido o município de Foz do Iguaçu. Ela é definida: “Cataratas do Iguaçu e Caminho ao Lago de Itaipu”. Esse itinerário que descreve a forma como está catalogado o município e região turística, nos permite analisar com mais propriedades as sombras e o turismo contraluz. Sustentamos tal posição, pois nem todos os recursos culturais e naturais são incorporados à valorização do turismo na Terra das Cataratas. É deste ponto de inflexão e reflexão relevante destacar o turismo contraluz.

A cidade turística foi interpretada desde sua realidade *vocacional* e *concreta*. É por certo, polissêmica e polifônica. Ela revela-se pelas luzes e/ou, reproduz-se

pelas sombras. Colocar a realidade turística de Foz do Iguaçu a contraluz do conhecimento científico é refletir sobre o cotidiano social das populações locais e seus vínculos com as viagens turísticas ou não-turísticas na “Terra das Cataratas”. O turismo que é posto contraluz emerge do olhar sociológico e buscou atualizar os conhecimentos produzidos pelo campo acadêmico nas últimas décadas. A referência internacional para o turismo é analisada à contraluz da expressão cênica do turismo cultural nos shows em resorts, cassinos e hotéis. O “Show Latino” um exemplo que colocado à contraluz da análise de George Yúdice, encontramos semelhanças entre Foz do Iguaçu-BRA, Miami-EUA e Tijuana- MEX que ligam-se ao uso da imagem hibridizada e cultura latino-americana como recurso para promoção como destino turístico.

Expressões estetizadas e estandarizadas das identidades culturais ou étnica/religiosa, são revelados na contraluz dos slogans “Terra de Todas as Gentes” e “Destino do Mundo”. Uma breve amostra do modo como ocorre a conquista colonial contemporânea pelo turismo que se alinha à flexibilização do trabalho e plataformas digitais nas novas “relações turísticas” do século XXI. Estas e outras evidências mostram o turismo em Foz do Iguaçu como parte da reconstrução das fronteiras civilizacionais em um novo paradigma econômico, eu diria, de tipo colonialista ligado à globalização. O turismo em Foz do Iguaçu, assim como em outras regiões da América Latina, deve ser colocado à contraluz dos problemas globais mais emergentes, e que estão identificados pela dissertação, que envolve e transborda a fronteira incorporando-a, fazendo que as fronteiras linhas simbólicas e as narrativas históricas sejam redesenhadas neste contexto narrado pela multiculturalidade, alteridade e construção do cotidiano pela diferença.

Sem serem confundidas com o ‘autêntico’ e o intercultural, sustentamos que a aparência que satisfaz o mercado devem ser colocadas contraluz da pesquisa científica para uma melhor visualização das relações de poder, fetiche e assimetria que estão nas sombras do consumo da Terra das Cataratas. Por fim, gostaríamos de reforçar que tais noções revelam um corte relacional do turismo em Foz do Iguaçu, i.e., a sombra da maravilha e o turismo contraluz para uma melhor identificação e reconhecimento da realidade turística que está ligada ao cotidiano social e os inúmeros mitos representados pelos slogans do turismo que contribuem para alavancar a imagem turística.

Neste corte sociológico, reconhecemos nas múltiplas sombras do turismo os estereótipos e dubiedade cultural ligada ao continente, além disso, formas de inserção de práticas turísticas marginais dando características perversas na forma à exploração turística neocolonial. Ao colocar estas e outras relações contraluz do conhecimento interdisciplinar e da sociologia do turismo, acreditamos que se refaz uma narrativa verossímil da realidade que envolve a vocação e concretude do turismo em Foz do Iguaçu. Esperamos que ela possa encorajar novas pesquisas que caminhem neste sentido de relacionar a “cidade na fronteira” - com a - “cidade turística” como destino internacional com o mundo globalizado pela produção dos bens materiais e simbólicos. Aqui estas relações e representações que atravessam diferentes campos sociais, são melhores representadas pelo consumo e mercadorização da realidade pelo turismo.

Com esta visão mais ampla e crítica da imagem turística da Terra das Cataratas, esperamos ter alçados novos horizontes para sua interpretação. E, diferente de encerrar a discussão, nossa análise pretende encorajar, como já foi dito, novas pesquisas que assumam o turismo da cidade como fonte para problematizações teóricas e reflexão crítica da pesquisa científica. Por esta disposição, dissertamos ao longo deste trabalho!

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. *Dialética do esclarecimento*, v. 2, p. 113-156, 1985.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Indústria cultural**. El Cuenco de Plata, 2013.
- AFONSO, Germano Bruno. *As Constelações Indígenas Brasileiras*. 2014.
- ALVES, Benno Victor Warken. **Brasileiro, branco: a fronteira da branquitude no Paraná**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- ALVETTI, Celina. *O cinema brasileiro na crônica paranaense dos anos trinta*. Diss. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da USP. São Paulo, 1988.
- ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado. **Rio de Janeiro: Graal**, v. 2, 1985.
- ANCEL, JACQUES. **Géopolitique**, Paris. 1936.
- ANCEL, Jacques. **Géographie des frontières**. FeniXX, 1938.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. 1993.
- ANDERSON, Benedict; MIRA, Catarina. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo**. 2005.
- ARENDT, Hannah. Philosophy and politics. **Social research**, p. 73-103, 1990.
- ARENDT, Hannah. **Filosofía y política**. Besatari, 1997.
- ARANHA, Bruno Pereira de Lima. **De Buenos Aires a Misiones: civilização e barbárie nos relatos de viagens realizadas à terra do mate (1882-1898)**. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- ARRUDA, G.; RITT, E. Colônia militar de Foz do Iguaçu: uma experiência administrativa do exército brasileiro. 2010.
- AYALA, Camila Soprani et al. Adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação: um estudo sobre a escolarização no anos de 2016 e 2017 no centro de socioeducação de Foz do Iguaçu-PR. 2018.
- BACHELARD, Gaston. A formação do espírito científico. **Rio de Janeiro: Contraponto**, v. 1938, 1996.
- BACK, Silvio. *Cinema Paranaense*. Curitiba, Ed. do autor, 1968.
- BÄR, Eliana Cristina et al. Parque Nacional do Iguaçu e comunidades do entorno: gestão e conflitos. 2009.
- BARRETTO, Margarita. **Planejamento e organização em turismo**. Papirus, 1996.
- BARRETT, Rafael. **El dolor paraguayo**. OM Bertani, 1911.

- BAUD, Michiel. Fronteras y la construcción del Estado en América Latina. IN. Gustavo Torres Cisneros [comp.], Cruzando fronteras. **Reflexiones sobre la relevancia de fronteras históricas, simbólicas y casi desaparecidas en América Latina**. Quito, Abya-Yala, p. 46, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt et al. **Reflexiones sobre un mundo líquido**. Paidós, 2017.
- BELAÚNDE, Víctor Andrés. **La Frontera en Hispano-américa**. Mercurio Peruano. Journal de Humanidades, v. 10, n. 56, 1923.
- BELAUNDE, Víctor Andrés. **La realidad nacional**. Editorial "Le Livre libre", 1931.
- BÉLIVEAU, Verónica Giménez; MONTENEGRO, Silvia (Ed.). La triple frontera: Dinámicas culturales y procesos transnacionales. Espacio Editorial, 2010.
- BENETTI, Rosalice Carriel. O “YGUAÇÚ” DE VLADIMIR KOZÁK E O TERRITÓRIO DO IGUAÇU.
- BENETTI, Rosalice Carriel. Vladimir Kozák: sentimentos e ressentimentos de um "lobo solitário". 2016.
- BENJAMIN, Walter et al. **El narrador**. Ediciones/Metales Pesados, 2008.
- BERNARDO, Edgar. Abordagens teóricas ao turismo. 2013.
- BETIOL, Laércio F. **Itaipu: modelo avançado de cooperação internacional na Bacia do Prata**. FGV, Instituto de Documentação, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1983.
- BIEHL, Janet; STAUDENMAIER, Peter. **Ecofascism: lessons from the German experience**. Edinburgh: AK Press, 1995.
- BIESEK, Ana Solange; CARDOZO, Poliana Fabíula. Interpretação do Patrimônio Ambiental: O caso do Parque Nacional do Iguazu (Foz do Iguazu, PR). CULTUR-Revista de Cultura e Turismo, v. 6, n. 4, p. 113-123, 2015.
- BOULLÓN, Roberto. Planificación del espacio turístico. **Trillas: México**, 1991.
- BOISSEVAIN, Jeremy. The impact of tourism on a dependent island: Gozo, Malta. In. **Annals of tourism research**, v. 6, n. 1, p. 76-90, 1979.
- BOISSEVAIN, Jeremy et al. Towards a social anthropology of the Mediterranean [and Comments and reply]. **Current Anthropology**, v. 20, n. 1, p. 81-93, 1979.
- BOND, Rosana. **A saga de Aleixo Garcia: o descobridor do Império Inca**. Editora Insular, 1998.
- BOND, Rosana. História do caminho de Peabiru: Descobertas e segredos da rota indígena que ligava o Atlântico ao Pacífico. **Rio de Janeiro: Aimberê**, 2009.
- BOND, Rosana. O Caminho de Peabiru. 1996.
- BOORSTIN, Daniel J. **The image: A guide to pseudo-events in America**. Vintage, 2012.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. El

- ofício del sociólogo. Presupuestos epistemológicos. 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. Los tres estados del capital cultural. **sociológica**, v. 2, n. 5, p. 11-17, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**/Pierre Bourdieu; Tradução: Mariza Corrêa – 11ª ed. - Campinas, SP: Papirus, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. Le champ économique. In. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 119, n. 1, p. 48-66, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Oeiras: Celta Editora, 1997, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. São Paulo: Edusp, 2007.
- BOXER, Charles Ralph. **A igreja militante e a expansão ibérica (1440-1770)**. Editora Companhia das Letras, 2007.
- BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Edusc, 2003.
- BRÍTEZ, Blas. Rafael Barrett: Dialéctica del novecentismo y el anarcosindicalismo. **Pensamiento Crítico en el Paraguay**, p. 11, 2014.
- BUNNELL, Lafayette Houghton. Discovery of the Yosemite, and the Indian War of 1851: Which Led to that Event. FH Revell Company, 1892.
- CADERNOS DA ILHA**, n. 2, Florianópolis, fevereiro de 2004.
- CARDIN, Eric Gustavo; COLOGNESE, Silvio Antônio (Ed.). **As ciências sociais nas fronteiras: teorias e metodologias de pesquisa**. Editora Gráfica JB, 2014.
- CARDIN, Eric Gustavo. Laranjas e sacoleiros: Um estudo da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo. EDUNIOESTE: Cascavel, 2011.
- CARDIN, Eric Gustavo. Expansão do capital e desenvolvimento regional: Foz do Iguaçu entre o legal e o ilegal. **Ideação**, v. 12, n. 1, p. 101-117.
- CARDOZO, Poliana Fabiula; DEMCZUK, Paula Grechinski. Turismo em Foz do Iguaçu, PR: o patrimônio cultural libanês. **Rosa dos Ventos**, v. 7, n. 3, p. 411-422, 2015.
- CARDOZO, Poliana Fabiula. Possibilidades e limitações do turismo étnico: a presença árabe em Foz do Iguaçu. 2004. Tese de Doutorado. Dissertação (mestrado)–Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul.
- CARDOZO, Poliana Fabiula. A imigração árabe em Foz do Iguaçu: conservando sua cultura através de suas instituições representativas. **Organizações e Turismo**. Caxias do Sul: Educs, 2004.
- CARNEIRO, Henrique Soares. O múltiplo imaginário das viagens modernas: ciência, literatura e turismo. **História: Questões & Debates**, v. 35, n. 2, 2001.
- CASTELLS, Carlos. Política e Historia: Rafael Barrett y una tercera mirada en las polémicas sobre el pasado y el presente en el Paraguay del Novecientos. **Folia Histórica**

del Nordeste, n. 33, p. 61-84, 2018.

CALDERÓN, Héctor. **Criticism in the borderlands: Studies in Chicano literature, culture, and ideology.** Duke University Press, 1991.

CAMPANA, Silvio; ALENCAR, Chico. Retratos de Foz do Iguaçu. Umuarama - Paraná: Gráfica Editora Paraná, 1997.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad.** México, 1989.

CANCLINI, Néstor García; COELHO, Cláudio Novaes Pinto. **As culturas populares no capitalismo.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

CATTA, Luiz Eduardo. O cotidiano de uma fronteira: a perversidade da modernidade. Edunioeste, 2003.

CATTA, Luiz Eduardo et al. O cotidiano de uma fronteira: a perversidade da modernidade. 1994.

CATTA, Luiz Eduardo. O Cotidiano de uma Fronteira: a Perversidade da Modernidade. Florianópolis/SC: UFSC. 1994. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado.

CHAGAS, Nádia Moreira. **Europeus e indígenas: relações interculturais no Guairá nos séculos XVI e XVII.** 2010. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2012.

CHAUÍ, Marilena Sousa. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas / Marilena Chauí – 8. ed. - São Paulo : Cortez, 2000.**

CHMYZ, Igor. Pesquisas arqueológicas nas reduções jesuíticas do Paraná. **Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes**, v. 15, p. 39-58, 2001.

COELHO JUNIOR, Carlos Alberto Teixeira. Pelas Selvas e Rios do Paraná. Curitiba: Editora Guaira Limitada, 1946.

COLMÁN, Emilio Alapanian. **Identidades em confronto: imagens do Brasil e do Paraguai nos jornais O Estado de São Paulo e La Tribuna durante o caso dos Saltos Sete Quedas/Guairá (1963-1966).** 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

COLODEL, José Augusto. Obrages companhias colonizadoras: Santa Helena na História do Oeste Paranaense até 1960. Prefeitura Municipal da Santa Helena Itaipu Binacional, 1988.

COLOGNESE, Silvio Antonio. O desenvolvimento da sociologia no Oeste do Paraná. Tempo da Ciência, v. 12, n. 24, p. 145-160.

CONTE, Cláudia Heloísa. Compreendendo o papel de Foz do Iguaçu/PR na rede de cidades com base nos deslocamentos pendulares. *Terr@ Plural*, v. 7, n. 1, p. 61-78, 2013.

CONTE, Cláudia Heloísa. O turismo de Foz do Iguaçu (Paraná, Brasil) e sua inserção dentro da rede internacional de cidades. *Turismo e Sociedade*, v. 6, n. 2, 2013.

CONTE, Cláudia Heloísa. Foz do Iguaçu-PR na rede de cidades. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá.

COSTA, Luciana de Castro Neves. **Turismo e paisagem cultural: para pensar o transfronteiriço**. 2014.

CORONEL, Oberty et al. Práticas sociais e trajetórias dos trabalhadores brasileiros nas empresas de Ciudad Del Este Paraguai. 2013.

CORRAL SÁNCHEZ-CABEZUDO, Francisco. **Vida y pensamiento de Rafael Barrett**. Universidad Complutense de Madrid, Servicio de Publicaciones, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetoórias geográficas**. 1997.

CORRÊA, Ricardo Antonio. Índice de desenvolvimento sustentável do município de Foz do Iguaçu. 2010. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá.

CHMYZ, Igor. Dados parciais sobre a arqueologia do Vale do Rio Paranapanema. **Publicações Avulsas**, v. 6, p. 59-78, 1967.

CLIFFORD, James. Spatial practices: fieldwork, travel, and the disciplining of anthropology. **Anthropological locations: Boundaries and grounds of a field science**, p. 185-222, 1997.

CRESTANI, Leandro de Araújo. Nas fronteiras do Oeste do Paraná: Conflitos Agrários e Mercado de Terras (1843/1960). Saarbrücken. **Novas Edições Acadêmicas**, 2013.

CURY, M.J.F. **Visitação em Áreas Naturais Protegidas: Estudo Comparados dos Parques Nacionais del Iguazú e do Iguaçu**. Dissertação de Mestrado. ECA-USP. Abril-2003.

CURY, Mauro José Ferreira. **Territorialidades transfronteiriças do Iguassu (TTI): interconexões, interdependências e interpenetrações nas cidades da tríplice fronteira-Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Este (PY) e Puerto Iguazú (AR)**. 2010. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado em Geografia–UFPR.

CURY, Mauro José Ferreira; FRAGA, Nilson Cesar. Conurbação Transfronteiriça e o Turismo na Tríplice Fronteira: Foz Do Iguaçu (Br), Ciudad Del Este (Py) e Puerto Iguazú (Ar). *ROSA DOS VENTOS-Turismo e Hospitalidade*, v. 5, n. 3, 2013.

DANDOLINI, Adriana de Oliveira Vasconcellos et al. Empreendedorismo feminino, gênero e liberdade: histórias de mulheres empreendedoras na cidade de Foz do Iguaçu/PR. 2018.

DANN, Graham; COHEN, Erik. Sociology and tourism. In. **Annals of tourism research**, v. 18, n. 1, p. 155-169, 1991.

DAVI, Elen Patrícia de Jesus Silva et al. Trabalhadores na " fronteira": experiências dos sacoleiros e laranjas em Foz do Iguaçu-Ciudad Del Este (1990/2006). 2008.

DA COSTA, Everaldo Batista. Utopismos patrimoniais pela América Latina, resistências à colonialidade do poder. 2016.

DA COSTA, Everaldo Batista. A concretude do fenômeno turismo e as cidades-patrimônio-mercadoria: uma abordagem geográfica. Livre Expressão, 2010.

DA COSTA, Everaldo Batista. FUNDAMENTOS DE UMA EMERGENTE PATRIMONIALIZAÇÃO GLOBAL. Geografia, v. 39, n. 2, 2014.

DA SILVA, Micael Alvino. Fragmentos de uma história paranaense-Repressão policial na parte brasileira da tríplice fronteira (1942-1945). **História na Fronteira**, v. 1, n. 1, p. 27-60, 2008.

DE ARAÚJO CRESTANI, Leandro; SCHALLENBERGER, Erneldo. Semelhanças, diferenças e interconexões do processo imigratório na fronteira Argentina/Brasil. In: **II Encontro Humanístico Multidisciplinar e I Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares**. 2016.

DE BRITO, José Maria; GRAHL, João Arthur Pugsley; JULIANO, Alessandra. **Descoberta de Foz do Iguaçu e fundação da Colônia Militar**. Travessa dos Editores, 2005.

DE HOLANDA, Sérgio Buarque. **Visão do paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DE HOLANDA, Sérgio Buarque; EULÁLIO, Alexandre; RIBEIRO, Leo Gilson. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DE KADT, Emanuel. Tourism: Passport to Development. **Perspectives on the social and cultural effects of tourism in developing countries**, 1979.

DE KADT, Emanuel. Social planning for tourism in the developing countries. **Annals of Tourism Research**, v. 6, n. 1, p. 36-48, 1979.

DE LIMA ARANHA, Bruno Pereira. Rumo à fronteira de Misiones: O “Destino Manifesto” Argentino (1882-1898). **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, p. 225-248, 2014.

DE LIMA ARANHA, Bruno Pereira. Choques na fronteira: viajantes brasileiros e argentinos no Alto Uruguai e no Alto Paraná (1889-1894).

DE LIMA ARANHA, Bruno Pereira. ESPAÇOS EM DISPUTA: AS IMPRESSÕES DE UM VIAJANTE ARGENTINO SOBRE A FRONTEIRA BRASIL-ARGENTINA (1897-1898). **JAMAXI**, v. 1, n. 1, 2017.

DE MARTINS, Lavínia Raquel Martins; VAN DE MEENE RUSCHMANN, Doris. Desenvolvimento histórico turístico estudo de caso: Foz do Iguaçu–PR. 2010.

DE MASI, Domenico. **A sociedade pós-industrial**. Senac, 1999.

DE MELLO, Maria Elizabeth Chaves. O relato de viagem–narradores entre a memória, o fictício e o imaginário. Gragoatá, v. 15, n. 28, 2019.

DE MELLO, Maria Elizabeth Chaves. O ENCONTRO ENTRE O OUTRO E O MESMO NA LITERATURA DE VIAGENS. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 21, n. 38, p. 64-73, 2019.

DE OLIVEIRA, Ricardo Costa. **O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e estado no Paraná**. Moinho do Verbo Editora, 2001.

DE PAULA, Ana Paula Paes. Tragtenberg revisitado: as inexoráveis harmonias administrativas e a burocracia flexível. In. **Revista de Administração Pública**, v. 36, n. 1, p. 127-144, 2002.

DIAS JÚNIOR, Waldson de Almeida. A Ponte da "Modernidade": Representações e Relações Brasil-Paraguai durante a construção da Ponte da Amizade (1956-1965). 2018. Dissertação de Mestrado.

DIEGUES, Antonio Carlos S. As áreas naturais protegidas, o turismo e as populações locais. **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente**, v. 2, 1999.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **Populações tradicionais em unidades de conservação: o mito moderno da natureza intocada**. Núcleo de Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas do Brasil, 1993.

DIEGUES, Antonio Carlo Santana. **O mito moderno da natureza intocada** / Antonio Carlos Santana Diegues. - 3.^a ed. - São Paulo : Hucitec Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2000.

DOLZAN, Rafael Rodrigues et al. A relação entre a atuação do estado no combate contrabando e ao descaminho na tríplice fronteira e a redução populacional de Foz do Iguaçu no início do século XXI. 2019.

DOMÍNGUEZ, Jorge I.; MARES, David R. **Boundary Disputes in Latin America**. United States Institute of Peace, 2003.

DOMARESKI RUIZ, Thays Cristina et al. O Ciclo de Vida e o Posicionamento Competitivo dos Produtos Turísticos de Foz do Iguaçu desde a Perspectiva dos Atores Locais. *Investigaciones Turísticas*, v. 6, 2013.

- DOMARESKI, Thays Cristina et al. A Competitividade das Destinações Turísticas: O caso de Foz do Iguaçu (PR), BRASIL. 2011.
- DOS SANTOS, Rafael José. Antropologia, sociologia e estudos do Turismo: contribuições para um diálogo interdisciplinar. **Revista Hospitalidade**, v. 2, n. 2, p. 23-46, 2005.
- DROZDOWICZ, Maksymilian. Rafael Barrett y Augusto Roa Bastos: dos voces en contra de los yerbales. **Studia Romanistica**, v. 2, 2010.
- EAGLETON, Terry. A ideia de cultura. Unesp, 2005.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador 2**. Zahar, 1993.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador 2: formação do Estado e civilização**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1993.
- FERNANDES, João Luís Jesus, **Turismo e fronteiras: uma relação dinâmica entre o turismo cultural e político**; in. DOS SANTOS, Norberto Pinto. Espaços e tempos em Geografia. Homenagem a António Gama. Cadernos de Geografia, n. 37, p. 563, 2018.
- FERRARI, Maristela. **Conflitos e povoamento na fronteira Brasil-Argentina: Dionísio Cerqueira (SC), Barracão (PR), Bernardo de Irigoyen (Misiones)**. Editora UFSC, 2010.
- FERREIRA, Marcos Alan Fagner dos Santos et al. A política de segurança dos Estados Unidos e a tríplice fronteira no pós 11 de setembro= uma análise dos interesses norte-americanos e o posicionamento brasileiro. 2010.
- FIGUEIREDO, Silvio Lima; VAN DE MEENE RUSCHMANN, Doris. Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. **Novos cadernos NAEA**, v. 7, n. 1, 2008.
- FLORES, Moacyr. Colonialismo e missões jesuíticas. 1983.
- FORBES, Jack D. **Africans and Native Americans: The language of race and the evolution of red-black peoples**. University of Illinois Press, 1993.
- FORBES, Jack D. **Columbus and other cannibals: The Wetiko disease of exploitation, imperialism, and terrorism**. Seven Stories Press, 2011.
- FORBES, Jack D. **The American Discovery of Europe**. University of Illinois Press, 2010.
- FURLONG, Guillermo; DE MONTOYA, Antonio Ruiz. **Antonio Ruiz de Montoya y su carta a Comental (1645)**. Theoría, 1964.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

FRAGA, Nilson Cesar. Contestado: a grande guerra civil brasileira. **Paraná, Espaço e Memória—diversos olhares histórico-geográficos**. Curitiba: Ed. Bagozzi, p. 228-255, 2005.

FRAGA, Nilson Cesar; LUDKA, Vanessa Maria. 100 anos da Guerra do Contestado, a maior guerra camponesa na América do Sul (1912/2012): uma análise dos efeitos sobre o território sul-brasileiro. **COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA: LAS INDEPENDENCIAS Y CONSTRUCCIÓN DE ESTADOS NACIONALES: PODER, TERRITORIALIZACIÓN, SIGLOS XIX-XX**, n. 12, p. 101-118, 2012.

FRAGA, Nilson Cesar. Mudanças e permanências na rede viária do contestado: uma abordagem acerca da formação territorial no sul do Brasil. 2006.

FRANCO, José Luiz de Andrade; SCHITTINI, Gilberto de Menezes; BRAZ, Vivian da Silva. História da conservação da natureza e das áreas protegidas: panorama geral. 2015.

FRANCO, Arthur Martins. Recordações de viagens ao Alto Paraná. Curitiba: Imprensa da Universidade Federal do Paraná, 1973.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. Schmidt, 1938.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil**. Olympio, 1968.

FREUND, Julien; NOVALES, Alberto Gil. **Sociologie de Max Weber**. Paris: Presses universitaires de France, 1966.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. Companhia das Letras, 2020.

GALDINO, Luiz. **A astronomia indígena**. Editora Nova Alexandria, 2019.

GÁNDARA, José Manoel et al. La competitividad turística de Foz do Iguaçu según los determinantes del «Integrative Model» de Dwyer & Kim: analizando la estrategia de construcción del futuro. Cuadernos de Turismo, n. 31, p. 105-128, 2013.

GASPAR, Lucas Eduardo et al. As lutas dos trabalhadores por moradia em Foz do Iguaçu, Paraná (1970-1990). 2017.

GAST, John. American Progress. **Oil painting**, v. 12, n. 3, p. 4, 1872.

GRIMSON, Alejandro. Disputas sobre las fronteras. Introducción a la edición en español. In: **La teoría de la frontera: los límites de la política cultural**. Gedisa, 2003. p. 13-24

GILBERTO, FREYRE. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1933.

GLORIA, Anzaldúa. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco, CA: Spinster/Aunt Lute, 1987.

- GOMES, Eduardo Alves. Empregadas domésticas paraguaias inseridas em Foz do Iguaçu (BR): Uma análise sobre a trajetória de vida e condições laborais. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso.
- GONZÁLEZ, Emilio et al. Memórias que narram a cidade: Experiências sociais na constituição urbana de Foz do Iguaçu. 2005. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- GONZÁLEZ CÁRDENAS, Linda Osiris. Mbyá Guarani e turismo na Tríplice Fronteira: tensões e representações turísticas sobre " O Guarani".
- GOYA, Silvia Christiane et al. Gestão ambiental e responsabilidade social: estratégias de competitividade em resorts estudo de caso tropical das cataratas eco resort em Foz do Iguaçu/PR. 2007.
- HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite: território e multi/transteritorialidade em tempos de in-segurança e contenção.** Editora Bertrand Brasil, 2018.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** TupyKurumin, 2006.
- HERRIG, Fábio Luiz Arruda. Rafael Barrett: um anarquista no coração da América do Sul* Rafael Barrett: un anarchiste dans le coeur de la Amérique du Sud. **História e Cultura**, v. 5, n. 1, p. 234-252, 2016.
- HICKS, D. Emily. **Border writing: The multidimensional text.** U of Minnesota Press, 1991.
- HUDSON, Brian J. Waterfalls resources for tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 25, n. 4, p. 958-973, 1998.
- HUDSON, Brian J. Waterfall: nature and culture. Reaktion Books, 2013.
- JAFARI, Jafar. El turismo como disciplina científica. In. **Política y sociedad**, v. 42, n. 1, p. 39-56, 2005.
- JAFARI, Jafar. La cientifización del turismo. In. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 3, n. 1, p. 7-36, 1994.
- JAFARI, Jafar. Significado sociocultural y educacional del turismo de juventud. In. **Papers de Turisme**, n. 8/9, p. 39-55, 2015.
- JALIL, Samira Abdel. Línguas, identidades culturais, migrações e narrativas: um estudo sobre falantes de árabe em Foz do Iguaçu. 2018.
- JAQUEIRA, Manoela Marli et al. O trabalhador imigrante em Foz do Iguaçu: a legislação trabalhista sob a perspectiva dos direitos fundamentais e humanos. 2016.
- JARAMILLO, A. Atlas Histórico de América Latina y el Caribe. Aportes para la descolonización pedagógica y cultural. 2017.

- JARQUE, Francisco; VINDEL, Pedro. **Ruiz Montoya en Indias (1608-1652)**. V. Suárez, 1900.
- JÚNIOR, Caio Prado. **Formação do Brasil contemporâneo**. Editora Brasiliense, 1957.
- JÚNIOR, Caio Prado. **História econômica do Brasil**. Editora brasiliense, 1978.
- KARPINSKI, Cezar et al. Navegação, cataratas e hidrelétricas: discursos e representações sobre o Rio Iguaçu (Paraná, 1853-1969). 2012.
- KAZTMAN, Rubén. Seducidos y abandonados: el aislamiento social de los pobres urbanos. **Revista de la CEPAL**, 2001.
- KASPER, Sandra Regina Severo et al. A luta internacional dos trabalhadores em educação: um estudo sobre os sindicatos em educação pública da fronteira Brasil-Paraguai-Argentina. 2017.
- KLEINSCHMITT, Sandra Cristiana; AZEVEDO, Paulo Roberto; CARDIN, Eric Gustavo. A tríplice fronteira internacional entre Brasil, Paraguai e Argentina: contexto histórico, econômico e social de um espaço conhecido pela violência e pelas práticas ilegais. *Perspectiva geográfica*, v. 8, n. 9, 2013.
- KLEINSCHMITT, Sandra Cristiana. As mortes violentas na tríplice fronteira: números, representações e controle social: estudo comparativo entre Brasil, Paraguai e Argentina. 2016.
- KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- KERN, Arno Alvarez. **Missões: uma utopia política**. Mercado Alberto, 1982.
- KREUTZ, Lúcio. Escolas étnicas no Brasil e a formação do estado nacional: a nacionalização compulsória das escolas dos imigrantes (1937-1945). **Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, v. 3, n. 5, p. 71-84, 2010.
- KJELLÉN, RUDOLF. **O Estado em Forma de Vida**. Ed. mimeografada tra, 1916.
- LEGNANI, E. Comportamentos de risco à saúde em adolescentes da Tríplice Fronteira: Argentina, Brasil e Paraguai. 2006. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos. Constructores de Otredad, p. 81, 1953**.
- LEME, Álvaro Augusto Stumpf Paes. A declaração de Iguaçu (1985): a nova cooperação Argentino-Brasileira. 2006.
- LIMA, Perci. Foz do Iguaçu e sua história. **Foz do Iguaçu: Serzegrav**, 2001.
- LIMA, Perci. Foz do Iguaçu: no contexto da história. **do Autor**, 2010.

- LUCHIARI, M. T. D. P. Turismo, natureza e cultura caiçara: um novo colonialismo. **SERRANO, CMTI; BRUHNS, MT Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente. Campinas: Papyrus**, p. 59-84, 1997.
- MAIA, Lucia Maria Andrade et al. Misérias das fronteiras: exploração sexual; crianças e adolescentes femininas em Foz do Iguaçu. 2012.
- MAIER, Mayara; YAMAMOTO, Eduardo Yuji. Cinema Paranaense: uma análise das produções em Curitiba e Londrina.
- MANARIN, Odirlei et al. Peões da barragem. Memórias e relações de trabalho dos operários da construção da Hidrelétrica de Itaipu 1975 a 1991. 2008.
- MANNHEIM, Karl, **Sociologia da cultura** / Karl Mannheim; tradução Roberto Gambini. - São Paulo : Perspectiva, 2008.
- MARANHÃO, Maria Fernanda Campelo. Contextualizando imagens paranistas (1940-1950): o filme etnográfico de Vladimir Kozák e as Ciências Sociais no Paraná. 2006. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História e Geografia do Paraná)–Faculdade Padre Bagozzi, Curitiba, 2006.
- MARANHÃO, Maria Fernanda Campelo; DO PARANÁ, Governo do Estado. Índios, negros e caiçaras: etnografia e imagem na antropologia paranaense entre as décadas de 1940 e 1950. **O ideário patrimonial**, v. 2, p. 186-219, 2014.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. **Sete ensaios de interpretação da realidade peruana**. 2. ed. São Paulo: Alfa-omega, 2004. 257 p. (Esta América, 1)
- MARQUETTI, Maria da Glória Karan et al. Análise da influência das redes sociais no consumo de narguilé por adolescentes residentes Em Foz do Iguaçu-PR. 2017.
- MARTÍ, José. **Nuestra América**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1980. 197 p.
- MARTINS, Wilson. **Um Brasil Diferente: Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná**. Editora Anhembi, 1955.
- MARUJO, Noémi. A sociologia e o turismo. 2005.
- MELO, A. A construção do objeto turístico: diálogos com a epistemologia de Gaston Bachelard e Pierre Bourdieu. **Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul–SeminTUR**, v. 4, 2006.
- MELLO, Cynthia; NETTO, Alexandre Panosso. Os signos do olhar do turista. Tributo a John Urry (1946–2016), 2016.
- MENDOZA, Justo G. Aporte de Rafael Barrett a la literatura social paraguaya. **Scriptura**, n. 21, p. 153-171, 2011.
- MILITELLI, Edson Matias et al. A representação do argentino na (s) fronteira (s). 2016.

- MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- MOLINA E., Sergio. **Planificación integral del turismo : un enfoque para Latinoamérica** --2ª ed. – México . Trilhas, 1991 (reim. 2005).
- MOLINA, Sergio; RODRIGUEZ, Sérgio. **Planejamento integral do turismo: um enfoque para a América Latina**. EDUSC, 2001. MOLINA, Sergio; RODRIGUEZ, Sérgio. **Planejamento integral do turismo: um enfoque para a América Latina**. EDUSC, 2001.
- MOLINA, Sergio. O pós-turismo. **São Paulo: Aleph**, p. 27, 2003.
- MONTEIRO, Jaecyr et al. **Nacionalização do ensino em Santa Catarina 1930-1940**. 1979.
- MONTEIRO, Jaecyr. **Nacionalização do ensino: uma contribuição à história da educação**. Editora da UFSC, 1984.
- MONTENEGRO, Silvia; GIMENEZ BELIVEAU, Veronica. **La triple frontera: globalización y construcción social del espacio**. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2006.
- MONTESQUIEU. **O espírito das leis**. Martins Fontes, 2000.
- MORAES, Keila de et al. **Uma Experiência Etnográfica de Fronteira: exploração sexual comercial de crianças e jovens na Tríplice Fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai**. 2009.
- MORAES, Keila. **Uma Experiência Etnográfica de Fronteira: exploração sexual comercial de crianças e jovens na Tríplice Fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai**. 2009. 159 f. 2009. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- MORO, Carlos Antonio et al. **Os visitantes e a implantação de trilhas interpretativas no Parque Nacional do Iguaçu, Paraná, Brasil: um estudo de caso**. 2003.
- NETTO, A.; TRIGO, L. **Turismo na América Latina: casos de sucesso**. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2016.
- OBERG, Kalervo. **Toledo: um município da fronteira oeste do Paraná**. SSR, 1960.
- OBERG, Kalervo; JABINE, Thomas. **Toledo—um município da fronteira Oeste do Paraná**. Edições SSR-Estudos, n. 3.
- OBERG, Kalervo. **Toledo, a Municipio on the Western Frontier of the State of Paraná**. 1957.
- OLIVEIRA, Bruno Vinícius Nascimento de. **" A mesopotâmia encantada": um discurso sobre Foz do Iguaçu e sua comunidade árabe no pós-11 de setembro de 2001**. 2015.
- OLIVEIRA, Daiane Gláucia de et al. **O tango espetáculo na região binacional do Brasil com a Argentina**. 2018.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de et al. O silêncio das genealogias: classe dominante e estado no Paraná (1853-1930). 2000.

OLMOS, Miguel. **Antropología de las fronteras. Alteridad, historia e identidad más allá de la línea.** Miguel Ángel Porrúa y El colegio de la Frontera Norte. México, 2007.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

PÁDUA, José Augusto. A profecia dos desertos da Líbia: conservação da natureza e construção nacional no pensamento de José Bonifácio. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 15, n. 44, p. 119-142, 2000.

PANOSSO NETTO, Alexandre; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Turismo na América Latina: casos de sucesso. **Assis: Triunfal Gráfica e Editora**, 2016.

PEREIRA, Reinalda Blanco et al. Perfil do empreendedor de sucesso do oeste do Paraná. 2001.

PARELLADA, Claudia Inês. **Villa Rica del Espiritu Santo: ruínas de uma cidade colonial espanhola no interior do Paraná.** Governo do Paraná, Coordenadoria Estadual de Museus, Secretaria de Estado da Cultura, 1993.

PARELLADA, Claudia Inês. 2009. O Paraná espanhol: cidades e missões jesuíticas no Guairá. In: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (org) Missões: conquistando almas e territórios, Curitiba: Imprensa Oficial, p.59-80.

PARELLADA, Claudia Inês. Coleções Arqueológicas no Museu Paranaense: Trajetórias e Memórias. **Revista Memorare**, v. 2, n. 1, p. 72-92, 2014.

PARELLADA, Claudia Inês. FREDERICO LANGE DE MORRETES (1892-1954) E O MUSEU PARANAENSE. **Revista Científica/FAP**, v. 20, n. 1, 2019.

PATRUNI, Anna Paula Cardoso de Paula et al. O tráfico de pessoas no contexto da exploração econômica neocolonial: dilemas, ações e solidariedade na região da tríplice fronteira (Argentina-Brasil-Paraguai). 2018.

PAZ, Octavio. **El laberinto de la soledad, Posdata, Vuelta a el laberinto de la soledad.** 3. ed. México, D. F: Fondo de Cultura Económica, 2004. 351 p. (Colección Popular, 471).

PEREIRA, Denis Scaramussa. A sociedade civil transfronteiriça: um estudo exploratório sobre a rede transnacional de combate à exploração sexual comercial infantil na tríplice fronteira Brasil, Argentina e Paraguai. 2010.

PEREIRA, Vera Regina Bacha et al. Nacionalização-autoritarismo e educação: inspetores e professores nas escolas catarinenses-1930-1940. 2004.

PIMENTEL, Fagner Barbosa. Gastronomia em Foz do Iguaçu: Aspectos Funcionais e Relacionais da Interculturalidade. **Revista Neiba, Cadernos Argentina Brasil**, v. 6, n. 1, 2017.

- PIMENTEL, Fagner Barbosa. *Gastronomia em Foz do Iguaçu como ferramenta de integração através da interculturalidade*. 2017. Dissertação de Mestrado.
- PIMENTEL, Maurício Ragagnin. *Cataratas do Iguaçu experiências e registros de uma paisagem turística*. 2010.
- PRADO, Fábio Hauagge do et al. *Grupos de pressão: teoria e prática-o caso Foz do Iguaçu*. 2003.
- PRADO, Maria Lígia Coelho. *Natureza e identidade nacional nas Américas*. In, **América Latina no Século XIX: tramas, telas e textos**. São Paulo: EDUSP, 2004.
- RAMA, Ángel. *Las máscaras democráticas del moderno*. 1985.
- RAMA, Ángel. **Aportación original de una comarca del Tercer Mundo, Latinoamérica**. Universidad Nacional Autónoma de México, Coordinación de Humanidades, Centro de Estudios Latinoamericanos, Facultad de Filosofía y Letras, 1979.
- RAMA, Ángel et al. *La ciudad letrada*. 1998.
- RAMA, Angel et al. *Más allá de la ciudad letrada*. Ediciones del Norte, 1983.
- RAMINELLI, Ronald. **Imagens da colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira**. J. Zahar Editor, 1996.
- RAMOS, Alberto Guerreiro. **A redução sociológica: introdução ao estudo da razão sociológica**. Edições Tempo Brasileiro, 1965.
- RATZEL, Friedrich. **Der lebensraum: Eine biogeographische studie**. H. Laupp, 1901.
- RATZEL, Friedrich. **Politische Geographie**, München und Leipzig. 1897.
- REIMAN, Valdirene. *O Trabalho infantil no comércio fronteiriço de Foz do Iguaçu/PR: discussões em torno das políticas públicas*. 2013.
- RENK, V. E.; GIL, GABRIEL DE S. . **A RESISTÊNCIA À ADOÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO PARANÁ DURANTE O PROCESSO DE NACIONALIZAÇÃO DO ENSINO: O DISCURSO DE INSPETORES E PROFESSORES**. In: XIX SEMIC, 2011, CURITIBA. Caderno de Resumos do XVIII Seminário de Iniciação Científica da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. CURITIBA: CHAMPAGNAT, 2011.
- RENK, Valquiria Elita. *Educação de imigrantes alemães em Curitiba*. **Revista Diálogo Educacional**, v. 5, n. 14, p. 101-111, 2005.
- RENK, Valquiria Elita. *Aprendi falar português na escola! O processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná*. 2009.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. FrontLog, 1996.

RIBEIRO, Danilo George et al. *Metamorfoses na cidade: Tensões e contradições na produção e apropriação do espaço urbano em Foz do Iguaçu*. 2015.

RIBEIRO, Gustavo Lins; DE BARROS, Flávia Lessa. *A corrida por paisagens autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade na contemporaneidade*. In. DE TOLEDO SERRANO, Célia Maria; BRUHNS, Heloisa Turini. **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente**. Papirus Editora, 1999.

RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. *Memórias Do Concreto: vozes na construção de Itaipu*. Cascavel - Paraná: Edunioeste, 2002.

RIGOBELLO, Anna Maria Felipin; JUNQUEIRA, Luiz Daniel Muniz. *Gestão de impacto de visitantes no ambiente natural: capacidade de carga do parque nacional do Iguaçu/PR*. Revista *Múltipla (UPIS)*, v. 14, p. 163-185, 2006.

RIGOBELLO, Anna Maria Felipin et al. *Foz do Iguaçu/PR: potencialidade turística do patrimônio cultural arquitetônico com significação histórica*. 2006.

RIGOBELLO, Anna Maria Felipin. *Exploração sexual de crianças e adolescentes pelas atividades turísticas: desafios e consequências ao estado brasileiro frente à Corte Interamericana de Direitos Humanos*. 2012.

RITT, EVANDRO. **A Colônia Militar de Foz do Iguaçu-PR: um projeto de consolidação de uma fronteira 1880-1920**. 2011. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Estadual de Londrina. Londrina.

ROCHA, Rafael Port da; DORFMAN, Adriana; FRANÇA, Arthur Borba Colen. *Construindo a base de dados de teses, dissertações e monografias sobre estudos fronteiriços*. Anuário Unbral das fronteiras brasileiras. Vol. 2 (2016), p. 13-59., 2016.

RODÓ, José Enrique. **Ariel: a la juventud de América**. Uruguay: Consejo de Educación Técnico Profesional, 2008. 135 p. (Serie Edición Homenaje, 18).

RODRÍGUEZ, Juan Carlos Arriaga. *El concepto frontera en la geografía humana*. In. **Perspectiva Geográfica: Revista del Programa de Estudios de Posgrado en Geografía**, n. 17, p. 71-96, 2012.

RODRIGUES, Sandra Marli da Rocha et al. *Autonomia das mulheres por meio do trabalho: um estudo de caso sobre produção e comercialização em feiras agroecológicas de Foz do Iguaçu/PR*. 2019.

ROSEIRA, Antonio Marcos. *Foz do Iguaçu: cidade rede sul-americana*. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ROSALDO, Renato. **Culture & truth: the remaking of social analysis: with a new introduction**. Beacon Press, 1993.

RUGERI, Cristine Talita; GIL, de Siqueira Gabriel. O ESTADO, A ESCOLA E A INSPEÇÃO ESCOLAR COMO FORMADOR DE VIOLÊNCIA SIMBÓLICA DURANTE O ESTADO NOVO NO PARANÁ.

SAID, Edward W. Orientalism. Vintage, 1979.

SANTOS, M. Espaço & Método. 4ª Ed. São Paulo; Nobel: 1997.

SANTOS, Milton. **Por Uma Geografia Nova da Crítica da Geografia a Uma Geografia Crítica.** 1978.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS, Milton. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI** / Milton Santos, Maria Laura Silveira. - 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SCHALLENBERGER, Erneldo. A Província Jesuítica do Paraguai e o estilo jesuítico-guarani de fazer missão. Antiguos jesuitas en Iberoamérica, v. 2, n. 1, p. 5-23, 2014.

SCHERER, Joelma Cristina Sousa et al. A análise dos impactos ambientais no processo de reestruturação da visitação do Parque Nacional do Iguaçu. 2002.

SCHIMMELPFENG, Otília. Retrospectos Iguazuenses. Foz do Iguaçu – Paraná: Editora Tezza, 1991.

SCHMITT, Judite Veranisa et al. Os atingidos por Itaipu: História e memória. Oeste do Paraná, décadas de 1970 a 2000. 2008.

SEIXAS, Lara Luciana Leal et al. Memória dos desapropriados do Parque Nacional do Iguaçu: as fronteiras do cotidiano em terras (i) legais?. 2012.

SILVA, Micael Alvino da. **Breve história de Foz do Iguaçu.** Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2014.

SILVIO, ZAVALA. **El mundo americano en la época colonial.** México, Porrúa, 1968.

SOARES, Washington Roberto Almeida et al. Negociação e hibridismo cultural no espaço missionário do Guairá pelos escritos de Antonio Ruiz de Montoya (1609-1632). 2012.

SOUZA, Aparecida Darc de. **FORMAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL DE FOZ DO IGUAÇU: um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970 – 2008).** 2008

SOUZA, Edson Belo Clemente de et al. A região do lago de Itaipu: as políticas públicas a partir dos governos militares e a busca da construção de um espaço regional. 1998.

SOUZA, Rafaela Cristina Silva de. As Comunidades Árabes Muçulmanas de Foz do Iguaçu no contexto de securitização da Tríplice Fronteira: uma perspectiva analítica da construção social de ameaças. 2017. Dissertação de Mestrado.

SOTUYO, Patrícia Claudia Godoy et al. Segregação urbana:: estudo de caso das vilas de Itaipu. 1998.

SPULDARO, Douglas Rauber. Cooperação penal internacional e o combate ao tráfico de pessoas na tríplice fronteira. 2012.

STERLING, German Adolfo Ocampo et al. Representações museográficas na fronteira: Museo de la Tierra Guaraní (Hernandárias/Paraguai) e Ecomuseu (Foz de Iguaçu/Brasil). 2011.

SZVARÇA, Décio Roberto. **O forjador: ruínas de um mito: Romário Martins**. Aos Quatro Ventos, 1998.

TAIBO, Carlos. **Colapso: capitalismo terminal, transición ecosocial, ecofascismo**. Los Libros de la Catarata, 2020.

TAYLOR, Lawrence. El concepto histórico de la frontera. Antropología de las fronteras: Alteridad, historia e identidad más allá de la línea, p. 231-261, in. M. Olmos (coord.). **Antropología de las fronteras**, 2007.

TRILHAS, CAMINHOS E ESTRADAS NO PARANÁ : séculos XVI a XIX / texto Henrique Paulo Schmidlin, Marcelo Polinari, Luiz Manfredini. - Curitiba : Secretaria de Estado da Cultura, 2009.

TURNER, Frederick Jackson et al. **The significance of the frontier in American history**. 1893.

TRAGTENBERG, Maurício. **Burocracia e ideologia**. SciELO-Editora UNESP, 2006.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 2000.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo**. Papyrus Editora, 1998.

URBAIN, Jd. Comparative semiotics of the tourist and the traveler. 1986.

URBAIN, Jean-Didier. The tourist adventure and his images. Annals of tourism research, v. 16, n. 1, p. 106-118, 1989.

URRY, John. **O olhar do turista: lugar e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: SESC, 2001.

VICENTINO, Cláudio Atla Histórico: Geral e Brasil / Cláudio Vicentino 1 ed. - São Paulo: Sci Prize, 2011.

XAVIER, Libânia Nacif. O debate em torno da nacionalização do ensino na Era Vargas. **Educação (UFSM)**, v. 30, n. 2, p. 105-120, 2005.

WEBER, Max. **Ciência e política**: Duas vocações. São Paulo: Pensamento, 1968.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

WACHOWICZ, Ruy C.; OBRAGEROS, Mensus. Colonos. **História do Oeste Paranaense. Curitiba: Vicentina**, 1982.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Universidade do Mate: história da UFPR**. Edição da APUFPR, 1983.

WESTPHALEN, Cecília Maria. Universidade Federal do Paraná: 75 anos. SBPH-PR, 1987.

WESTPHALEN, Cecília Maria. História documental do Paraná: primórdios da colonização moderna da região de Itaipu. SBPH-PR, 1987.

WILLIAMS, Raymond. Cultura: sociología de la comunicación y del arte. 1986.

WILLIAMS, Raymond; BARAVALLE, Graziella. Sociología de la cultura. 2018.

WILLIAMS, Raymond. Televisão: tecnologia e forma cultural. Boitempo Editorial, 2017.

YU, Michelle Siu Mui et al. Presença das línguas chinesas e integração de chineses em diversos espaços sociais de Foz do Iguaçu-PR: um estudo interdisciplinar. 2018.

YÚDICE, George; E SILVA, Marie-Anne. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Ed. UFMG, 2006.

Fontes:

<http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=93>

http://mbertoni.org.py/quienes_somos.php

<http://www.itcg.pr.gov.br/arquivos/File/mapa03.jpg>

<https://www.youtube.com/watch?v=-1R2ADAjji8>

<http://www.youtube.com/watch?v=s5cKScwCvzs>

<https://nature.new7wonders.com/>

<http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=31>

<http://www.youtube.com/watch?v=s5cKScwCvzs>,

http://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303444-d2331691-Reviews-Abseiling_in_the_Iguacu_Canyon-Foz_do_Iguacu_State_of_Parana.html

<https://kawalk.com.br/cataratas-vitoria-no-zimbabue/>

<http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=31>

http://www.itcg.pr.gov.br/arquivos/livro/mapas_itcg.html

<https://www.youtube.com/watch?v=5Q85a8NEyac>

<https://www.fozdoiguacudestinodomundo.com.br>

https://modeloinicial.com.br/lei/DEL-1968-1940/comissao-especial-@__V.E

<http://www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=128>

<http://www.memoriaparanaense.com.br/2020/10/19/memoria-a-musica-que-marcou-o-fim-de-sete-quedas-em-guaira/>

<https://www.mapa.turismo.gov.br/mapa/init.html#/home>

<https://day7newwonders.com>

<https://www.esmaelmorais.com.br/2016/07/luiz-claudio-romanelli-parana-terra-de-todas-as-gentes/>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/foz-do-iguacu-aposta-no-turismo-de-compras-para-restabelecer-economia>